



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

ROSIENE OMENA BISPO

**MULTILETRAMENTOS, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maceió – AL

2015

ROSIENE OMENA BISPO

**MULTILETRAMENTOS, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM
ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) com a participação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes.

Maceió

2015

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

B621m

Bispo, Rosiene Omena.

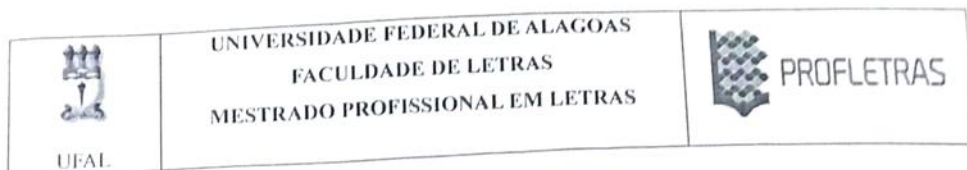
Multiletramentos, história e identidade: uma experiência com alunos do Ensino Fundamental / Rosiene Omena Bispo. – 2016.
232 f. : il.

Orientador: Luiz Fernando Gomes.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 174-179.

Anexos: f. 180-232.



TERMO DE APROVAÇÃO
ROSIENE OMENA BISPO

Título do trabalho: "MULTILETRAMENTOS, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL".

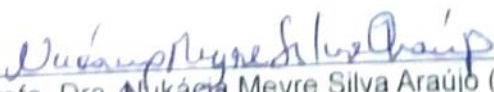
Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em 19 de fevereiro de 2016, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador/a:



Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo (UECE)



Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 19 de fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos recordando um trecho bíblico que diz: “Em tudo dai graças” (I Tes. 5:18). Assim, Senhor, eu, na minha condição de ser humano, me volto para ti, nesse momento, na tua infinita grandeza e sabedoria para elevar meu pensamento e em espírito agradecer pela dádiva da vida, pelo cuidado diário, pela proteção de tuas asas em meio às tempestades, pelo Espírito Santo que ora por mim e utiliza as palavras que necessito usar e não consigo.

E dizer-te ainda que estar nesse plano não é fácil, que talvez nunca esteja pronta o suficiente nos anos que por aqui passar para retornar para ti e apresentar as obras das minhas mãos. Mas, tenho nessa caminhada me empenhado em adquirir sempre mais conhecimento para compartilhar e somar a outros tantos que outros irmãos ao longo de suas vidas desenvolveram.

Há quem diga, Senhor, que nessa caminhada nós fazemos nossas escolhas. Há quem afirme ainda que somos predestinados. Mas como “há mais coisa entre o céu e a terra do que pode imaginar nossa vã filosofia” como já dizia William Shakespeare – não me a trevo a questionar porque nasci numa determinada família, num determinado lugar, numa determinada cultura. Todavia, de uma coisa tenho certeza: escolhi ser professora.

Essa certeza me impulsiona a olhar a minha volta e me dar conta de todas as transformações pelas quais o mundo, as pessoas e até a própria natureza vem passando. E é preciso reconhecer que nessa organização de mundo a escola é uma instituição reconhecidamente importante e não pode ser desligada do mundo social.

Nada fácil Senhor, pois graças ao avanço da tecnologia o mundo ficou menor. E as notícias já não vêm pelo correio, mas pela internet e em tempo real. Acredito que até Tu tenhas ora ou outra que parar para compreender o que acontece aqui na terra. E hás de concordar comigo que a escola é uma das instituições que reúne muitas e diferentes pessoas.

É na escola que tenho passado a maior parte dos meus dias e como somos limitados na nossa condição precisamos reconhecer que ela é tarefa para muitas mãos e muitas cabeças, tamanha é sua complexidade.

[...]

“E aprendi que se depende sempre

De tanta, muita, diferente gente

Toda pessoa sempre é as marcas

das lições diárias de outras tantas pessoas.

É tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá.
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que pense estar”
[...] (Caminhos do coração – Gonzaguinha.)

Entendi que não estava sozinha na busca de conhecimento quando me deparei com mais de 200 pessoas para fazer a prova de seleção do mestrado no bloco João de Deus na UFAL. Logo, agradeço-te Senhor por ter sido uma das selecionadas, o mestrado é para mim a realização de mais um dos meus sonhos. E para compor a primeira turma do PROFLETRAS selecionadas também foram outras pessoas.

Essas pessoas passaram a ter um rosto e fazer parte da minha vida e do meu grupo de amizade. Com elas, nas sextas-feiras, dividi mais que lanchinhos entre um intervalo e outro, dividi e somei conhecimento. A vocês por terem cruzado meu caminho: Simone Maria da Silva, Edneide Ferreira Leite, Dinho Morais, Carla Navarro, Wanderlúcia Reis de Menezes, Fabiana Santana, Leda Lins, Luciana Barros, Neyla Priscila Santos, Antonio Cesar da Silva, Amaro Santos, Rosiane Rocha, Kayllene Leite, Hélia Silva, Priscilla Melo Salvador, Marcos Suel, Cleide Calheiros, Keli Rey e Claudemira Maria Rocha Silva um brinde!

Quero ainda elevar a taça à altura do coração para conferir ao brinde maior intensidade e brindar mais uma vez com você, Claudemira, estendendo uma taça também para seu esposo Luciano, pela parceria nas viagens, pelo companheirismo, paciência e sorrisos em comemoração a esse momento especial.

A ocasião pede que mais taças sejam distribuídas e mais brindes tilintem. Recebam taças cheias de carinho e gratidão todos os professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras): Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira, Inês Matoso, Profa. Dra. Ligia dos Santos Ferreira, Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes, Prof. Dr. Helson Flávio da S. Sobrinho, Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima, Profa. Dra. Januacele da Costa; Dr. Paulo Rogério Stella, Dr. Miguel de Oliveira Junior, Dra. Maria Inez Matoso Silveira e Prof. Dr. Alan Jardel de Oliveira, pois “aqueles que passam por nós, não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.” Antoine de Saint-Exupéry. Agradeço também a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – cujo apoio permitiu maior investimento na aquisição de material de subsídio para essa pesquisa.

Abro um adendo para um brinde especial à Profa. Dra. Andréa da Silva Pereira, pela sensibilidade de me manter sob a sua guarda e, posteriormente, possibilitado ser orientada pelo Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes.

A você, meu professor orientador, que me brindou com sua presença, seus conhecimentos, seus ensinamentos, sua disposição, sua simplicidade, sua energia positiva, suas palavras certas, seu olhar crítico sobre a realidade e pela solicitude frente às minhas dificuldades, a minha eterna admiração e gratidão.

Meus agradecimentos se estendem ainda: aos professores Andréa da Silva, Sergio Ifa que aceitaram compor minha banca de qualificação e de defesa, pelas sugestões e análises significativas às quais tentarei atender na versão definitiva do texto.

Aos familiares que torcem e vibram com cada uma das minhas conquistas, em especial a minha mãe, que é meu ombro amigo e companheira, que continua ainda hoje cuidando de mim e das netas, na minha ausência, “amor incondicional” e a minha irmã Raabe, vulgo Bruxa, a quem amo, e que aplaude cada uma das minhas conquistas, assim como eu aplaudo as suas.

Aos amigos, a quem não vou nomear porque a lista seria enorme, pelo estímulo, mesmo quando o cansaço parecia me abater e principalmente pela confiança e o carinho de sempre.

Ao meu companheiro, Eraldo Pedro, a quem admiro pela força, garra, persistência e foco, que me ensinou muito sobre a vida, além, de ter trazido para ela um significado incomum sobre relacionamento pelo fato de sermos uma família atípica à nossa cultura há mais de 20 anos, mas nem por isso deixamos de ser uma.

Para finalizar quero dedicar esse trabalho as minhas filhas: Evanny Pethryle e Eshilly Rhana a quem devo educar não só com palavras, mas pelo exemplo. Vocês acompanharam de perto cada passo que dei, viram cada dificuldade, viram ainda cada superação e quanta dedicação requer o estudo.

Meu exemplo é para vocês a minha herança! Não desejo, contudo, que sejam como eu, desejo que possam ser pessoas e profissionais bem melhores, contudo, desejo que palavras como: honra, honestidade, humanidade, persistência, perseverança, alteridade e fé sejam ressignificadas por vocês a despeito do tempo e das mudanças trazidas por ele. E deixo a título de reflexão cada uma o seguinte provérbio africano: “quando não souberes para onde ir, olha para trás e sabe pelo menos de onde vens” (Provérbio africano).

RESUMO

Discuto, nessa pesquisa, o trabalho com multiletramentos como caminho para a formação identitária de alunos do 8º ano de uma escola pública municipal. O objetivo foi investigar de que maneira a sequência didática proposta, que previa o uso tecnologia, contribuiria para fazer emergir as marcas identitárias dos alunos e das comunidades onde a escola se insere. A metodologia utilizada foi a etnográfica com vistas a uma imersão na vida escolar num contexto mais amplo, que se deu por meio de visitas aos alunos, suas famílias, do conhecimento do bairro/sítio onde moram, seus lugares favoritos, espaços de lazer. Como instrumentos de registro e coleta de dados, utilizei: fotos, vídeos, entrevistas registradas em áudio, diário de bordo do professor e apresentação dos alunos. Os resultados, analisados sob a ótica dos multiletramentos, revelam histórias pessoais dos alunos, resgatam informações sobre os bairros e sítios onde moram e dos acontecimentos que marcaram a vida local e evidenciam múltiplas facetas identitárias que constroem uma nova sociabilidade. Quanto ao trabalho do professor de Língua Portuguesa, percebi que ele deve transcender o ensino de questões de língua, embora sem prescindir destes, buscando estabelecer conexões entre o cotidiano dos alunos e os conteúdos curriculares, mobilizando as outras linguagens além da verbal e recursos tecnológicos, pois, conforme concluímos, eles favorecem o contato com a realidade e possibilitam aos alunos falar e agir sobre ela.

Palavras-chave: Multiletramentos. Identidade e história. Etnografia. Imagem.

ABSTRACT

We discuss, in this research, a work with multiliteracies as a path to identity formation of 8th. graders from a public school. The aim was to investigate how the teaching sequence proposed, which provided for the use of technology, would help to bring out the identity marks of the students and the communities in which the school operates. The methodology used was ethnographic leading to immersion in school life in a broader context, which occurred through visits to students, their families, the knowledge of district / place where they live, their favorite places, and leisure facilities. As registration and data collection instruments, we used: photos, videos, audio recorded interviews, teacher logbook and students presentations. The results, analyzed from the perspective of multiliteracies reveal personal stories of students, recover information about the neighborhoods and places where they live and the events that marked the local life and show multiple facets of identity building a new sociability. As for the work of the teacher of Portuguese, I realized s/he must transcend the issues of language teaching, though without giving them up, seeking to establish connections between the students daily lives and curriculum content, mobilizing other languages in addition to verbal and technological resources, for, as we concluded, they favor the contact with reality and allow students to speak and act on it.

Keywords: Multiliteracies. Identity and history. Ethnography. Image.

LISTA DE FIGURAS

Painel 1	Selfie de famosos	63
Painel 2	(Multi) selfies dos alunos	72
Painel 3	Dica dos dois terços	78
Painel 4	Família da aluna Carla	80
Painel 5	Família da aluna Graça	82
Painel 6	Família do aluno Vinner	84
Painel 7	Família dos alunos Elves e Ivana	85
Painel 8	Família da aluna Mirella	87
Painel 9	Fotos das famílias dos alunos	96
Painel 10	Sítio Gereba	102
Painel 11	A caminho da escola	103
Painel 12	As belezas de Gereba	105
Painel 13	Conjunto Residencial Armando Lyra	107
Painel 14	Família da aluna Germana	108
Painel 15	Família da aluna Izane	111
Painel 16	Família da aluna Neyla	113
Painel 17	Família da aluna Cristiane	115
Painel 18	Igreja Matriz de São José da Laje	118
Painel 19	Entorno da casa da casa de Anne	122
Painel 20	Registro fotográfico da entrevista em sala de aula	134
Painel 21	Registro do término da entrevista 1	140
Painel 22	Registro fotográfico dos entrevistados 2 e 3	142
Painel 23	Memórias das tragédias como recurso identitário	145

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1 Uma educação para o mundo contemporâneo	19
1.1.2 Desafios contemporâneos para o ensino de Língua Portuguesa	23
1.2 Multiletramentos: cenário teórico	25
1.2.1 A Pedagogia dos multiletramentos	29
1.2.2 Multiletramentos e escrita semiótica	30
1.2.3 Semiose e os desdobramentos de uma leitura multimodal	32
1.3 Multiletramentos e formação identitária	35
1.3.1 Concepções de identidade	35
1.3.2 Identidade e memória	38
1.3.3 O processo de socialização da memória	39
1.3.4 O fortalecimento da identidade local	40
1.4 História e imagens	43
1.4.1 Identidade e fotografia	43
1.4.2 A noção de imagem: usos e significados	44
1.4.3 Letramento visual: análise da imagem fotográfica	47
1.4.4 Fotografia & História: produto cultura e conhecimentos	49
2 METODOLOGIA	51
2.1 A pesquisa	51
2.2 Naturezas da pesquisa	51
2.3 O contexto da pesquisa	53
2.4 Planejamento de ensino: uma necessidade pedagógica	54
2.5 Sequência didática	57
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	61
3.1 Organização dos dados selecionados para a análise e discussão	61
3.2 Instrumentos de geração de dados	61
3.3 Análise das fotografias: selfies	61
3.3.1 Análise de fotografias: famílias, bairros, sítios	76
3.3.2 Sítio Boa Vista	80

3.3.2.1 Complemento da análise do Sítio Boa Vista	92
3.3.3 Sítio Gereba	97
3.3.4 Conjunto Residencial Armando Lyra e Centro	106
3.3.4.1 Conjunto Residencial Armando Lyra	107
3.3.4.2 Bairro Centro	117
3.4 Entrevista	125
3.4.1 Análise da entrevista 1	132
3.4.2 Análise das entrevistas 2 e 3	141
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	153
ANEXOS	159

INTRODUÇÃO

São as experiências que vivenciamos que nos levam a fazer determinadas escolhas. A minha escolha profissional é fruto da convivência com uma professora muito especial que por sinal é minha tia. Alfabetizadora “de mão cheia” e nem sabe ela que às vezes que a acompanhei à sala de aula e muitos dos pedidos que me fez para desenhar para suas crianças, graças a minha habilidade de copista, seria determinante para escolha da minha profissão.

Leciono desde os meus 17 anos, na verdade o meu estágio de regência foi também a porta para o meu primeiro emprego. Desde então, tenho me dedicado ao ensino. Não sei se as condições sociais tivessem sido mais favoráveis naquela época teria escolhido outra profissão.

Essa escolha está atrelada a outra anterior, pela qual sou imensamente grata, que não foi minha, mas da minha mãe. Ela nunca foi à escola porque segundo dizia seu pai “lugar de mulher é em casa, ou na roça como ela vivia, cuidando de casa, filhos e marido”. A revelia e embasada na sua experiência de vida sofrida apostou num futuro melhor para seus filhos - a escola. Fiz da escolha dela o meu ideal.

No início da carreira, fui professora das séries iniciais, trabalhei com turmas do 3º ao 5º ano, antigamente 2ª a 4ª séries. Só após conseguir estar cursando letras é que fui realocada pelo município para trabalhar com a disciplina de Língua Portuguesa nos anos finais do Ensino Fundamental.

Nesse caminhar tenho me deparado com muitas mudanças sugeridas na matriz curricular da disciplina. E, quando isso acontece geralmente é uma proposta do Ministério da Educação (MEC). E, para cumprir com as políticas públicas os municípios assim como o Estado, têm procurado na medida do possível oferecer formações continuadas para que seus professores possam estar antenados com essas mudanças.

Foi assim que surgiram formações continuadas para tratar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação do município; Depois o GESTAR - Gestão da Aprendizagem em Sala de Aula. Essa última foi a primeira formação em rede nacional voltada para o Ensino Fundamental II exclusivamente para Língua Portuguesa e Matemática, com carga horária de 300 horas, sendo 120 horas presenciais e 180 horas à distância (estudos individuais) para cada área temática. O programa incluía discussões sobre questões prático-teóricas e buscou contribuir naquele momento para o aperfeiçoamento da autonomia do professor em sala de aula, sustentando-se na postura reflexiva e crítica da formação docente, assim como na concepção de língua(gem) e ensino-aprendizagem de escrita em perspectiva enunciativo-discursiva.

Todas essas formações contribuíram para o desenvolvimento da minha identidade como professora. Mas, outra necessidade foi crescendo à medida que os avanços tecnológicos foram invadindo e marcando presença em todas as camadas sociais inclusive nas mais populares.

Essa tecnologia presente em todo o processo histórico da humanidade e que avança consideravelmente a cada dia me levou a mais uma formação dessa vez na área de Mídias na Educação – um curso de especialização *lato sensu*. As questões abordadas: Linguagem da mídia impressa: Escrita e Visual, Oficina de TV e Vídeo: produzindo vídeos educativos, Rádio na Escola dentre outros temas no curso foram me instigando, me inquietando ainda mais enquanto professora.

Vale salientar que até aquele momento o computador e o advento da internet e tudo que lhe dizem respeito eram para mim totalmente desconhecidos. Foi mais um desafio enfrentar um curso online, na plataforma do Proinfo, e, sendo a persistência a minha companheira de jornada, passo a passo, fui enfrentando as dificuldades e cheguei ao final de mais um curso com a certeza de que a tecnologia presente em todo o processo histórico da humanidade só tende a crescer, a se expandir e que em ambientes favoráveis se tornam mecanismos a mais para facilitar o processo de ensino aprendizagem.

Na época sonhávamos com equipamentos tecnológicos chegando à escola. Hoje, como ansiávamos, mesmo que timidamente, aparatos tecnológicos já adentram o espaço escolar, às vezes fornecidos pelo MEC, outras, adquiridos com recursos da Secretaria da Educação e/ou com os recursos enviados pelo FNDE para a própria instituição escolar.

Sou professora concursada em duas escolas de redes diferentes, estadual e municipal em ambas esses recursos já existem numa quantidade considerável. A escola municipal campo dessa pesquisa muito recentemente teve o laboratório de informática restaurado pela secretaria e já está conectado em rede. Dentre outros aparatos tecnológicos possui: data show, notebook, caixa de som, micro system, câmera digital. Conhecer essas ferramentas de suportes educacionais podem ampliar as possibilidades do trabalho do professor com a disciplina que leciona, no meu caso, com a disciplina de Língua Portuguesa.

Todas essas considerações serviram até aqui para que pudessem externar o motivo que me levou a optar por uma temática e não por outras. Essa é a minha história como profissional da educação e história será um tema recorrente nesse trabalho. No ínterim da minha história profissional, tenho exercido outras funções: diretora escolar, diretora do departamento de ensino, por exemplo, dentro do universo escolar que vão forjando o meu ser profissional da educação.

Essas funções me levaram a estudar temáticas que não foram voltadas exclusivamente à área de linguagem. Mas, como na essência sou professora de Língua Portuguesa, a proposta do mestrado profissionalizante em Letras (Profletras) me levou a considerar algumas possibilidades na área de linguagem que me atraem como pesquisadora.

À medida que conhecíamos o programa das disciplinas do curso éramos levados a fazer uma ponte entre a teoria e a prática através de atividades desenvolvidas em sala de aula. Essa prática nos possibilitou vislumbrar um leque de temáticas que poderiam ser aprofundados em uma pesquisa.

Em meio a um leque de possibilidades tivemos que considerar uma, em detrimento de outras não menos importantes. Vale ressaltar que como professores do ensino fundamental, somos, na prática, apenas professores e não pesquisadores nos moldes da academia, ou seja, não temos maturidade, na maioria das vezes, para escolher uma linha de pesquisa, por exemplo.

Alguns cuidados a priori poderiam direcionar melhor a escolher uma linha de pesquisa para aqueles que como eu não têm muita clareza de como funciona a academia. Para fazê-lo, primeiro ponderei sobre as necessidades de aprendizagem dos meus alunos do 8º ano C do turno vespertino e levei em conta todo o aprendizado adquirido como profissional até então.

A escola onde a pesquisa se efetivou está localizada no Centro da cidade do município de São José da Laje – região da Mata Alagoana – e atende a alunos de todo município, oriundos de diferentes bairros, povoados e sítios, na etapa anos finais do Ensino Fundamental e na modalidade EJA - Educação de Jovens e Adultos do segundo segmento – e funciona nos três turnos: matutino vespertino e noturno.

No turno vespertino concentra-se um grande número de alunos que residem no campo e lá cursaram o fundamental I em salas multisseriadas (atual multianos) - fenômeno recorrente no Brasil. Em 2014 os dados preliminares de matrícula da escola contabilizam 952 alunos distribuídos em 29 turmas das quais leciono apenas em uma. A escola em questão a cada início de ano letivo realiza um diagnóstico institucional através da Plataforma PDDE interativo. A ferramenta de planejamento da gestão escolar disponível para todas as escolas públicas foi desenvolvida pelo Ministério da Educação em parceria com as secretarias estaduais e municipais.

Ela está organizada em etapas que ajudam a equipe escolar a identificar seus principais problemas e a definir ações para alcançar os seus objetivos, aprimorar a qualidade do ensino e da aprendizagem e melhorar os seus resultados. No item 5 - do referido

diagnóstico 2014, que trata da comunidade escolar - a instituição percebeu sua fragilidade no tocante ao respeito à identidade de seus alunos, percebeu a negligência aos seus saberes e suas necessidades específicas.

Esse descuido com a identidade dos educandos fere a proposição da formação cidadã, um dos principais objetivos do processo educacional. Para formar cidadãos é fundamental que a escola ofereça oportunidades de desenvolvimento integral aos estudantes, estimule-os ao autodesenvolvimento, bem como promova práticas e situações que incentivem o protagonismo e a participação ativa na vida escolar e da comunidade.

Ao repensar sua prática por meio do diagnóstico, a escola, propõe no seu Projeto Pedagógico (PP) que o professor através do seu projeto de trabalho possibilite o resgate da identidade do aluno levando em conta o que diz os PCN: “A escola, com todas as suas contradições e limites, ocupa um espaço privilegiado na vida dos adolescentes e jovens, e influi, intencionalmente ou não, na construção de suas identidades e projetos de vida, entre outros aspectos” (BRASIL, p. 126, 1998).

Para desenvolver a pesquisa além de considerar o PP da instituição, considerei ainda, o perfil da turma elaborado a partir de atividades desenvolvidas na sala que revelaram que: dos 50 alunos, 40 alunos moram no campo, outros recentemente foram levados a mudar para um bairro recém-construído por causa da enchente que afetou a cidade em 2010 e uma pequena parcela reside no município, distribuída em diferentes bairros.

Os que moram no campo se ocupam no dia a dia, quando não estão na escola, ajudando seus pais no trabalho no campo, roçando, plantando, colhendo e/ou contribuindo nas tarefas de casa, limpando, arrumando, buscando água na bica. Os que residem na área urbana ajudam em casa, cuidam dos irmãos, ou ficam “numa boa” como dizem sem nenhuma responsabilidade senão a de ir para a escola.

Quando são instigados a falarem de suas projeções para o futuro, apenas alguns já traçaram metas, a maioria não tem nenhuma perspectiva. Para se divertirem dez entre meninos e meninas já provaram bebida alcoólica, alguns já saíram sozinhos à noite e chegaram a frequentar casas de show. Os outros afirmam que faltam opções de lazer e cultura e por isso passam o tempo assistindo TV, escutando música e jogando no celular. Entre as meninas, existem as que namoram, as que nunca se relacionaram com ninguém, uma noiva, uma casada e com filho. Entre os rapazes existem os que afirmam que “ficam”, mas não tem relacionamento sério e os que nunca se relacionaram.

No geral, são muito assíduos e participam das aulas de Língua Portuguesa. Durante as aulas da disciplina estão em contato com slides, áudios e vídeos usados pelo professor. Em

casa a maioria não tem acesso à internet, só a pequena minoria urbana. Mas, sempre que estão juntos no mesmo espaço, seja na escola, ou na praça pública, que possui wi-fi com internet gratuita, acessam pelo menos uma rede social como Facebook.

Assim, olhando esses alunos, fazendo “as coisas que todo mundo faz”, inclusive dos grandes centros urbanos, das capitais, vendo também que eles se diluem nessas práticas não muito identitárias, surgiu à ideia de realizar um trabalho que ajudasse a, talvez, resgatar a identidade dos alunos, utilizando os recursos tecnológicos já comuns para eles.

Há uma teoria proposta pelo Grupo de Nova Londres (doravante GNL) em 1996 que se propôs a pensar sobre os usos e práticas sociais da escrita no ensino. Essa teoria afirma que não é possível pensar em língua sem pensar em linguagens e não dá para pensar em linguagem se não for dentro de um contexto social.

Quando eu estou me propondo a realizar uma pesquisa voltada para a pedagogia dos multiletramentos, assim como o grupo de GNL, estou preocupada com o ensino para o mundo contemporâneo. E, avalio a proposta boa para este trabalho à medida que ela considera que nada das linguagens que eu uso está longe ou fora da cultura onde eu estou inserida. Ou seja, nenhuma prática de linguagem ocorre fora do contexto cultural que permite entre outras coisas a formação e/ou o resgate da identidade.

Dizendo de outra maneira, esse grupo preocupado com o ensino diz que não se pode ensinar só pelas linguagens, tem que ensinar contextos de práticas. Isso vai definir se alguma coisa é nova ou não, se é um novo letramento ou não.

Na escola, por exemplo, a linguagem visual, embora presente no dia a dia é nova. E quando eu uso as tecnologias disponíveis e tento entender o contexto em que elas estão funcionando, eu ajudo os alunos a pensarem quem eles são. Dessa forma, o resgate da identidade está acontecendo, já que estou trabalhando que pelas linguagens eu me reconheço no mundo. Assim, quando eu me proponho a utilizar a pedagogia dos multiletramentos, nesse trabalho, considero que o discurso não acontece no vácuo. Outrossim, toda vez que eu falar estarei me posicionado diante do outro, dizendo quem eu sou dentro de um contexto.

Certamente não dá para fazer isso olhando apenas para uma gramática que considera apenas a língua. É preciso ensinar linguagens considerando as práticas sociais locais. Os PCN orientam que devemos unir linguagens diferentes com o mesmo propósito, pois, somos unidos pelas diferenças e essas diferenças devem nos unir para que busquemos um conhecimento mais aprofundado do mundo, do outro, das suas concepções. E, que essa partilha de ideias aspirações e princípios de culturas diferentes se somem complementando-se construindo a identidade de cada um.

O contexto de sala de aula é um lugar fértil, pois, é nesse ambiente que encontramos os alunos envolvidos em múltiplos papéis sociais, com expectativas que atribuem sentidos díspares ao lazer, à cultura e ao conhecimento. Eles possuem histórias de vida diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e/ou vivem e outros tantos aspectos que estão entrelaçados e precisam ser considerados no currículo escolar para que este contribua na construção identitária do sujeito tornando seu aprendizado significativo.

Determinadas problemáticas do mundo contemporâneo e alguns temas são particularmente significativos, para construir a relação dos conhecimentos, na área de Linguagens. A construção identitária é um deles. Essa relevância se dá porque “a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41). A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e permite ao sujeito, ao indivíduo exercer influência e ser influenciado cumprindo assim seu papel na sociedade. E, à maneira como o sujeito, concebe o mundo através da(s) linguagem(ns) é parte de como ele se identifica; de acordo com Silva (2000, p. 16) “a identidade é uma fabricação nossa em um dado contexto de relações sociais por meio de atos de linguagem.”

Por conseguinte, diante de todo o contexto descrito, busco, responder ao seguinte problema inspirador: **Como o trabalho com os multiletramentos pode auxiliar na construção da identidade dos alunos do 8º ano C do ensino fundamental de acordo com o projeto de escola alinhado aos PCN?**

Por isso, o presente trabalho propõe atividades que envolvam múltiplas linguagens em múltiplos contextos de uso, visando contribuir para a construção da identidade individual e coletiva dos alunos do 8º ano. Para tanto, elaborei atividades numa sequência didática realizada dentro e fora do ambiente escolar.

A pesquisa apresenta o seguinte objetivo: investigar de que maneira a sequência didática proposta contribuiu para revelar as identidades dos locais onde vivem e as dos alunos. Para atingir tal objetivo, o relato dessa investigação está estruturado em três capítulos.

O primeiro capítulo – Fundamentação Teórica – constrói uma visão panorâmica dos desafios contemporâneos que deverão ser enfrentados pela educação para que possa receber o selo de qualidade. Dentre esses desafios, destaco os específicos da disciplina de Língua Portuguesa e, para explicitá-los, faço emergir conceitos que permeiam o mundo contemporâneo: multiletramentos, multimodalidade, além de conceitos atemporais: história e identidade. Estes conceitos serão discutidos a partir das perspectivas de vários autores, dentre eles destaco: Rojo (2009, 2012, 2013, 2015), Dionísio (2006), Moran (2007), Brasil (1998,

2013), Soares (1998, 2003, 2004), Santaella (2012), Viera et al (2007), Silva, Godoy, Bandeira De Melo (2010), Joly (2007), Mauad(1996), Hall (2001,2006), Barthes (1984), André (2012), Manini (2007), Bakhtin (1997, 2006), Bauman (2003, 2005, 2007), Sontag (2006), Ponzio (2010), Rajagopalan (1998, 2003).

O segundo capítulo – Metodologia – é constituído pela justificativa por uma metodologia etnográfica, fazendo um inventário do contexto da pesquisa, justificando, por sua vez, os instrumentos de coleta de dados para atingir o propósito dessa pesquisa, bem como elencar os procedimentos metodológicos adotados.

Para responder a questão da pesquisa e aos meus objetivos, utilizei os seguintes instrumentos de geração de dados:

- Registro em áudio;
- Registro em vídeo;
- Registro fotográfico;
- Diário do professor;
- Diário dos alunos.

O terceiro capítulo – Análise de Discussão dos dados – evidencia as análises do plano de ensino e das atividades propostas por eles bem como os dados obtidos na coleta de dados e suas implicações nas aulas de Língua Portuguesa na série estudada na pesquisa, retomando ainda a questão de pesquisa.

CAPÍTULO 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse capítulo discorro sobre o panorama da educação no âmbito nacional e sobre o descompasso entre as exigências do mundo contemporâneo que por sua vez repercute no ensino de Língua Portuguesa. Apresento ainda, uma revisão teórica dos conceitos de (multi) letramentos, multimodalidade, identidade e história e imagem.

1.1 Uma educação para o mundo contemporâneo

Há um grande descompasso entre as exigências do mundo contemporâneo e o que a escola tem oferecido a seus alunos. Esse descompasso tem reflexo na forma como ensinamos a Língua Portuguesa.

No Brasil, os caminhos da educação têm se transformado ao longo dos anos. A democratização do acesso ao ensino dentre outras conquistas nesse campo são consideráveis.

As políticas educacionais no Brasil, nesse contexto, vêm sendo batizadas por mudanças, destacando-se, sobremaneira, as de ordem jurídica-institucional. Na área educacional, a aprovação da (LDB) e do Plano Nacional de Educação (PNE) colocando-se como decisivo nessas mudanças (DOURADO, 2002 p. 242).

A LDB forneceu orientações para a organização da educação básica e motivou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Na época um embate dividia opiniões. De um lado uns achavam importante se definir um conteúdo mínimo, comum, nacional – currículo nacional - e, por outro lado aqueles que argumentavam que a diversidade cultural, política, econômica e social do país eram tantas que um currículo nacional parecia inadequado. Assim, como para resolver momentaneamente o impasse e não o problema surgiram os PCN.

O PNE também é um importante documento que organiza prioridades e propõe metas para serem alcançadas ao longo de dez anos. No momento, uma segunda versão do plano foi proposta através da Conferência Nacional da Educação (CONAE) e sancionado pela presidente Dilma Roussef e o decreto publicado no dia 26 de junho de 2014.

Sobre o referido documento a revista Nova Escola (2014) problematiza que as metas propostas pelo PNE 2001/2010 estão longe de ser cumpridas e para nova versão 2011/2020 afirma que o Plano pode colaborar para a luta por uma educação de qualidade se houver determinação clara dos investimentos na área, do contrário, vira letra morta já em seu nascedouro.

O fato de termos avançado em educação, principalmente no tocante a ordem jurídica institucional, não significa que estamos perto de oferecer uma educação de qualidade, pois há muito que se fazer para que essas transformações evoluam e dialoguem com as mudanças que acontecem a todo instante, a nossa volta e no mundo. Moran (2007, p. 4) evidencia os entraves para que as mudanças necessárias não se efetivem:

Apesar dos avanços reais no Brasil, ainda estamos distantes de uma educação de qualidade. E, com frequência, caminhamos no limite da irresponsabilidade, quando privilegiamos mais o lucro, o faz de conta, o “jeitinho”. Ou quando burocratizamos a gestão, demorando para introduzir mudanças e mantendo tudo como sempre foi.

Os entraves que protelam a introdução de mudanças são frutos do jogo de interesse que aumentam ainda mais a lacuna entre a educação e a sociedade contemporânea. O PNE ficou anos para ser aprovado quando na verdade já devia está sendo executado. O tempo é um problema para o povo brasileiro, ou seja, a não valorização do tempo, o desperdício de tempo. Como dizia Tomas Antônio Gonzaga em Marília de Dirceu “sem que o possa deter, o tempo corre” assim os avanços educacionais não conseguem se parrear aos avanços sociais aumentando ainda mais a distância entre a escola que temos e a que precisamos. E sobre isso Moran (2007, p. 4) diz:

A cada ano, a sensação de incongruência, de distanciamento entre a educação desejada e a real aumenta. A sociedade evolui mais do que a escola e, sem mudanças profundas, consistentes, não avançaremos rapidamente como nação. Não basta colocar os alunos na escola. Temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino. Milhões de alunos estão submetidos a modelos engessados, padronizados, repetitivos, monótonos, previsíveis, asfixiantes.

A escola que frequentei como aluna nos anos de 1980, não se adequa mais às necessidades dos alunos no contexto atual.

As mudanças que estão acontecendo são de tal magnitude que implicam reinventar a educação em todos os níveis, de todas as formas. As mudanças são tais que afetam tudo e todos: gestores, professores, alunos, empresas, sociedade, metodologia, tecnologias, espaço e tempo (MORAN, 2007, p. 7).

Dito isso, penso que o mundo contemporâneo precisa de uma educação que esteja voltada para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais que permitam ao educando participação ativa no contexto social. Uma educação instigadora do começo e em todos os níveis de ensino. E todos: gestores, professores, alunos, empresas, sociedade, metodologia, tecnologias, espaço e tempo precisam se reinventar, ou serem

reinventados(as) desde as políticas públicas e institucionais às abordagens pedagógicas e metodológicas.

Sobre as transformações para essa época colabora Gadotti (2000, p. 88) dizendo:

Seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural.

Essa superação citada por Gadotti deve suplantar o limite do pensamento linear determinante na formação do psiquismo, pois, a linearidade não é capaz de dar conta da pluralidade que hodiernamente se vive. Existe uma camada nova, recente que pensa por complexidade. Neste sentido a abordagem da complexidade oferece uma maneira diferente de pensar e descrever o mundo. Sobre o conceito de complexidade Morin esclarece:

O problema-chave é o de um pensamento que una, por isso a palavra complexidade, a meu ver, é tão importante, já que *complexus* significa “o que é tecido junto”, o que dá uma feição à tapeçaria. O pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações. Isto me parece vital, principalmente na vida cotidiana [...] (Pena – Veiga; Nascimento, 1999, p. 33).

Eu percebo isso cada vez que estou em contato com meus alunos na sala de aula. Diferentemente de mim e de outros da minha geração, que preciso(am) estar concentrados numa única coisa para não perder o foco, eles falam ao telefone ao mesmo tempo em que digitam e ouvem música, e quando conectados na internet falam com várias pessoas de forma simultânea engendrando novos conceitos não lineares de tempo, de encontro de interação. Ou seja, eles pensam por complexidade.

É comum olhar para um aluno e encontrá-lo com um fone no ouvido, ou teclando com outros colegas, mesmo que na escola aparatos tecnológicos sejam proibidos. Esses alunos que conseguem fazer coisas simultaneamente convivem, na escola, com uma camada de professores, que têm metade do corpo na complexidade, como eu, e outra camada mais antiga que apenas observa as mudanças de longe. Cada um de nós lecionando um componente curricular de forma fragmentada.

Esta fragmentação da educação no Brasil é revelada nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) cuja origem está na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) na Resolução nº 7 (2010) no seu art.15, quando indica quais os componentes curriculares obrigatórios devem compor a organização da Educação Básica.

Essa organização revela que nosso sistema de ensino está baseado na separação de conhecimento e esse fato é mais evidente a partir dos anos finais, ou seja, a partir do 6º ano

quando os alunos veem-se a cada toque de aula diante de uma disciplina diferente que não só são separadas, mas também pouco comunicam.

O referido documento considera a questão da autonomia da escola e da proposta pedagógica, incentivando as instituições a montar seu currículo, recortando, dentro das áreas de conhecimento, os conteúdos que lhe convêm para a formação daquelas competências que estão explicitadas nas diretrizes curriculares. Dessa forma, a escola deve trabalhar esse conteúdo nos contextos que lhe parecerem necessários, considerando os tipos de pessoas que atende, a região em que está inserida e outros aspectos locais relevantes.

A palavra autonomia atribui a responsabilidade à escola que por sua vez se mostra despreparada para fazer a ponte entre os saberes cientificamente construídos e a vida cotidiana dos educandos uma vez que a vida cotidiana de cada indivíduo é determinada pelo global.

Um exemplo disso, na escola em que trabalho, é o fato de cada disciplina desconhecer o que o outro está trabalhando na mesma turma. Um dos componentes curriculares que deveria estudar a história local e do aluno para descobrir aspectos relevantes, deveria ser a disciplina de história. E isso não acontece nessa instituição.

A escola passa então a sugerir que a disciplina de Língua Portuguesa desenvolva um projeto com essa proposta, porque uma política educacional nacional a induz a isso, mas não consegue fazer a ponte desenvolvendo um trabalho interdisciplinar com maior notoriedade e relevância para seus alunos.

A meu ver o desafio da educação para o mundo contemporâneo inclui aprender a aprender, ou seja, numa lógica invertida a escola que até então ensina deveria aprender. Nessa ótica o professor não ensinaria mais, estimularia a aprendizagem que não seria uma ação isolada mais coletiva embasada por um projeto de escola relevante para o desenvolvimento dos seus alunos.

Novos desafios se colocam também para a função docente diante do aumento das informações nas sociedades contemporâneas e da mudança da sua natureza. Mesmo quando experiente, o professor muitas vezes terá que se colocar na situação de aprendiz e buscar junto com alunos as respostas para as questões suscitadas. Seu papel de orientador da pesquisa e da aprendizagem sobreleva, assim, o de mero transmissor de conteúdo (BRASIL, 2013).

Não bastante, as DCN apontam ainda que as crianças e adolescentes brasileiros de todas as classes sociais estão expostos às mídias, que por sua vez, contribuem para o desenvolvimento de formas e expressões entre os alunos que são menos precisas e mais atreladas ao universo das imagens. Fato esse que torna mais complicado o trabalho com a

linguagem. É justamente nesse ponto que está o desafio que a minha pesquisa discute: como levar a cabo o que dizem as DCN.

1.1.2 Desafios contemporâneos para o ensino de Língua Portuguesa

Os parâmetros curriculares nacionais (PCN) do ensino fundamental, em especial o de Língua Portuguesa também destacam essa nova realidade social e já propõe a ruptura com o velho modelo como necessidade para atender a nova realidade.

A nova realidade social, conseqüente da industrialização e da urbanização crescentes, da enorme ampliação da utilização da escrita, da expansão dos meios de comunicação eletrônicos e da incorporação de contingentes cada vez maiores de alunos pela escola regular colocou novas demandas e necessidades, tornando anacrônicos os métodos e conteúdos tradicionais (BRASIL, 1998, p. 17).

Atender a necessidades vigentes parece óbvio, pois é compreensível e aceitável para todos que a escola deva avançar também junto com o desenvolvimento. No entanto, à medida que desenvolvo essa pesquisa vou constatando que há irregularidade na distribuição de dispositivos entre os alunos, ou seja, enquanto trinta possuem celular vinte não. Os que residem no campo não tem acesso a rede, o laboratório de informática da escola só possui dez computadores e só a metade está funcionando e que a escola ainda não consegue realizar com eficiência e eficácia aquilo que há décadas tem se proposto a fazer: alfabetizar.

A palavra alfabetizar também tem ganhado novos significados ao longo dos anos, refiro aqui então à condição básica da alfabetização evidenciada por Rojo (2009, p. 61). Conhecer a “mecânica” ou funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações complexas que se estabelecem entre sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve uma consciência fonológica da linguagem.

Corroborando, Moran (2007, p. 141) afirma: “É incrível que depois de tantos anos de aprendizado, muitos alunos não saibam quase nada, não gostem de ler, tenham dificuldade em interpretar textos, não consigam entender as mudanças do mundo em que vivem”.

É preciso concordar com o autor, pois é realmente incrível e inaceitável que, em nossas salas de aulas, após anos de estudos, nossos alunos não consigam ler de forma proficiente e não consigam, também, se expressar por escrito de forma desejável para o tempo de escolaridade que possuem. Refiro-me aqui aos meus alunos que já possuem oito anos de

escolaridade, mas o autor ao fazer esse comentário se referiu a alunos do ensino superior o que torna a situação ainda mais degradante.

Infelizmente não parece ser esse apenas o problema que por hora se apresenta como um gigante que precisa ser derrubado na educação tal como foi Goliias pelo rei Davi. Outros tantos problemas adentraram no âmbito escolar, dentre eles, segundo Giorgi (2002), um tem influência direta sobre o processo educacional e será melhor detalhado um pouco mais adiante – a identidade – dada a multiplicidade de mensagens com que somos “bombardeados”:

[...] envolve um complexo jogo entre textos escritos, cores, imagens, elementos gráficos e sonoros, enquadramento, perspectiva da imagem, espaços entre imagem e texto verbal, escolhas lexicais, com predominância de um ou de outro modo, de acordo com a finalidade da comunicação, sendo, portanto, recursos semióticos importantes na construção de diferentes discursos (SANTOS, 2014, p. 3).

Assim torna-se ainda maior o desafio de ensinar a disciplina de Língua Portuguesa quando grandes estigmas precisam ser quebrados e quando outras formas de leituras e produção passam a circular na sociedade da comunicação, onde se utiliza não só a linguagem verbal, mas também a gestual e a sonora.

Com tudo acontecendo ao mesmo tempo - o atraso, a burocracia e a inovação - é preciso ponderar e não entregar-se a inercia e buscar perseguir metas que se não conseguirem deixar a educação em pé de igualdade com os avanços citados possamos diminuir os espaços entre um e outros. “É importante ter uma visão realista, mas não desesperançada, niilista, destrutiva. Apontar mudanças, em novas possibilidades que se concretizam, do que no pessimismo desesperançador e corrosivo” (MORAN, 2007, p. 9).

Tudo pode acontecer ao mesmo tempo. É desse reconhecimento que a minha proposta de pesquisa parte, acreditando que é possível fazer, por meio de uma sequência didática, com que meus alunos possam ultrapassar os muros da escola e se revelem, revelem a história de seu bairro ou sítio, utilizando simultaneamente várias linguagens mesmo enfrentando várias dificuldades.

O conhecimento não está atrelado a regras rígidas e imutáveis e todos os elementos mesmo os de uma desordem aparente, podem ser usados a nosso favor e reordená-los num novo formato pode gerar novos conhecimentos, gerar mudanças.

O comentário de Moran (2007, p.11) feito há 8 anos, ainda descreve bem o estado em que a educação se encontra, e, ampliando essa situação já decrita anteriormente ainda diz. “Vivemos o paradoxo de manter algo em que já não acreditamos, mas não nos

atrevemos a incorporar plenamente novas propostas pedagógicas e gerenciais, mais adequada a sociedade da informação e do conhecimento, para onde estamos caminhando rapidamente.”

Embora a escola onde realizo a presente pesquisa seja numa pequena cidade do interior de Alagoas, São José da Laje, ela não pode ficar isolada, parada no tempo. Outrossim, necessita incorporar novas propostas pedagógicas. No que concerne a disciplina de Língua Portuguesa, a sequência didática que elaborei propõe atividades que fogem daquilo que convencionalmente se realiza em sala. É de vitalidade que a educação precisa na contemporaneidade. E, é desses desafios que passo a falar no tocante à Língua Portuguesa.

No entanto, os desafios sociais são tão gigantescos, as mudanças acontecidas e em fase de implantação são tão dramáticas em todos os setores, que estão pressionando violentamente a educação escolar por novas soluções em todos os níveis: nos valores, na organização didático-curricular, na gestão de processos. Estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas: propor, implementar e avaliar novas formas de organizar processos de ensino-aprendizagem, em todos os níveis de ensino, que atendam às complexas necessidades de uma nova sociedade da informação e do conhecimento (MORAN, 2007, p. 11).

A principal mudança no tocante ao ensino de Língua Portuguesa deve ser sua abertura e prontidão para novas possibilidades e necessidades da sociedade. Desapegar-se de regras e princípios norteadores da informação leva décadas para se realizar, mas se não pensarmos já nessas mudanças e começarmos a implementá-las estaremos afastando a possibilidade de que um dia elas aconteçam.

1.2 Multiletramentos: cenário teórico

Para elucidar o termo multiletramentos é necessário esclarecer antecipadamente o que é letramento que por sua vez gera a necessidade de clarificar outro termo alfabetização, visto que, em alguns momentos uma confusão parece se instaurar entre ambos.

De acordo com o dicionário online Caldas Aulete¹ (al.fa.be.ti.za.ção) sf. 1. Ação ou resultado de alfabetizar, de ensinar a ler e escrever: alfabetização de adultos. 2. Restr. Pedag. Aprendizado e desenvolvimento da capacidade do uso da escrita.

O uso do termo no Brasil se deu no período republicano quando houve a regulamentação do sistema público escolar. Até aquele período a iniciação da leitura e escrita era chamado de primeiras letras segundo a lei de 15 de outubro de 1827 instituída pelo então Imperador D. Pedro I.

¹ <http://aulete.uol.com.br>

A alfabetização diz respeito ao conhecimento do sistema grafofônico (que representa graficamente sons da fala) e o desenvolvimento das habilidades de decodificá-lo (ler) e codificá-lo (escrever). Para a pesquisadora e professora Soares (2004, p. 96)

Um olhar histórico sobre a alfabetização escolar no Brasil revela uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, conseqüentemente, metodológicas. Atualmente, parece que de novo estamos enfrentando um desses momentos de mudança – é o que prenuncia o questionamento a que vêm sendo submetidos os quadros conceituais e as práticas deles decorrentes que prevaleceram na área da alfabetização nas últimas três décadas: pesquisas que têm identificado problemas nos processos e resultados da alfabetização de crianças no contexto escolar, insatisfações e inseguranças entre alfabetizadores, perplexidade do poder público e da população diante da persistência do fracasso da escola em alfabetizar, evidenciada por avaliações nacionais e estaduais, vêm provocando críticas e motivando propostas de reexame das teorias e práticas atuais de alfabetização.

Em todo o território brasileiro parece haver certa insatisfação e insegurança entre alfabetizadores. O Estado de Alagoas em especial tem ocupado das últimas medições das avaliações externas aplicadas pelo MEC um desempenho abaixo das metas projetadas. Esse fato nos leva a pensar que talvez as escolas daquele Estado não estejam conseguindo alfabetizar adequadamente seus alunos.

Há uma preocupação por parte do governo em melhorar a alfabetização. Com esse intuito a Provinha Brasil, criada em consonância com o objetivo do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) do MEC, é aplicada como diagnóstico aos alunos matriculados no 2º Ano do Ensino Fundamental.

A Provinha Brasil auxilia professores e gestores escolares, pois atua como um instrumento diagnóstico do nível de alfabetização dos alunos, permitindo a correção e reorientação da aprendizagem em leitura e escrita, tencionando com isso melhorar a qualidade da alfabetização e do letramento inicial oferecido às crianças. Outra política implantada recentemente para melhorar a alfabetização levou o governo federal a realizar um pacto com Estados e Municípios “O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)”.

A alfabetização, porém, não dá conta das demandas do ensino de Língua Portuguesa. É importante considerar os usos e funções da escrita com base no desenvolvimento de atividades significativas de leitura e escrita na escola. E, a partir da década de 90, passou a ser inserido na escola o conceito de letramento.

Para Magda Soares:

O surgimento do termo *literacy* (cujo significado é o mesmo que *alfabetismo*), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade

social trouxe a necessidade de uma nova palavra (SOARES, 2003, p. 29, grifos da autora).

De acordo com o pensamento da autora, o surgimento do conceito se deu devido à necessidade de uma palavra que nomeasse as práticas de leitura e escrita, de acordo com o contexto social em que vivia o cidadão. E ainda acrescenta:

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto (SOARES, 2004, p.96-97).

O conceito de letramento pode elucidar uma gama de possibilidades de interpretação e adquirir diferentes significados. Street (1984 apud Rojo, 2009, p. 99) acrescenta:

O significado de letramento varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistos como letramentos, embora diferentemente valorizados e designando a seus participantes poderes também diversos.

Está longe de existir um consenso sobre o que seja letramento. Independentemente disso, a vida pulsa e se transforma e com ela se transformam as práticas de letramentos. Meus alunos do oitavo ano, assim como outros tantos nesse país, que residem em pequenas cidades do interior, utilizam celular para se comunicar, conseguem gravar áudio, baixar música, tirar foto, utilizar a calculadora. Essas são novas práticas de letramento, mas dificilmente aprenderam essas práticas no ambiente escolar.

Boa parte desses alunos frequentam igrejas, participam de grupos jovens, tocam, dançam em grupos de coreografia, cantam, escutam sermão, negociam seus produtos em barracas na feira livre – mais práticas de letramento. A escola nem sempre contribui para que eles desenvolvam esses outros tipos de letramentos.

É interessante perceber que há letramentos, como é o caso do digital, que estão antecedendo muitas vezes ao escolar, ou seja, é possível observar crianças que ainda não foram à escola e que não leem textos convencionais sendo capazes de utilizar o celular para atividades que envolvam alguma escrita. Ou ainda, constatar adultos que nunca foram à escola indo ao banco fazer saque no caixa eletrônico utilizando o teclado alfanumérico. No entanto,

há uma parcela que não consegue realizar essa prática mas consegue realizar tantas outras. Estamos envolvidos socialmente em várias práticas de letramentos.

Não existe, portanto, um letramento único. Eles são múltiplos porque as situações de comunicação são múltiplas. Por exemplo: meu aluno assiste aula, vende na feira livre as frutas, raízes, legumes e verduras que cultiva, frequenta a igreja e, em cada uma dessas situações participa de práticas distintas de letramentos.

A escola é socialmente reconhecida como a principal agência de letramento. Mas, os exemplos supracitados demonstram que as práticas de letramento não se restringem ao ambiente escolar, pelo contrário está no dia a dia.

Corroborando, Tfouni (1992a) afirma que é necessário considerar no processamento de letramento uma heterogeneidade discursiva que englobem discursos orais e escritos e ainda diferenciá-la de alfabetização sem excluí-la, visto que existem letramentos de natureza variada, inclusive sem a presença da alfabetização.

Rojo (2009) salienta que a obra divisória de águas de Street (1984) estabelece os novos estudos do letramento. Nela, Street propõe dois enfoques para letramento. O enfoque autônomo e o ideológico.

No primeiro, o contato no ambiente escolar com a leitura e a escrita faria com que os sujeitos (alunos) aprendessem gradativamente habilidades que os levariam a diferentes níveis de alfabetismos. Nesse sentido, a escola, ao adotar modelos fechados de ensino é concebida como um ambiente artificial, cujo aprendizado é, na maioria das vezes, descontextualizado, evidenciando a passividade do aluno. É o que, na versão de Soares (1998), é considerada uma ‘versão fraca’ do conceito de letramento.

Essa versão é considerada fraca porque não basta desenvolver certas habilidades, na verdade, há questões maiores ligadas à ideologia do sistema socioeconômico que condiciona a vida das pessoas. Na minha situação meus alunos que residem no campo, ou mesmo numa cidade do interior, não terão jamais as mesmas oportunidades que alunos que residem em grandes centros urbanos. Eles até têm força de vontade e disposição mas a ideologia do sistema os condiciona. Condiciona tanto que para muitos deles é o bastante conseguir um emprego na Usina Serra Grande – que além do comércio e da prefeitura municipal – é a única fonte de emprego da região.

No segundo, o ideológico – oposto do modelo autônomo – as práticas de letramento estão indissociavelmente articuladas às estruturas culturais e de poder de uma sociedade e reconhece a multiplicidade dessas práticas associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos.

A esse modelo, Soares (1998) na sua variante chama ‘versão forte’ de letramento aproximando-a da ótica paulo-freiriana de alfabetização onde a escola seria no uso desses aspectos de letramento a colaboradora do sujeito (aluno) não para torná-lo passivo frente aos desfechos sociais, mas, para resgate da autoestima, para a construção de identidades fortes em suas culturas locais, na cultura valorizada, na contra-hegemonia global (Santos, 2005 apud Rojo, 2009).

É justamente na perspectiva do letramento ideológico que este trabalho se encaixa, pois, a sequência didática extrapola o uso restrito da linguagem verbal, considerando que diferentes práticas de comunicação sejam investigadas de acordo com o contexto de vida dos alunos, em diferentes esferas nas quais eles estão presentes.

Acontece que no mundo contemporâneo a comunicação tornou-se mais complexa. A tecnologia: celular, mp3, TVs digitais, a linguagem do verbal; a sonora, espacial e gestual. Tudo isso traz à tona um conceito mais amplo, o de multiletramentos onde o prefixo “multi” reflete justamente uma multiplicidade de linguagens e de práticas.

Considerar a possibilidade de organizar um plano de ensino (sequência didática) com a perspectiva dos multiletramentos requer do professor uma visão mais “complexa” (Edgar Morin) do ensino de Língua Portuguesa. É antes de tudo abrir uma porta de acesso a outras várias portas. Considerar o prefixo multi- torna o processo ainda mais desafiador, pois esse multi-, além de várias linguagens deve também considerar a diversidade cultural. Este trabalho tem como foco de investigação considerar também a história e cultura local para responder ao seguinte questionamento: Como o trabalho com multiletramentos pode auxiliar na formação identitária dos alunos do 8º ano C do ensino fundamental de acordo com o projeto de escola aliado aos PCN?

1.2.1 A pedagogia dos multiletramentos

Os multiletramentos referem-se não apenas às variedades práticas de linguagens, mas também, às variedades culturais.

No manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (GNL), em Connecticut (EUA) do qual participaram vários linguistas, pela primeira vez foi manifestada a necessidade de a escola ter como responsabilidade a inserção nas suas práticas pedagógicas o uso dos novos letramentos emergentes na contemporaneidade graças aos avanços tecnológicos e a miscigenação das culturas já presentes num único espaço – sala de aula. Pois, conforme García Canclini (2008[1989]) *apud* Rojo (2012, p. 15) os pares antitéticos (opostos)

– cultura erudita/popular, central/marginal, canônica/de massa – já não se sustentam mais faz muito tempo, nem aqui nem acolá.

Embora o colóquio tenha acontecido em Connecticut, o fato deste apontar por inserir no currículo de sala a grande variedade de culturas, sem sombra de dúvida, leva-nos a pensar no Brasil e na sua diversidade cultural bem como na forma como essa diversidade é por vezes desconsiderada no ambiente escolar.

Na cidade onde se localiza a escola em que trabalho há um embate entre a cultura rural e a urbana, modos de produção, de relacionamento, se contrapõem indo do analfabetismo ao uso de tecnologias digitais.

Para atender a essa forma de pedagogia não necessariamente será preciso o uso de aparatos tecnológicos, mas uma mudança no uso e articulação dessa recursividade. Cope e Kalantzis (2008a) *apud* Rojo (2013, p. 138) sugerem:

Frente às novas formas de aprendizagem e, conseqüentemente, de novas possibilidades de ensino contemporâneas, que se busque formular uma pedagogia para os multiletramentos, levando em conta ações pedagógicas específicas, que valorizem todas as formas de linguagem (verbal e não-verbal), cujo foco deve ser o aprendiz, que passa a ser o protagonista nesse processo dinâmico de transformação e de produção de conhecimento e não mais um simples reprodutor de saberes.

A sequência didática proposta neste trabalho leva em conta ações pedagógicas específicas que colocam os alunos do 8 ano C na perspectiva de protagonistas e possibilita ainda que eles façam uso das linguagens considerando novas práticas de comunicação e interação.

1.2.2 Multiletramentos e escrita multissemiótica

A história dos estudos linguísticos a partir de Saussure considerava a língua (e não a fala) como objeto de estudo e de ensino na escola. A partir dos estudos interdisciplinares que ligaram a linguística à semiótica, tornou-se evidente a necessidade de a escola considerar, nas aulas de Língua Portuguesa, a escrita e a construção de sentido envolvendo outros signos além do verbal, ou seja, visual, sonoro, espacial e gestual. Acho importante, então acrescentar uma breve revisão desse percurso.

A pedagogia dos multiletramentos está relacionada à ciência dos signos, ou semiótica. Para conceituar semiótica recorro a uma resposta que Santaella deu a um aluno em um seminário sobre semiótica em uma das cidades do Brasil, não especificada por ela.

Quando alguma coisa se apresenta em estado nascente, ela costuma ser frágil e delicada, campo aberto a muitas possibilidades ainda não inteiramente consumadas e consumidas. Esse é justamente o caso da Semiótica: algo nascendo e em processo de crescimento. Esse algo é uma ciência, um território do saber desconhecido, ainda não sedimentado, indagações e investigações em progresso (SANTAELLA, 2012, p. 11).

Ampliando um pouco mais o conceito de semiótica a autora supracitada diz: “A semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significado e de sentido” (SANTAELLA, 2012, p. 19).

É no século XX, que o conceito toma força, ou seja, duas ciências da linguagem ganharam espaço: a linguística – ciência da linguagem verbal e a Semiótica – ciência de toda e qualquer linguagem. Notadamente, há um condicionamento histórico que nos leva a perceber que as formas de saber e de interpretação do mundo são aquelas difundidas pela língua na sua manifestação de como linguagem escrita ou oral.

Esse equívoco subjaz para um segundo plano outros saberes que outras linguagens possibilitam, pois, desde os primórdios os seres humanos recorrem a uma rede plural e intrincada de linguagens. Sobre essa rede plural e intrincada de linguagem Santaella afirma:

Enfim também nos comunicamos e nos orientamos por meio de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Por meio de objeto, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir, do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é seres de linguagens (SANTAELLA, 2012, p. 14).

Ainda analisando o conceito de Semiótica considerando sua etimologia, a Infoescola informa:

A semiótica provém da raiz grega ‘semeion’, que denota signo. Assim, desta mesma fonte, temos ‘semeiotiké’, ‘a arte dos sinais’. Esta esfera do conhecimento existe há um longo tempo, e revela as formas como o indivíduo dá significado a tudo que o cerca. Ela é, portanto, a ciência que estuda os signos e todas as linguagens e acontecimentos culturais como se fossem fenômenos produtores de significado, neste sentido define a semiose (SANTANA, 2015).

Ou seja, a semiótica é o contrário da linguística que reduzia sua pesquisa ao campo do verbal e amplia-os para qualquer tipo de signo. A origem da semiótica remonta da semiótica da Grécia Antiga, contemporânea da filosofia. No entanto, só recentemente em princípios do século XX proclamaram-se os mestres conhecidos como pais desta disciplina. Ferdinand de Saussure e C. S. Peirce. E, só então, este campo do saber ganha sua independência e torna-se ciência.

Como afirma Vieira et al (2007, p. 24) [...] “a comunicação atual é multissemiótica”, ou seja, é possível a convergência de várias linguagens na construção dos discursos. É possível falar agora em multiletramentos, como o letramento computacional, o visual, o tecnológico entre outros (STREET, 1984, 1993, 1995 *apud* VIEIRA, 2007, p. 24) para enriquecer essa multiplicidade de letramentos é preciso considerar não só a linguagem escrita, mas também diferentes sistemas semióticos.

A semiótica difere de outras disciplinas porque busca estudar o sentido e o significado. Bertrand, (2003, p. 11), diz: “O objeto da semiótica é o sentido” compreendido pelo resultado da função semiótica da linguagem, “é o parecer do sentido” (BERTRAND, 2003, p. 11). Inteligível por meio da linguagem verbal e não verbal (visual, plástica, gestual, musical etc.) ou sincrética, como, por exemplo, o cinema, que incorpora algumas dessas linguagens.

1.2.3 Semioses e os desdobramentos de uma leitura multimodal

Muitos estudiosos estudaram a perspectiva dos signos em analogia a palavras. Desde Platão na antiguidade a Pierce no contexto contemporâneo. Além, dos citados, outros estudiosos também passaram a contribuir com o avanço da semiótica. Na segunda metade do século XX, Roland Barthes destaca-se por seus estudos focados nos signos de linguagem não-verbal. Vieira et al (2007, p. 21) corrobora:

Entre os semiólogos da segunda metade do século XX, Roland Barthes 1973 destacou-se pelos estudos que focaram os signos de linguagens não-verbais. Contribuiu com o avanço dos estudos semiológicos ao produzir trabalhos que trataram da semiose humana em temas de moda, comida, entretenimento, arte, música e fotografia.

No tocante aos estudos sobre multimodalidade Moraes, (2014, p. 43) diz:

Se traçarmos uma linha do tempo, veremos que a forma como os estudos sobre a multimodalidade se desenvolveram no campo da linguística tem origem nos trabalhos de Halliday, por volta dos anos 80, com a publicação intitulada “Language as Social Semiotic.” Halliday apontou para a necessidade de situar a linguagem em seu contexto social, fundando a ideia de que o texto poderia ser entendido como “signo”, situado em um determinado sistema de comunicação vinculado ao seu contexto de uso, em que os significados podem ser alcançados a partir das escolhas que realizamos.

A contribuição de Halliday é importante para estruturar a corrente funcionalista denominada Linguística Sistemico-Funcional (LSF). Moraes (2014, p. 24) diz que: “para essa corrente teórica, os propósitos principais da linguagem são constituídos através de três

funções: ideacional, interpessoal e textual.” Contudo, esse teórico enfatizava a prevalência da palavra como único sistema semiótico em meio a tantos outros (UNSWORTH, 2008 *apud* MORAES, 2014, p. 43).

E, foram essas discussões sobre signo que estimularam os autores Kress e Van Leeuwen, em 1996, a publicarem a Gramática de Design Visual (GDV), através do trabalho intitulado “*Reading Images: The Grammar of Visual Design*”.

Hoje, mais que em outros tempos as pessoas estão imersas em práticas sociais nas quais a leitura de textos misturam escrita, layout, imagens, som, objetos 3D, ou seja, as pessoas usam recursos semióticos mediados por artefatos que produzimos com amparo da fisiologia ou da tecnologia.

Sobre recurso semiótico é interessante a definição de Van Leeuwen (2005, p. 285):

As ações e artefatos que usamos para comunicar sejam eles produzidos fisiologicamente – com nosso aparato vocal; com os músculos que nós usamos para criar expressões faciais e gestos, etc. – seja por meio da tecnologia – com caneta, tinta e papel; com hardware e software do computador; com tecidos, tesouras e máquinas de costura, etc.

Essa nova era nos possibilita um maior contato com a leitura no seu sentido convencional – a leitura de palavras. Mas, se pensarmos na leitura de mundo que antecede a essa, como disse Freire, perceberemos então, levando em consideração o que disse Van Leeuwen, que o homem para se comunicar sempre fez usos de recursos semióticos. Os sons guturais, os rabiscos nas cavernas, o uso de pedras para simbolizar a quantidade, as pinturas nos corpos indígenas, enfim. Na verdade, os recursos mudam, se modernizam à medida que a sociedade culturalmente, socialmente e economicamente muda.

Em entrevista realizada para o *Institute of Education na University of London*, Kress traduzida pelo PIBID do Departamento de Letras de Pernambuco² também define recursos semióticos como:

Uma forma geral de dizer o que a cultura nos disponibiliza para gerar significado. A semiótica trata de significado, logo são recursos que geram significado. Dizer “recursos semióticos” implica, para não listar todas as coisas pertinentes à cultura, em muitas coisas e todas têm potenciais para gerar significado de formas particulares.

Kress diz que “esses elementos produzidos socialmente são os modos” e ainda na mesma entrevista que “os modos são regulares, pois a comunidade os usa por muito tempo e

²As falas de Gunther Kress no vídeo “What is mode?” foram traduzidas pela equipe do PIBID do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, e podem ser visualizadas em <http://www.pibidletras.com.br/cine-letras/gunther-kress/> acesso em 24/03/2015.

em circunstância similares. Eles são materiais, pois tem som, imagem ou tácteis e até odoríferas”.

Atualmente, como foi dito, os textos têm ganhado um caráter semiótico. A imagem tem sido um elemento constitutivo da representação da realidade social, só a leitura do texto verbal não é suficiente para a produção de sentidos.

Analisando que as produções de textos semióticos geram significados particulares, é preciso considerar então que o texto multimodal parte de alguns pressupostos que precisam ser considerados na produção ou leitura desses textos. Kress, Leite – Garcia e Van Leeuwen (2000) apud Vieira (2007, p. 22) relacionam esses pressupostos de forma resumida. Segue-os:

1. A produção ou leitura de textos é produzida culturalmente e compõe conjuntos semióticos;
2. A maneira de ler os textos multimodais deve considerar os textos coerentes em si mesmos;
3. Produtores e leitores exercem poder em relação aos textos;
4. Escritores e leitores produzem signos complexos que emergem do “interesse” do produtor do texto;
5. A relação entre significante e significado é motivada sobre o contexto comunicativo.

Percebe-se que, premidos pelas mudanças, os letramentos necessitam hoje, por estarem agregados a um vasto número de recursos gráficos, cores, sons e imagem, serem reconsiderados na sua composição para atender a demanda do cotidiano possibilitando ao leitor ou produtor do texto que seja competente, tanto na produção, quanto na leitura desses textos. Vieira (2007, p. 26) diz que:

Para que o sujeito alcance o letramento, é indispensável que saiba utilizar a escrita e a leitura em diferentes papéis sociais, além de manejar com extrema habilidade os componentes fundamentais da escrita, como letras, palavras, ortografia, regras gramaticais, sem contar com incontáveis noções de discurso e de pragmática. Seria interessante que em termos de linguagem visual, operássemos do mesmo modo.

Além de considerar os aspectos inerentes ao ensino de Língua Portuguesa, distribuídos nos eixos da oralidade, da leitura, da produção e da análise linguística, já abordados pela disciplina, a intenção desse trabalho é valorizar a formação identitária do educando e sua contribuição na aula como algo que é necessário entender, pois, a escola é um ambiente social, onde há trocas recíprocas e ‘a língua e a identidade estão totalmente conectadas’.

É no sentido de verificar como as identidades dos alunos são construídas e/ou reveladas por meio de atividades multimodais que esse trabalho se desenvolve, considerando toda a complexidade e desdobramento da leitura, nos modos semióticos, tanto os verbais

quanto os não verbais – questão trabalhada pela abordagem da multimodalidade. Pois, reproduzindo a fala de Kress num trecho da entrevista supracitada, “creio que uma lente multimodal nos dá a possibilidade de vermos mais”. Trato as questões identitárias na próxima seção.

1.3 Multiletramentos e Formação Identitária

Esta seção trará algumas concepções de identidade, destacando a concepção que norteará esse trabalho, além de apresentar a memória como um lugar privilegiado no processo identitário e a necessidade de ela ser socializada para não comprometer ou inviabilizar a identidade cultural, propondo através de atividades organizadas numa sequência didática a valorização e o reconhecimento da identidade local.

1.3.1 Concepções de identidade

Há apenas algumas décadas para a sociologia, a “identidade” não estava nem perto dos centros das atenções, era apenas objeto de meditação. Entretanto, no momento, é assunto recorrente “papo do momento”. A questão da identidade é assunto de discussão das ciências humanas e sociais.

No entanto, o que justifica o trabalho com identidade nessa pesquisa além dos motivos já mencionados anteriormente é o fato de que “as identidades são expressas principalmente através de códigos linguísticos, através de falas, de textos escritos e orais que lhe dão concretude e que lhe permitem permanência, reconhecimento e reivindicação” (FREITAS; WANKLER, 2012, p. 21).

Como já dito acima pela recorrência do termo no nosso cotidiano, inclusive na escola onde leciono, é pertinente e oportuno fazer uma breve revisão na literatura para entender melhor os conceitos de identidade que utilizo neste trabalho. Stuart Hall (2006, p. 10-13) explicita três concepções de identidade que são conceituadas a partir da percepção do sujeito num determinado momento sócio histórico: sujeito iluminista, sujeito sociológico, sujeito pós-moderno. Para ele:

- a. **Ao sujeito do iluminismo** estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo.

b. **A noção de sujeito sociológico** refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

c. **O sujeito pós-moderno**, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

Ainda sobre esse sujeito pós-moderno o autor acrescenta:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu' (HALL, 2006, p. 12).

Já Freitas e Wankler (2012, p. 18-19) conceituam identidade a partir de duas perspectivas: *essencialista e não-essencialista*:

Na primeira, “sugere que existe um conjunto cristalino, autêntico, consolidado, que não se altera com o tempo, de características partilhadas por membros de um grupo”. Essa definição comunga com o conceito de identidade do sujeito iluminista apresentado por Hall. Onde a identidade do sujeito é divulgada como imutável e fixa embasada em conjecturas naturais que lhe foram incrustados; raça, parentesco, gênero etc. Na segunda, não-essencialista, o conceito de identidade está vinculada a condições materiais e sociais, ou seja, focaliza as diferenças, estando a identidade vinculada a condições materiais e sociais relativamente a outras identidades (“nós e eles”).

[...] “A identidade está intimamente ligada à marcação da diferença, que se engendra geralmente por sistemas classificatórios que aplicados, são capazes de promover divisões – ao menos em dois ‘nós / eles’ – e exclusões”[...]. As representações são fenômenos psicossociais, que têm suas raízes “no espaço” público e no privado onde se desenvolvem e expressam as identidades/ alteridades, onde se criam os elementos simbólicos e identificadores do “ eu/ nós” e do “eles” (FREITAS; WANKLER, 2012, p. 19-20).

Esta segunda concepção de identidade comunga com a concepção sociológica de Hall (2006) pois, trata igualmente sobre o fato de projetarmos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-a “parte de nós”, contribuindo para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. Ainda conceituando identidade

Silva (2000, p. 6) diz: “a identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Ou seja, o significado gerado pelas representações, frutos das experiências e vivências dos indivíduos.

É pelas representações que o sujeito procura dar sentido ao mundo e compreendê-lo. É também por meio das representações que procura encontrar seu lugar, decidir quem é e a quem se une, a que grupo pertence. Sobre rerepresentações considere-se:

E como “na imaginação sociológica a identidade é sempre algo evasivo e escorregadio, quase um a priori, ou seja, uma realidade preexistente” (BENEDETTO VECCHI apud BAUMAN, 2005, p. 34). Neste trabalho em especial, para fugir da “armadilha” da identidade, esta será tratada como sinônimo de alteridade, uma vez que as concepções tradicionais estão se tornando menos importante conforme afirma o autor citado anteriormente.

As afiliações sociais – mais ou menos herdadas – que são tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade: raça, gênero, país ou local de nascimento, família e classe social agora estão se tornando menos importantes, diluídas e alteradas nos países mais avançados do ponto de vista tecnológico e econômico (BAUMAN, 2005, p. 84).

As atividades desenvolvidas na sequência didática para esse trabalho visam permitir que os estudantes passem a se perceber como sujeitos em interação com o entorno, ou seja, com os elementos do lugar.

Nessa perspectiva, a construção da identidade, mesmo que se efetive em um *continuum* e, portanto, sob a influência de acontecimentos em diferentes momentos e em diferentes espaços, está densamente relacionada aos lugares de vida, sendo também definida pela presença ou não, da diversidade cultural, racial, social, pela eleição de valores, por sonhos e escolhas que determinam como cada um deseja ser.

Assim pensada, com base na perspectiva da alteridade, a concepção de identidade por ora adotada passa a ser idealizada como ação construída pela relação particular e intensa entre sujeitos díspares, os alunos, seus familiares e vizinhos, os quais possuem opções e projetos de vida também diferenciados. Em meio ao processo interativo, ocorre, não apenas a aprendizagem de conceitos, de informações, mas principalmente, a captação dos contextos em que surgem os contatos, os relacionamentos de sujeitos plurais para a apreensão dos elementos que adquirem significado.

No desenvolvimento das atividades eu me colocarei no papel de escuta, no sentido descrito por Ponzio (2010, p. 25-26) “e o colocar-se em escuta significa simplesmente isso: dar tempo ao outro, o outro de mim e o outro eu; dar tempo e dar-se tempo”.

Desde o surgimento dos PCN que sagrou a pluralidade cultural como um dos seus temas transversais, a multiculturalidade recebeu destaque na área educacional. E a noção de alteridade recebeu naturezas distintas, também na sua etimologia. Para a Psicologia, alteridade se refere ao “conceito que o indivíduo tem segundo o qual os outros seres são distintos dele. Contrário a ego” (Dicionário de psicologia, 1973, p. 75). Já para a filosofia: “do latim *alteritas*. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 1998, p. 34-35).

Frente a essas duas acepções, a mais próxima do presente trabalho é a de caráter não essencialista e pós-moderna que apresenta na origem a noção de alteridade enquanto reconhecer-se no outro, mesmo que a princípio haja diferenças físicas, psíquicas e culturais.

Abordar essa temática no âmbito educacional é reconhecer que a mobilidade do mundo globalizado afeta tanto produtos como pessoas, tornando-a inesgotável e abre espaço para incessantes interações entre visões dicotômicas, conforme sugere Fleuri (2003, p. 497). “Trata-se do desafio de se respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, mas que ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos”.

Todas essas mudanças interferem na escola e no papel desta que passa a ser o de organizar defender a construção do respeito e do reconhecimento ao outro, assim como, a aceitação das diferenças existentes entre as pessoas, culturas e nacionalidades. Reconhecendo a importância dessa necessidade de olhar sobre diferentes ângulos e enxergar a diferença não como um problema, mas como um potencial, nas experiências singelas que tivemos eu e os alunos do 8º ano.

1.3.2 Identidade e memória

“É através dos marcadores selecionados pela memória que se explicitam os elementos e as balizas espaciais e temporais que definem a noção de pertencimento” (FREITAS; WANKLER, 2012, p. 22). A memória ocupa um papel fundamental no processo identitário, pois é ela que dá contornos e aportes aos sentimentos de continuidade e de coerência de um grupo ou de um indivíduo e da representação que faz de si mesmo.

“Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (CANDAU, 2014, p. 59-60). Candau salienta ainda que a memória aponta para três direções diferentes: uma memória do passado, uma memória da ação e uma memória de espera. A memória do passado como o próprio termo que a classifica sugere é a memória do balanço, das avaliações, das recordações

boas ou não; a memória da ação é a memória do presente, sempre instável e passageiro e, outra memória da espera que é aquela dos projetos, das resoluções, das promessas das esperanças e dos engajamentos para o futuro.

É exatamente no tocante à memória do passado que a escola vem perdendo espaço. Diante dos avanços tecnológicos os jovens não têm procurado refletir sobre sua “memória passada”, muitos poucos, a exemplo dos alunos do 8º ano, já têm uma projeção para o futuro e, as ações do presente – “memória presente” – agora permeadas pelas volatilidades, tornam ainda mais a memória da espera “preocupante”.

“A referência ao passado, o estabelecimento de fatos considerados marcantes e a definição de práticas compartilhadas mantêm a coesão dos grupos, definindo seu lugar respectivo, sua complementariedade, assim como as oposições e os contrários” (FREITAS; WANKLER, 2014, p. 22). Por meio da memória o indivíduo apreende e compreende o mundo, revela suas intenções a esse respeito, estrutura-o e põe-no em ordem cronótopa (Bakhtin) conferindo-lhes sentido.

1.3.3 O processo de socialização da memória

A memória precisa ser socializada, transmitida ou do contrário “como imaginar que se possa ter compartilhamento (de língua, de convenções verbais, de representações, de saberes e fazeres, de crenças, de comportamentos, de gestos ou posturas) capaz de fundar as representações de uma identidade coletiva”? (1 CANDAU, 2014, p. 105).

A transmissão é essencial, pois, sem ela fica inviabilizada a identidade cultural. Ou seja, “já não há nem socialização nem educação”. Candau afirma que:

A transmissão está, por consequência, no centro de qualquer abordagem antropológica da memória. Sem ela, a que poderia então servir a memória? Louis-Jean Calvet resume os questionamentos sobre a transmissão social em quatro perguntas? O que conservar? Como conservar? Quem conservar? Como transmitir? Poderíamos acrescentar uma quinta; Por que transmitir? (2 Ibid., p. 106).

Sem pretensão de conjecturar as respostas a todas essas indagações de Candau, o trabalho em curso se valerá dos recursos usados pela antropologia para coleta de dados numa abordagem do tipo etnográfica para desvendar o que a memória de antigos moradores, pais, familiares têm a revelar sobre si mesmos, sobre os alunos (filhos), sobre os bairros da cidade, sítios, sobre arquiteturas conservadas como herança a fim de os alunos do 8º ano reiterados do passado construam em particular suas identidades.

Desde as origens os homens não estão satisfeitos com seu cérebro e procuram formas de exteriorização da memória. De fato as gravuras pré-históricas (Lascaux, grutas de Cosquer, Chauvet) ou proto-históricas (Vallée des Merveilles) são provavelmente a primeira impressão de uma preocupação propriamente humana: inscrever, deixar traços, assinar, deixar suas iniciais, “fazer memória” [...] (3 Ibid., p. 107).

O autor ainda para exemplificar essa prática como antiga tradição faz menção aos primeiros memoriais consagrados ao Holocausto e diz que não foram monumentos, mas narrativas, os Yizkor Bucher, ou livros da memória.

Os meus alunos entrarão em contato com a memória de diferentes formas, a saber: contato oral com pessoas mais velhas da comunidade, de visitas a lugares que eles mesmos escolheram, registro da história local, etc., além de fazer, eles mesmos, registros que transformarão em memória as atividades propostas pela sequência didática.

Esse exercício requer um tipo de memória chamada por Candau (2014, p. 23) de “metamemória”.

A metamemória, que é, por um lado, representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” e igualmente, como observa Michael Lamek e Paul Antze, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva (CANDAUI, 2014, p. 23).

1.3.4 O fortalecimento da identidade local

Que diferença faz “nascer e se criar” num determinado local, no caso dos meus alunos a grande maioria nascidos e criados no interior do Estado de Alagoas, num pequeno município da Região da Mata com aproximadamente uma população de 23.950 segundo IBGE 2014, e numa grande metrópole?

Os PCN de introdução do terceiro e quarto ciclo que orientam o segundo segmento do Ensino fundamental afirmam que:

Desde criança, por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros, o ser humano constrói sua identidade: a partir do grupo social a que pertence, do contexto familiar, das experiências individuais, e de acordo com os valores, ideias e normas que organizam sua visão de mundo. É na relação com os outros que a identidade se desenvolve, pois não há um “eu” ou um “nós” senão frente a outrem (BRASIL, 1998, p. 108).

Qual o contexto familiar dos meus alunos, de que grupo social fazem parte, quem são suas famílias, que experiências de vida possuem, que ideias e normas organizam suas visões

de mundo, quem são esses seres que tenho diante de mim duas vezes por semana num total de 20h ao mês por um período de duzentos dias letivos?

O tempo a que faço referência diz respeito apenas à disciplina de língua Portuguesa. Se levarmos em conta todos os componentes curriculares veremos que boa parte do tempo desses jovens se passa dentro de uma sala de aula sentados em carteiras umas atrás das outras e esse tempo não pode ser de todo em vão.

Para os PCN a escola ocupa um lugar privilegiado na vida dos adolescentes e jovens, e implica, intencionalmente ou não, na construção de suas identidades e projetos de vida, entre outros aspectos. Então a escola é o espaço ideal para contribuir na formação identitária dos seus alunos.

A elaboração da identidade e do projeto de vida implica construir um conjunto de valores que oriente a perspectiva de vida: quem eu sou, quem eu quero ser, o que quero para mim e para a sociedade. Isso exige uma busca de autoconhecimento, compreensão da sociedade e do lugar social em que está inserido (BRASIL, 1998, p. 109).

Como levar alunos a pensar num projeto de vida se o “sol nasce e se põe sempre igual”. O poema de Drummond, “cidadezinha qualquer”, [...] um homem vai devagar, um cachorro vai devagar, um burro vai devagar, devagar as janelas... olham. Recordo os versos que revelam certa apatia ante o espetáculo da vida, cujo cotidiano é marcado pelo desencanto e pela ausência de perspectivas e percebo que representam bem a relação dos meus alunos com o lugar onde vivem.

“Eta vida besta meu Deus!” Este último verso do mesmo poema bem que poderia também representar nosso suspiro vendo essa vida que passa da janela. No entanto, essa cidade pequena começa a ter problemas de cidades grandes. Dentre eles a violência vem aumentando e os envolvidos são sempre muitos jovens, nossos jovens.

Os jovens que frequentam a escola de dia são os mesmos que vagam na noite sem ter para onde ir. A cidade não possui: teatro, cinema, boates, clubes, praias, shopping, etc. Então, o que fazer para estar em contato com o que acontece lá fora. Fazemos o que o resto do mundo está fazendo no momento.

Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos e construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2005, p. 32).

É importante perceber que os jovens por mais distantes que estejam dos grandes centros urbanos não estão mais isolados como numa aldeia, e de uma forma ou de outra são afetados pelo efeito da globalização.

Por meio da intensificação da velocidade das informações, adolescentes e jovens entram em contato e de alguma forma interagem, simultaneamente, com as dimensões locais e globais, que determinam-se mutuamente, mesclando singularidades e universalidades, interferindo diretamente nos processos de identificação dos jovens (BRASIL, 1998, p. 108).

O artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB exige que o currículo escolar do ensino básico brasileiro **deva levar em consideração características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos**. Para tanto, o ensino de expressões artísticas regionais constitui um componente curricular obrigatório em todas as etapas, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (grifo meu)

Infelizmente, parece que essa exigência não vem sendo muito considerada, senão no diagnóstico da escola realizado através da Plataforma do PDE, esse não seria um problema evidenciado. Talvez, porque nessa cidadezinha a cultura, a economia e outras expressões artísticas “andem em baixa”.

Mas se como afirma os PCN (BRASIL, 1998 p. 108) “a identidade é construída em um processo de aprendizagem, o que implica o amadurecimento da capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro e também articular a unidade e a continuidade de uma biografia individual”.

“A referência ao passado, o estabelecimento de fatos considerados marcantes e a definição de práticas compartilhadas mantêm a coesão dos grupos, definindo seu lugar respectivo, sua complementariedade, assim com as oposições e os contrários”, acrescenta (FREITAS; WANKLER, 2012, p. 22)

Esta pesquisa possibilitará que os jovens alunos possam entrar em contato com o passado, com a história local através de entrevistas com antigos moradores, ou mesmo, possibilitando que seus pais possam através de seus depoimentos pessoais contribuir traduzindo em comportamento, atos, posturas, práticas, manifestações, num “conceito de performatividade que afasta a noção de identidade da de simples descrição, aproximando-a da ideia de “torna-se”. [...] Ou seja, para uma concepção de identidade “narrada” pois essa é real, por ser vivida, sentida, reivindicada (FREITAS; WANKLER, 2012, p. 22).

Desta forma a escola estará levando o aluno a se perceber como ser inserido no mundo, com uma história pessoal, uma identidade local, e que, deve se sentir parte dela, de modo a assumir que diante dela tem responsabilidades, consigo mesmo, e com o outro.

Assim, “para que a escola possa ser um espaço privilegiado na construção de referências para os alunos, é preciso que ela compreenda aonde e como eles vêm construindo suas identidades para, a partir daí, ampliar seu campo de possibilidades e propor reflexões” (BRASIL, 1998, p. 109),

1.4 História e imagens

A intenção nessa seção é apresentar a fotografia como construtora de identidades idealizadas. Além de trazer noções de imagens, de letramento visual, de como a fotografia como mensagem se transforma através do tempo como imagem/documento. E por fim, salientar que em cada foto há uma história e que a fotografia é fruto de um trabalho social de produção de signos e deve ser, portanto considerada como produto cultural.

1.4.1 Identidade e fotografia

Quantos “eus”
Sou diferente ou igual?
Igual a quem? Quem me define?
Você? Eu? Os outros? [...] (Juçara Braga Alves)

Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração, costumava dizer o fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004). A frase mostra como esse pequeno recorte de luz, que registra fatos e desperta memórias, está sujeito à interpretação de quem o observa (NICOLIELO, 2014).

“A tentativa dos indivíduos de construir uma imagem idealizada de si, seja por catarse ou vaidade, já era observada na época de Disdéri e ainda o é nos dias atuais” (ZAMBON, LOPES, 2007, p. 31). Lembro como hoje da minha primeira fotografia aos 7 anos de idade. Éramos três irmãos na época, com roupas de domingo e minha mãe na saída da igreja nos organizando para a fotografia. Eu e meu irmão mais velho um de cada lado do carro do fotógrafo e o meu irmão mais novo sentado no capô do carro.

Há cinco anos estive em Florianópolis – SC e levei a foto comigo pensando numa restauração, visto que o tempo tinha feito um desgaste nessa recordação, e, de presentear o meu irmão que estava em cima do capô com uma cópia. No shopping, encontrei o espaço que revela e restaura fotografia. O senhor que me atendeu soltou um suspiro quando lhe mostrei a

foto, seus olhos brilhavam de contentamento, disse-me que tinha nas mãos uma joia e desatou a me fazer perguntas.

Estranhei o interesse dele, mas como expressava uma alegria enorme não quis tolher suas emoções e dei a ele às informações que solicitava. Quem eram as pessoas retratadas? Quanto tempo tinha a foto? Quem fez a foto? De onde eu era... Coisas desse tipo. Sai de lá com a promessa que ele mesmo cuidaria da restauração...

Escrever sobre fotografia e identidade me fez recordar esse episódio, essa invenção maravilhosa do início do século XIX, que tem evoluído admiravelmente nas últimas décadas graças aos avanços tecnológicos. As imagens viraram “fetiche” para essa geração. Zambon; Lopes (2017, p. 3) dizem: “no cenário contemporâneo, cada um pode ser o fotógrafo de si mesmo, o que dá ainda mais autonomia aos indivíduos para se representarem da forma que melhor lhes agrade”.

Olhando agora a minha primeira fotografia percebo ali um outro “eu” diferentemente desse “eu” que agora vos fala e do “eu” sem aqueles trajes de domingo, cabelo arrumadinho sem um fio fora do lugar. Na verdade percebo na foto a idealização dos filhos da minha mãe.

A comunhão entre pose e cenário, os trajes cuidadosamente escolhidos e engomados, o cabelo minuciosamente penteado, a maquiagem e o retoque caracterizam a fotografia de retrato – desde o seu surgimento – como uma construção da identidade do indivíduo, idealizado em um personagem que diz mais respeito à forma como cada um gostaria de ser visto do que sobre sua verdadeira identidade (ZAMBON; LOPES, 2007, p. 6).

Usar a linguagem fotográfica nas aulas de língua portuguesa fugiu da minha rotina como professora, mas, começar uma sequência didática com o objetivo de responder como o trabalho com os multiletramentos pode auxiliar na construção da identidade dos alunos do 8º ano, fazendo *selfie*, não poderia ter sido melhor.

De início já deu para constatar o que Zambon; Lopes (2007, p. 6) nos dizem: “Reconhece-se a partir daí a ideia da “máscara social”, mutável, e que se integra numa variedade de cenas e representações. A maneira como é representado “o ser no mundo” é que determina sua encenação”.

Os detalhes dessa atividade serão descritos no capítulo de análise.

1.4.2 A noção de imagem: usos e significados

“No prefácio à segunda edição (1843) de *A essência do cristianismo*, Feuerbach observa a respeito da “nossa era” que ela “prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a

representação à realidade, a aparência ao ser” – ao mesmo tempo que tem toda consciência disso³” (SONTAG, 2006, p. 216).

Essa preferência pela imagem na “nossa era” merece ser investigada, uma vez que a atração pela imagem amplia o seu consumo a ponto de se tornar imprescindíveis para a saúde da economia, para a estabilização social e para a busca da felicidade particular.

Definir imagem não é tão simples quanto apertar um botão de uma câmera. Há na verdade doze acepções diferentes no dicionário online Michaelis. Mas mesmo que não consultemos quaisquer dicionários é possível inferir seu significado diz Joly (2007, p. 13):

O mais notável é que, apesar da diversidade dos significados desta palavra, compreendemo-la. Compreendemos que ela designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece.

Utilizamos o termo imagem para falar de atividades psíquicas, tais como: as representações mentais, o sonho, a linguagem pela imagem; na arte, a noção de imagem está associada à representação visual: afrescos, iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filmes, vídeo, fotografia e mesmo imagens compostas. Atualmente as imagens são produzidas em computador e passaram até da representação em três dimensões para tela de cinema, sem falar nas imagens por hologramas.

A imagem está presente desde os tempos mais remotos. Afirma Joly (2007, p. 18) que “no início, havia a imagem. Para onde quer que nos viremos, existe a imagem”. Mas, tratar de imagens neste trabalho interessa ultrapassar as categorias funcionais da imagem para me dedicar às imagens fotográficas uma vez que a fotografia estará presente em várias tarefas da sequência didática elaboradas para efetivação do projeto.

Mas o que é imagem? Numa síntese de definições – sejam elas filosoficamente oriundas de Platão e de outros mestres, sejam elaboradas por especialistas em semiótica, comunicação e outras ciências –, a imagem (do latim *Imago*) é uma representação visual, construída pelo homem, dos mais diversos tipos de objetos, seres e conceitos. Pode estar no campo do concreto, quando se manifesta por meio de suportes físicos palpáveis e visíveis, ou no campo do abstrato, por meio das imagens mentais dos indivíduos (RODRIGUES, 2007, p. 68).

Para nos desprendermos dos muitos significados de imagem recorrerei a uma teoria mais geral e mais globalizante, que nos permite ultrapassar as categorias funcionais da imagem. Essa teoria é a teoria da semiótica.

³ “Em el prefacio a la segunda edición (1843) de *La esencia del cristianismo* Feuerbach, senala que “nuestra era” “refere la imagen a la cosa, la copia al original, la representación a la realidad, la apariencia al ser”- con toda consciência de su predilecci”. Preparação – Otacílio Nunes Jr. (a tradução é minha e livre).

Demonstrar que a imagem é realmente uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que a este título se distingue do mundo real e que propõe, por meio de signos particulares, uma representação escolhida e forçosamente orientada; distinguir os principais instrumentos desta linguagem e o que significa a sua presença ou a sua ausência; relativizar a sua própria interpretação, embora sempre compreendendo os seus fundamentos – são algumas das muitas provas de liberdade intelectual que a análise pedagógica pode implicar (JOLY, 2007, p. 53).

Segundo Lima (1998) apud Rodrigues (2007, p. 69) Fotografia é a arte de escrever com a luz – conforme a origem grega das palavras foto = luz, grafia = escrita – e, ao mesmo tempo, forma de expressão visual – segundo a origem oriental japonesa: sha-shin = reflexo da realidade. E, além de demonstrar que a fotografia é uma forma de linguagem vale salientar que também é uma fonte histórica.

O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. (1 MAUAD, 1996, p. 8).

As fotografias que deverão compor o mosaico desse trabalho devem ser consideradas como documento – fonte histórica uma vez que ultrapassam o mero aspecto ilustrativo.

Tal ideia implica a noção de intertextualidade para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, a fotografia - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo - deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar. Nesse sentido o corpus fotográfico pode ser organizado em função de um tema, tais como a morte, a criança, o casamento etc., ou em função das diferentes agências de produção da imagem que competem nos processos de produção de sentido social, entre as quais a família, o Estado, a imprensa e a publicidade (2 Ibid., p. 10).

O presente trabalho organizará as fotos a partir das diferentes agências de produção de sentido social, entre as quais, a escola (alunos), a família, os bairros ou similares nas quais podem ser verificadas a construção das identidades sociais e as posições dos sujeitos.

[...]a análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, o espaço dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), o espaço da figuração e o espaço das vivências, comportamentos e representações sociais. (3 Ibid.)

1.4.3 Letramento visual: análise da imagem fotográfica

Dionísio (2006, p. 132) nos alerta que

Esta não é uma prática nova de uso da leitura e da escrita. Se fizermos uma retrospectiva, veremos que as pinturas rupestres, os primeiros pictogramas chineses, dentre tantos outros elementos da cultura antiga, nos mostram que o letramento visual está presente na organização das sociedades.

Embora Dionísio aponte que a relação entre o visual e o verbal está presente na sociedade desde a cultura antiga, a relação entre o visual e o verbal ou mesmo outras linguagens são ainda muito recentes no contexto escolar, se bem que já sejam bastante conhecidos por parte dos alunos nos contextos extraescolares.

A proposta da sequência didática desenvolvida para esse projeto é também inserir nas aulas de língua portuguesa a possibilidade do uso de outras linguagens para além do verbal, visto que, há a necessidade da escola inserir no seu contexto outras possibilidades, uma vez que a sociedade não está organizada em apenas um sistema semiótico.

Oliveira (2006, p. 98) afirma que “de coadjuvante nos textos escritos, a representação visual começa a tomar ares de ator principal”. O que antes era apenas um adendo ao texto verbal, hoje se exhibe num formato instrucional com probabilidades pedagógicas tão eficazes quanto o texto linear, cheio de vida própria e capaz de recriar, representar, reproduzir e transformar a realidade por si, de acordo com parâmetros comunicativos peculiares.

Então, como possibilidade de propor eventos de letramento visual a sequência didática desenvolvida permitiu que nós (alunos e professora) utilizando celulares, câmeras fotográficas pudéssemos ultrapassar os muros da escola para registrar os cantinhos favoritos dos alunos, seus lares, famílias, seus bairros.

A imagem fotográfica que já fazia parte das vidas das pessoas, mesmo que em momentos específicos como registro, como memória, hoje, principalmente com o advento da internet, das máquinas digitais e dos celulares com suas múltiplas funções, ocupam um espaço significativo no cotidiano das pessoas compondo, com a escrita e o som, o fundamento da comunicação. Por isso, “o estatuto de testemunho, portanto de verdade, da fotografia, viu-se reforçado quando multiplicado aos milhares e aos milhões”. (KOSSOY, 2007, p. 160)

Acho apropriado considerar na análise desse trabalho as orientações de Manini (2007, p. 4). Ela propõe respostas para algumas perguntas extraídas da fotografia no momento da análise:

[...] **Quem** ou o que aparece na imagem (descrição ou nome das pessoas e/ou lugares); **Que** lugar aparece na imagem (localização espacial e geográfica); Quando foi realizada a tomada (indicação de data, tempo cronológico ou

ocasião); **Como** são ou estão os principais elementos da imagem (complementação da descrição inicial feita do motivo principal da imagem); **O que** indica esta imagem (de que ela é o traço, a marca, o sinal). As respostas a estas perguntas devem ser dadas com base em informações concretas provenientes da imagem ou de seu referente (MANINI, 2007, p. 4) (grifo meu)

Costa (2005, p. 85) acrescenta fazendo os seguintes comentários a respeito da análise da imagem:

[...] nós, observadores, somos dotados da competência para a leitura de imagens e que é essa competência que faz das imagens unidades coerentes e com sentido. Utilizamos nesse processo não só nosso olhar, mas nossa capacidade de comparação de fazer analogias e de desenvolver memória visual. Esse processo complexo resulta em inúmeras informações que podem ser organizadas em diferentes níveis:

1. Informações técnicas: são as informações que nos permitem distinguir uma foto colorida de outra em branco e preto. Quanto mais conhecemos a respeito do processo fotográfico, mais dados técnicos somos capazes de perceber ou obter;
2. Informações visuais: são aquelas que dizem respeito à configuração da imagem, ou seja, como ela foi concebida e os critérios estéticos utilizados. Nesse conjunto de dados está a identificação do fotógrafo e da maneira como ele organizou os elementos plásticos da imagem: qual o recorte que ele deu à cena, o que colocou ao centro, como utilizou a iluminação.
3. Informações textuais: são aquelas que obtemos do assunto tratado e da forma como é tratado.
4. Informações contextuais: são as informações que dizem respeito a tudo aquilo que se sabe sobre as razões e intenções do fotógrafo ao criar a fotografia.

O letramento visual se efetiva por meio dos sentidos que se institui entre olhar, a imagem e a probabilidade do recorte, a partir das concepções sociais em que se inscreve tanto o sujeito-autor do texto não verbal, quanto o sujeito-espectador. “No entanto, para a efetiva compreensão desta mensagem, o espectador irá buscar, em sua bagagem (memória visual) e na sua concepção de mundo, elementos de equivalência para chegar a uma dada interpretação” (LIMA; SILVA, 2007, p. 7).

Vale ressaltar ainda que o processo de análise da imagem fotográfica como toda e qualquer forma de imagem, não é um processo simples, nem fácil visto que o sentido conotativo pode desencadear a polissemia ou ambiguidade. Segundo Kossoy (2007, p. 61):

A imagem fotográfica vai além do que mostra em sua superfície. Naquilo que não tem explícito, o tema registrado tem sua explicação, seu porquê, sua história. Seu mistério se acha circunscrito, no espaço e no tempo, à própria imagem. Isto é próprio da natureza da fotografia: ela nos mostra alguma coisa, porém seu significado a ultrapassa.

1.4.4 Fotografia & História: produto cultural

A existência de uma foto é marcada por três etapas bem definidas. Primeiro o fotógrafo se sente motivado para registrar um fato, um momento, ou alguém encomenda a fotografia; a partir dessa intenção, dessa tarefa outra etapa se define: o ato de registro, a materialização na fotografia, ou seja, a intenção materializada; por fim a terceira etapa: os caminhos seguidos por essa fotografia, as decisões que foram tomadas diante das possibilidades, os olhos que viram emoções despertadas, as mãos que se dedicaram ao ato. Para Kossoy (2001) “cada gesto, cada atitude é carregada de significado”, e acrescento, todos os sentidos, que também são linguagem, se cruzam, se imbricam para se materializar na fotografia.

“Com a fotografia, o homem acredita ser capaz então de registrar fragmentos do mundo de forma “objetiva” e “imparcial”. Isso ocorre uma vez que a riqueza de detalhes obtidos em uma imagem é o mais próximo à realidade do que aquelas produzidas em séculos anteriores” (BARTHES, 1981, p. 51).

Esses fragmentos do mundo que o homem consegue registrar segundo Kossoy (2001) tornam-se resíduos do passado, nos fornecem evidências sobre elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) e origina o registro visual. Dessa forma, o artefato fotográfico através da matéria (que lhe dá corpo) e sua expressão (registro visual nele contida) é uma fonte histórica. Ou seja, por trás de cada fotografia há uma história. E, é preciso considerar que:

Jamais se poderão decodificar tais informações – que permitem enfoques multidisciplinares – se não houver um mergulho naquele momento histórico, fragmentariamente congelado no conteúdo da imagem e globalmente circunscrito ao ato da tomada do registro (...) ela não sobreviverá sem os dados que a identificam, sem a devida interpretação que a situa e valoriza (Kossoy, 2001, p. 154).

São essas histórias que se escondem por trás das fotografias que a sequência didática procura recuperar. A história dos alunos, dos bairros, contada utilizando uma língua não verbal comum aos alunos, mas não tão comum na prática da disciplina de Língua Portuguesa. A atividade ajudará a comunidade escolar a compreender melhor quem é seu aluno, como é seu cotidiano, onde ele mora, que percurso ele faz a caminho da escola, sua família, seu espaço de lazer dentre outros serão considerados.

Aos alunos fotógrafos uma nova possibilidade de expressão, de aprendizagem de percepção das coisas, das cores, das formas, das situações, lugares, deles mesmos, de pessoas já conhecidos e estimados por eles, mas reveladas sobre uma nova ótica, um novo olhar.

Desde a sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens. Uma história múltipla, constituída por grandes e pequenos eventos, por personalidades mundiais e por gente anônima, por lugares distantes e exóticos e pela intimidade doméstica, pelas sensibilidades coletivas e pelas ideologias oficiais (MAUAD, 1996, p. 5).

A fotografia é fruto de um trabalho social de produção de signos e deve ser, portanto, considerada como produto cultural.

Neste sentido, toda a produção da mensagem fotográfica está associada aos meios técnicos de produção cultural. Dentro desta perspectiva, a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e por outro, atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar (MAUAD, 1996, p. 11).

Reiterando o que já foi dito, uma vez que “toda imagem é uma história”, esse trabalho alude à imagem fotográfica para inventariar através dos signos, de natureza não verbal, que aspectos e objetos da cultura embrenham-se nas imagens decalcados nas superfícies das fotos, compondo o mosaico de fotos do 8º ano, visando à valorização das múltiplas linguagens como patrimônio cultural e um respeitável elemento na construção de identidade individuais e coletivas.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1 A pesquisa

Neste capítulo serão descritos os procedimentos metodológicos divididos nas seguintes seções: a natureza da pesquisa, o contexto, procedimentos adotados e os instrumentos de coleta de dados.

Vale recordar a questão desencadeadora dessa pesquisa: **Como o trabalho com os multiletramentos pode auxiliar na construção da identidade dos alunos do 8º ano C do ensino fundamental de acordo com o projeto de escola alinhado aos PCN?** Ao retomá-la compreenderemos com mais precisão os procedimentos metodológicos bem como os instrumentos adotados na coleta de dados.

Este capítulo versará sobre a pesquisa qualitativa em ambiente educacional. As designações para este tipo de pesquisa qualitativa são diversas, contudo, irei me ater apenas a discorrer sobre a designação da pesquisa etnográfica. Segundo, André (2012, p. 19) *apud* Spradley (1995), “a principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados”.

Essa empreitada só será possível se os sujeitos – os alunos do 8º ano C – forem ouvidos e a partir de sua lógica expuserem as suas razões. E, para buscar compreender o propósito dessa pesquisa serão usadas como principais instrumentos de dados: fotos e entrevistas. Estas por sua vez estarão subsidiadas por narrativas capturadas a partir de gravações de áudio e vídeo durante o processo investigativo e ainda de anotações feitas em diário de bordo.

2.2 Natureza da pesquisa

Pesquisar é ir à busca de conhecimento, contribuir para o avanço científico e o desenvolvimento social. A pesquisa científica se processa através de um método investigativo que produz relevantes resultados para os sujeitos que a realiza e para a sociedade na qual se desenvolve.

Quanto à natureza pode ser quantitativa ou qualitativa. Stablein (2001) salienta que a distinção entre uma e outra está na separação entre representações numéricas e não numéricas. Não tenciono me deter nessa questão, a mim basta considerar o que nos diz André (2012, p. 25) [...] “a necessidade agora é ir além, ultrapassar essa dicotomia qualitativo-quantitativo e

tentar encontrar respostas para as inúmeras questões com que nos defrontamos diariamente” [...].

Porém, sendo a natureza dessa pesquisa qualitativa, e esta, por conseguinte apresentando vários tipos, destaco dentre eles a pesquisa etnográfica como escolha enfatizando qual sua conexão com educação.

Segundo André (2012, p. 27) “etimologicamente etnografia significa ‘descrição cultural’. Desenvolvida pelos antropólogos para pesquisar a cultura e a sociedade quando esses resolveram investigar em campo a cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados).

No campo educacional, a pesquisa etnográfica tem traços distintos da etnografia desenvolvida no campo da antropologia. Enquanto a antropologia se dedica às questões supracitadas, a educação tem foco principal o processo educativo. Neste, os pesquisadores não precisam seguir a risco os mesmos critérios adotados pela antropologia, principalmente no tocante ao tempo de pesquisa em campo. Na verdade, consoante com o que diz André, o que se tem feito em Educação é apenas uma adaptação da etnografia.

Fazer uso desse método imputa ao pesquisador o papel principal na coleta e análise dos dados. Os problemas a serem pesquisados emergem do contexto educacional, do cotidiano ativo, pulsante de sala de aula, da real necessidade dos sujeitos na busca por garantir condições mais propícias à aprendizagem dando relevância ao objeto da pesquisa. E, nesse processo o ambiente escolar e a educação são pensados e concebidos como processo social, histórico e cultural.

O interesse pela pesquisa etnográfica no campo educacional tem seu ápice por volta dos anos 80. Até então, as pesquisas voltavam-se para registrar a interatividade comportamental entre professor e aluno e vice e versa. Muitos problemas, porém foram apontados na coleta de dados por meio desse sistema.

Assim, para resolver essas questões que permeavam o ambiente educacional foi proposta uma metodologia aos moldes da antropologia, ou seja, uma pesquisa que envolvesse registro de campo, fotografias, gravações, com o intuito de: [...] “descrever a situação, compreendê-la, revelar seus múltiplos significados deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade” (ANDRÉ, 2012, p. 37-38).

A coleta de dados elencada por André permite documentar e desvelar as nuances do cotidiano de sala de aula, razões que justificam o uso da etnografia no âmbito escolar. Nesse sentido, é preciso engajamento do professor pesquisador, para que amparado num

significativo referencial teórico, que oriente a análise e a interpretação de dados, possa não só questionar, mas, retomar o resultado da pesquisa, o conhecimento adquirido e contribuir para a melhoria do ensino, razão primordial da pesquisa etnográfica no campo educacional.

2.3 O Contexto da pesquisa

O contexto de sala e o convívio com os educandos, permeados por condições díspares suscitaram a necessidade de refletir mais sobre identidade. Ainda hoje, me parece, que a ideia de identidade não foi problematizada o suficiente mesmo sendo temática recorrente no cenário educacional contemporâneo. O mundo mais globalizado, onde novas tecnologias e novos meios de comunicação emergem numa velocidade exacerbada, onde novas fronteiras se redesenham a todo instante, repercutindo em nossas salas, nos leva a querer ultrapassar os muros da escola, engendrar novas possibilidades para compreender o universo dos sujeitos de sala de aula, no seu contexto sócio econômico e cultural.

Com o propósito supracitado, essa pesquisa transitará entre espaços distintos, a saber: a sala de aula de Língua Portuguesa de uma escola pública municipal e com base no enfoque etnográfico, irá aos lugares onde os participantes vivem, no caso, bairros e sítios para revelar a realidade de uma sala de aula de 8º ano do ensino fundamental.

Caldeira (1995, p. 8) afirma que:

Para realizar-se um estudo etnográfico, é necessário que o investigador vá ao campo onde vivem os sujeitos da ação que se deseja revelar, permanecendo por ali por um tempo prolongado que lhe permita penetrar na vida cotidiana e tornar visíveis os distintos significados e ações que ocorrem em seu interior.

Na verdade, em educação o que se tem feito é uma adaptação da pesquisa etnográfica, pois algumas das características desta, como por exemplo, longa permanência do pesquisador em campo não é seguida no seu sentido estrito. Um trabalho do tipo etnográfico, segundo André (2012, p. 28) “faz uso das técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista e a análise de documento”.

Essa pesquisa, além de buscar compreender através da observação direta os vários momentos em que o professor pesquisador esteve diretamente ligado a pesquisa podendo observar, anotar e estreitar laços com os sujeitos pesquisados participando de eventos de sua vida cotidiana, junto às suas famílias, aos seus vizinhos e na comunidade da qual são atuantes, envolve, além das técnicas elencadas por André, citadas anteriormente, fotografias e gravações.

A situação pesquisada permitiu um recorte da história de vida desses sujeitos acentuando as diferenças e semelhanças que fornecem traços distintivos que permitirão uma descrição holística, considerando também olhares, gestos, tons de voz, pausas, as interações e tudo que seja favorável para compreender a dinâmica do grupo estudado buscando como propõe André, (2012, p. 30) “[...] a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade”.

2.4 Planejamento de ensino: uma necessidade pedagógica

Planejar é organizar, pensar antecipadamente, é estudar antes de tudo uma situação. Se pensarmos em construir uma casa, por exemplo, primeiro teremos que estudar o terreno para a partir daí, com lápis iniciarmos os primeiros passos em um rascunho no papel que se transforma na planta da casa, a partir dos anseios, expectativas e necessidades, além das condições materiais. E, isso é só o começo, muitas decisões ainda deverão ser tomadas, pensadas e repensadas.

É impossível enumerar todos os tipos e níveis de planejamento necessários à atividade humana. Sobretudo porque, sendo a pessoa humana condenada, por sua racionalidade, a realizar algum tipo de planejamento, está sempre ensaiando processos de transformar suas ideias em realidade. Embora não o faça de maneira consciente e eficaz, a pessoa humana possui uma estrutura básica que a leva a divisar o futuro, a analisar a realidade a propor ações e atitudes para transformá-la (GANDIN, 2001, p. 83).

Planejar é preciso em todos os aspectos da nossa vida. Sem planejamento é possível realizar as coisas? Gandin supracitado, responde que o fazemos sempre, mesmo de forma inconsciente e ineficaz. Porém, quando se trata de sala de aula não se deve agir levemente. E, quando se trata de planejar para ministrar aula, o planejar é muito mais difícil e muito mais complexo que planejar uma casa. Estamos lidando com seres humanos, com identidades distintas e em construção, com anseios vários, e com variadas histórias num mesmo contexto – sala de aula.

Planejar, em sentido amplo, é um processo que visa a dar respostas a um problema, estabelecendo fins e meios que apontem para sua superação, de modo a atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas considerando as condições do presente, as experiências do passado, os aspectos contextuais e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e com quem se planeja (PADILHA, 2001, p. 63).

O planejamento que desencadeia as reflexões nesta dissertação foi pensado para uma turma específica, de uma escola específica, de uma rede específica. Contudo, as

características desta turma pode se assemelhar a outras turmas, a outros alunos que estão preenchendo as carteiras das nossas escolas por esse Brasil afora, ou não. E busca ainda fugir de uma abordagem convencional de texto para considerar uma proposta que vem se delineando na contemporaneidade, ou seja, busca uma forma inteligente de articulação entre o ensino de Língua portuguesa e sua relação com texto.

Em conformidade Vieira (2007, p. 28) afirma:

Na verdade, o que de fato o ensino em geral carece é um modo inteligente de articular o Ensino de Língua Portuguesa com o texto [...] e que os professores devem trabalhar com uma variedade significativa de gêneros e de tipos textuais, incluindo também o texto multissemiótico.

Mas essa articulação requer que desenvolvamos habilidades que vão além daquelas adquiridas na formação acadêmica que recebemos. As mudanças são tantas e tão rápidas que nem bem internalizamos um conceito, outro novo já surgiu, novas teorias já despontaram. Ainda ontem falávamos sobre as diferenças entre alfabetização e letramento. Ainda ontem estabelecíamos o que é tipologia textual e gêneros discursivos. Hoje, novos desafios estão diante de nós.

E a meu ver, nem nos damos conta que continuamos a ministrar a mesmice em nossas aulas, alheios ao que acontece no nosso entorno. E mais, somos resistentes ao novo. A maioria de nós parte da premissa de que terreno desconhecido é um campo minado. E o multiletramentos é um campo minado, talvez a fuga fosse a melhor saída. Mas, como ignorar aquilo que se impõe devido a sua relevância no mundo contemporâneo?

Hoje principalmente nas populações urbanas do mundo inteiro, só vive desinformado quem quer se isolar do resto do mundo por vontade própria [...] Estamos vivendo na era da informação – Hoje somos o que sabemos. E a linguagem está no epicentro deste verdadeiro abalo sísmico que está em curso na maneira de lidar com as nossas vidas e as nossas identidades (RAJAGOPALAN, 2003, p. 59).

A escola está no meio desse abalo sísmico. Eu tenho numa mesma sala hoje, 46 alunos de 50 que iniciaram o letivo, ou seja, 46 histórias de vida diferentes, que residem em 14 lugares diferentes, convivendo no centro da cidade numa escola pública cinco dias por semana, quatro horas por dia. Em dois desses dias nos encontramos, num total de 5 horas por semana. E percebo que mesmos os alunos camponeses, quer seja nos gestos, quer seja no modo de vestir, ou mesmo no falar já demonstram que não estão alheios a essas transformações. E dessa constatação que nasce essa experiência com o 8º ano C. Para Spradley (1976) o etnógrafo tem como papel central desvelar crenças, opiniões e ações sociais constituintes da prática cotidiana dos integrantes da comunidade investigada, suas formas de

pensar e agir e, sobretudo, suas relações sociais em ambientes historicamente constituídos e compartilhados entre eles.

A experiência etnográfica tem sido muito significativa pra mim. Em 20 anos de sala de aula em nenhum momento fiquei tão perto, tão junto aos meus alunos. Na verdade tenho uma predisposição de conversar, conhecer, saber um pouco de suas vidas. Sei que isso nos aproxima, quebra o gelo, mas nunca o fiz de forma científica como agora.

O planejamento propõe que parte das atividades aconteça fora do ambiente escolar. Isso é pouco comum em educação. Geralmente as pesquisas acontecem dentro da escola. A proposta é o caminho inverso: da escola para o bairro, para o sítio, para a casa dos alunos, até os pais, os familiares, os vizinhos, à vida fora do ambiente escolar. Rajagopalan (2003, p. 106) diz que Paulo Freire deixa bem claro que do ponto de vista da pedagogia crítica, a linha divisória entre o “dentro” e o “fora” é bastante tênue e precária e o que se faz dentro logo repercute fora e vice-versa.

Para elaborá-lo, após várias conversas com meu orientador, precisei utilizar várias habilidades que fui desenvolvendo em outras formações e no meu cotidiano, devido à minhas necessidades como pessoa e profissional, tais como: utilizar o computador para fazer pesquisas no Google, no You Tube; baixar softwares como: Audacity, a Tube Catcher, Dropbox, Picasa e deles fazer uso para fins pedagógicos.

Utilizei essas ferramentas e outras para converter vídeo em áudio, editar, baixar imagens e textos, preparar slides. Na sala foi preciso saber conectar equipamentos como: data show ao computador, caixa amplificadora. Além de lidar com câmera fotográfica. Organizar arquivos, e depois transportá-los para armazenamento em nuvem para facilitar seu reenvio quando preciso ou mesmo por segurança. Ou seja, para organizar o gênero plano de aula foi necessário novas ferramentas, além daquelas que comumente já utilizamos (lápiz, caneta, giz, e lousa) – escrita manual e impressa (tipografia, imprensa) – áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação.

Enfim, sou uma professora, aprendiz como pesquisadora, cuja sala de aula apresenta vários problemas de aprendizagem; com anseios e expectativas e que não descansa, nem se acomoda diante das dificuldades, mas que busca ampliar as oportunidades dos alunos de agir e interagir de forma mais eficaz e eficiente no seu convívio pessoal e social. Avalio de antemão a experiência como relevante, sobretudo por tentar considerar no plano de ensino o que propõe Rojo (2009, p. 107):

Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar de **várias** práticas sociais que utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética crítica e democrática**. Para fazê-lo é preciso que a educação linguística leve em conta hoje, de maneira ética e democrática: os Multiletramentos [...] os letramentos multissemióticos [...] (grifos da autora).

Uma vez concluída a etapa de planejamento outra se inicia: a organização da sequência didática e é sobre essa organização que falarei na próxima seção.

2.5 Sequência didática

Sequência didática é um termo utilizado no âmbito educacional para definir uma metodologia encadeada de passos, ou etapas ligadas entre si a fim de tornar o aprendizado mais significativo e eficiente.

Para compreender o valor pedagógico e os motivos que justificam uma sequência didática é essencial identificar suas etapas, as atividades que a constitui e as relações que estabelecem com os objetivos de aprendizagem. Ela além de facilitar o trabalho do professor tem mais chance de atender significativamente as necessidades dos alunos. E no caso específico em se tratando de alunos dos anos finais do ensino fundamental abre a possibilidade deles participarem ativamente do processo de elaboração.

É importante frisar que o tempo de duração de uma sequência didática é sempre estimado, pois alguns imprevistos podem surgir durante o processo. É necessário ainda que cada etapa seja avaliada a fim de que novos direcionamentos surjam se necessários e os objetivos propostos sejam alcançados.

Segue registro da sequência didática elaborada para esse trabalho. Ela foi organizada em três etapas e cada uma gerou dados que serão analisados no próximo capítulo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Público alvo: 8º ano C	Tempo estimado: 2 meses/ 40h
Objetivo Geral: Investigar de que maneira a sequência didática proposta contribuiu para revelar as identidades dos alunos e sua noção de pertencimento com os locais onde vivem.	
Objetivos específicos:	
<ul style="list-style-type: none"> a. Reconstruir a história local e resgatar a identidade do aluno, do bairro, povoado e ou sítio; b. Investigar de que maneira a escola atende as necessidade de uso efetivo da linguagem dos seus educandos na comunidade que eles se inserem. c. Verificar como as identidades dos alunos são construídas e / reveladas por meio de atividades multimodais. 	
1ª Etapa - Atividade Introdutória	
Objetivo: Construir identidade do eu por meio da fotografia – como autorretrato;	
Conteúdos	
Fotografia - técnica <i>selfie</i>	

Metodologia

- Levar para sala de aula uma *selfie*.
- Levantar alguns questionamentos tais como: O que vocês estão vendo? Quem vocês acham que tirou essa foto? Vocês já ouviram falar em *Selfie*? Por que as pessoas fazem *selfie*? O que é *selfie*?
 - Propor aos alunos que façam imagem de si mesmos pra começar – *selfie* – como representação da sua própria identidade como sujeito. Para isso sugeri que se dirijam a um lugar previamente planejado na própria escola para que possam fazer sua *selfie* e/ou tirem suas *selfies* a partir de seus celulares e entreguem ao professor.
 - Levar a pesquisa retirada do endereço eletrônico⁴ para ajudar os alunos a registrarem suas impressões sobre as *selfies* tiradas.
 - Apresentar um painel com *asselfies* da turma.
 - Sugerir aos alunos que anotem no diário de bordo as impressões de si mesmo ao observar o painel de *selfies* da turma.

Instrumento de coleta de dados

- ✓ Fotos *selfies*;
- ✓ Diário de bordo do aluno.

A segunda etapa da sequência didática aconteceu em dois espaços diferentes: escola e bairros/ sítios onde os alunos residem.

2ª Etapa: Escola**Objetivos:**

Compreender mais efetivamente alguns conceitos básicos sobre fotografia;
Conhecer algumas técnicas para fotografar

Conteúdo

Fotografia como história
Dicas de fotografia

Metodologia

- Projetar o vídeo com dicas de fotografia do fotógrafo profissional Paulo Riscala⁵;
- Levantamento das dicas expostas no vídeo pelo fotógrafo.

Instrumento de coleta de dados

(atividade sem coleta de dados)

2ª Etapa: pesquisa de campo – bairros/ sítios**Objetivos**

Identificar através de linguagem visual o ambiente onde reside e circula o aluno, compondo assim um quadro da turma ilustrando seu modo de ser e viver;
Entender como imagens do passado podem trazer a história de um tempo passado.

Conteúdo

Registro do cotidiano através de fotografia

⁴ <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/brasileiros-sao-os-que-mais-sensualizam-em-selfies-diz-pesquisa.html>

⁵ <https://www.dropbox.com/s/613pxi8lj26no11/dicasFotografia.flv>

Metodologia

- Decidir com a turma o bairro/sítio a ser fotografado tendo como critério o bairro ou sítio que reúna maior número de alunos;

- Propor que fotografem suas casas, seus cantinhos favoritos, o entorno da sua casa, bairro, os vizinhos, os familiares, os pontos de encontros, áreas de lazer, locais de trabalho fazendo uso das dicas sugeridas pelo profissional Paulo Riscala, mas, sobretudo, usando a sensibilidade e o instinto para capturar uma foto, “a foto”, aquela que conta uma história, no caso a sua história, a fim de trocar entre si ideias, conhecimentos, onde hábitos e costumes, manifestações, expressões, sentimentos e outros estão inseridos, identificando cada componente da turma determinando seu modo de ser e viver;

- Formar grupo de trabalho;

- Aula de campo – em grupos acompanhados da professora os alunos deverão fazer as fotos sugeridas anteriormente;

- Lembrar aos alunos que fotografias antigas ajudam a recuperar lembranças do passado. Solicitar que pesquisem para localizar e pedir emprestado na comunidade, na família, entre os parentes, amigos, vizinhos, fotos antigas, inclusive fotos antigas deles mesmos. Incentivar os alunos a participarem da coleta dessas fotos. Lembrar que muitas vezes é possível encontrar fotos antigas em espaços públicos como prefeitura, igreja etc.;

- Solicitar que à medida que forem localizando as fotos antigas, registrem das pessoas que as guardam ou as conservam as narrativas sobre as histórias das mesmas, ou seja, anotem em seu diário de bordo o que as pessoas dizem sobre as fotos, o que elas revelam e porque as guardam. Uma vez que “Fotos têm sempre uma história, elas permitem ver instantes e situações” diz o fotógrafo Paulo Riscala. Esses recursos serão importantes para que os alunos possam se descobrir como sujeitos agentes da própria história e ampliar o repertório em relação a costumes, hábitos, paisagens da sua cidade.

Instrumento de coleta de dados

- Fotografias
- Diário de bordo
- Vídeos / áudio

3ª Etapa: Entrevista

Objetivos: Planejar e realizar entrevista com pessoas da comunidade

Conteúdo

Gênero entrevista

Metodologia

- Selecionando o tema – Conversar com os alunos sobre os assuntos que eles gostariam de abordar nas entrevistas procurando os registros feitos durante o contato inicial que tiveram com a comunidade. Após conversa fazer com os alunos uma votação para a escolha do tema.

- Para ajudar na escolha do tema expor no Datashow utilizando o Power Point algumas sugestões de tema.

Modos de viver do passado⁶

Jeito de namorar, frequentar a escola, brincar, cozinhar, relacionar-se com os pais; modo de vestir, comprar, viajar, cultivar a terra, comercializar, produzir objetos, festejar datas especiais, participação na vida social.

Transformação física da comunidade

Aparência das construções, ruas e praças de outros tempos, história da construção de prédios, do crescimento da cidade, da destruição da natureza do lugar.

Origem da comunidade

⁶ Os tópicos foram extraídos do caderno do professor da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro - Se bem me lembro p. 104 - para aliar a pesquisa ao Projeto da Escola.

Se a comunidade for nova, poderá haver pessoas que tenham lembranças de como ela começou, por qual motivo, de onde vieram os primeiros habitantes, como eram as primeiras moradias, escolas, hospitais.

Antigos lugares de trabalho

Uma fábrica que deu emprego a muita gente e fechou, uma fazenda onde as pessoas trabalhavam e moravam, uma empresa pequena que cresceu muito, uma venda que virou supermercado, as pequenas lojas que desapareceram com a chegada dos shopping centers.

Profissões que desapareceram

Nas grandes cidades, por exemplo, os leiteiros e padeiros que vinham com suas carrocinhas entregar leite e pão, as costureiras que trabalhavam nas casas das pessoas, as datilógrafas com suas máquinas de escrever.

Eventos marcantes

Uma grande enchente, comemoração importante, uma festa tradicional, a visita de um presidente ou outra pessoa ilustre, o buraco que se abriu no chão e engoliu parte do bairro, um grande acidente, uma vitória marcante do time da cidade.

• Escolhendo os entrevistados

Definir com a turma as pessoas que serão entrevistadas. Quais pessoas da comunidade podem ter lembranças sobre os assuntos que o grupo selecionou. O que essa pessoa vai trazer de novidade? Como ela vai nos provocar, nos emocionar? Que perguntas podem ser boas para que o entrevistado deixe pulsar suas lembranças e divida isso conosco? Convidar pais, avós e outros membros da comunidade poderão ajudar nessa tarefa de selecionar quem deverão ser os entrevistados. De preferência, a entrevista ser feita na escola. Assim todos os alunos podem participar delas.

- Levar para sala de aula entrevista de João Acaiabe⁷ – ator e contador de histórias – como exemplo a fim facilitar o planejamento das entrevistas que deverão ser realizadas com as pessoas selecionadas;

- Elaborar as perguntas com os alunos;

- Recomendar aos alunos para antes da entrevista criar um clima de respeito e conquistarem a confiança do entrevistado, solicitar que elaborem perguntas que ajudem o entrevistado a revelar sensações e sentimentos sobre o que está contando. É importante que o entrevistado faça comparações entre o passado e o presente e descreva lugares e costumes de antigamente, por exemplo. E no final da conversa, deve-se mostrar ao entrevistado como foi importante a contribuição que ele deu;

- Gravar a entrevista, lembrando sempre de pedir antes, a permissão do entrevistado;

- Transcrição da entrevista.

Instrumento de coleta de dados

- **Áudio/vídeo**

Vale salientar que em todas as etapas da sequência didática são propostas atividades de linguagem que competem à escola trabalhar.

⁷ <https://www.dropbox.com/s/2dm8eflxd45wwsx/Entrevista%20com%20Jo%C3%A3o%20Acaiabe.wav>

CAPÍTULO 3 - DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Organização dos dados selecionados para a análise e discussão

Neste capítulo, procurarei levar em conta as características da pesquisa do tipo etnográfica citada por André (2012) onde interagi com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetada e os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, completando-os com informações coletadas de fontes diversas a fim de melhor compreendê-las.

3.2 Instrumentos de geração de dados

Utilizo os seguintes instrumentos etnográficos que servirão para análise que segue:

1. Fotografias
2. Narrativas gravadas em áudio
3. Diário de bordo do professor
4. Diário de bordo do alunos
5. Entrevistas

3.3 Análise das fotografias: *selfie*

Nas aulas de Língua Portuguesa os textos verbais são ainda hoje o modo mais dominante de comunicação e quando usados acompanhado de imagens, estas são vistas meramente como ilustrativas. E, diante das pesquisas recentes “que sugerem que devemos pensar o conceito de Multiletramento, bem como sua incorporação frente as necessidades contemporâneas de ensino-aprendizagem” Rojo (2013, p. 136), me propus nessa pesquisa a pensar nesse conceito e nas suas possibilidades.

O conceito de Multiletramento ainda é muito novo e posso assegurar que junto aos meus colegas da disciplina de Língua Portuguesa nunca ouvi, nem vi nenhuma menção ao termo até fazer o Profletras. Assim, pensar numa prática que pudesse fugir daquilo que fazemos tradicionalmente no componente curricular de Língua Portuguesa não foi tarefa fácil, então, pensei em como começar a proposta considerando o que a Rojane Rojo, na sua obra Multiletramentos na escola enfoca:

[...] o conceito de multiletramento[...] – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a **multiplicidade cultural** das populações e a **multiplicidade semiótica** de constituição de textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO; MOURA, 2012, p. 13) (grifo meu).

E ainda diz que: “Em um design de currículo pluralista, culturas e identidades dos aprendizes devem fazer parte da construção do conhecimento” (ROJO, 2013, p. 137). Assim, pensando nos sujeitos de sala de aula que estão estudando numa escola pública municipal urbana, que adota exclusivamente material didáticos produzidos em grandes centros urbanos, e, ainda, considerando que dos 50 alunos da turma do 8º ano C, 40 residem em regiões diferentes da área rural do município, pretendo responder a seguinte pergunta formulada: **Como o trabalho com os multiletramentos pode auxiliar na construção da identidade dos alunos do 8º ano C do ensino fundamental de acordo com o projeto de escola alinhado aos PCN?**

Então, para elaboração da sequência didática, refleti sobre a nossa época, sobre as mudanças ocasionadas pelo advento da tecnologia, sobre as transformações sociais e econômicas, sobre as formas como interagimos e como vemos e projetamos tudo à nossa volta, na relação que o sujeito tem com o corpo e como isso pode influenciar na formação de sua identidade.

Toda essa reflexão me levou a pensar nessa sequência didática que começo a decorever e a analisar a partir de agora. Na atividade introdutória da sequência didática foram utilizadas fotos tipo *selfie*.⁸

O *Selfie* é a visão de si mesmo que cada pessoa vai criando a partir da interação com os outros. É, nesse sentido, uma construção social, pois o conceito que cada um vai criando sobre si mesmo depende de como interpreta as ações e os gestos que lhe são dirigidos pelos outros. Assim, a forma como cada um percebe a si mesmo é, em parte, função de como os outros o percebem (ANDRÉ, 2012, p. 18).

A *selfie* virou fenômeno em 2013, e, chegou a figurar no dicionário Oxford – o mais extenso da língua inglesa – que assim a designa: *selfie*, que reúne o substantivo *self* (eu, a própria pessoa) e o sufixo *ie*. Eis sua definição: "Fotografia que alguém tira de si mesmo, em geral com smartphone ou webcam, e carrega em uma rede social". A intenção dessa seção da sequência didática foi construir a identidade do eu (aluno) por meio da fotografia (*selfie*).

⁸De acordo com <http://www.soportugues.com.br/secoes/curiosidades/Curiosidades_selfie.php>A força de uso do vocábulo *selfie* justifica a sua inclusão no dicionário como nome do gênero feminino. Verifica-se, no entanto, que ainda há alguma hesitação na fixação do gênero, podendo ocorrer também no masculino. Nesse trabalho o vocábulo aparecerá no feminino exceto nas citações.

Assim, expus fotos de pessoas anônimas e de pessoas famosas retiradas do google exposta em slide no datashow na ordem enumerada.

Painel 1 – *Selfies de famosos*



Fonte: Disponível em: < <http://www.digai.com.br/2014/01/selfies-muitos-selfies-para-2014/> >

Pedi que observassem atentamente a primeira imagem, ela foi escolhida propositalmente para fazer alguns questionamentos previamente estabelecidos: *o que vocês estão vendo? Quem vocês acham que tirou essa foto? Vocês já ouviram falar em selfie? Por que as pessoas fazem selfie?*

Professora: *O que vocês estão vendo?* Aluna A: *Uma Selfie professora.*

A resposta foi tão automática, tão imediata e tão direta que foi preciso reformular as perguntas que havia planejado antecipadamente. *Como você chegou a essa conclusão?* perguntei. - *O braço da menina professora* – Disse a aluna A. - *O braço! O que ele indica?* Prossegui. Outra aluna responde: - *Que ela está tirando uma foto* (aluna B). *Então vocês poderiam dizer o que é selfie?* Indaguei? Aluna A responde: *“É quando a pessoa tira ela mesma uma foto sua.”*

A primeira foto foi escolhida propositalmente como disse anteriormente porque a jovem tinha apenas o braço estendido. A intenção era o jogo do ‘esconde’ para chamar a atenção dos alunos; na segunda foto, aparece o telefone celular, o que seria no meu ponto de vista, a pista para os alunos compreenderem que se tratava de alguém fazendo uma foto dele mesmo.

Esta constatação foi mais simples do que eu esperava. Naquele momento, percebi que as atitudes dos alunos, ou seja, a familiaridade com o assunto era de 100%. A surpresa na verdade foi minha e me polício “como a comunicação fica mais fácil quando falamos a mesma língua.” Dito de outra forma, eles e eu conhecíamos o signo utilizado na atividade introdutória.

Do ponto de vista ideológico do letramento, a participação ativa dos alunos na aula se deu porque a atividade propôs um diálogo com culturas, que no tocante a *selfie* não é apenas local, mas global, visto que, como já foi explicitado anteriormente, no mundo globalizado as identidades culturais são internalizadas e passam a fazer parte de nós, ou seja, a *selfie* faz parte de uma cultura de massa. E a atitude dos meus alunos do 8º ano, do interior desse vasto país, confirma o fato.

A partir dessa revelação passamos a dialogar sobre as *selfies* que iam se projetando nos slides. Algumas meninas afirmaram que já tinham *selfie* em seus celulares. Passamos então a analisar as imagens e eis algumas considerações que fizeram.

Sobre a imagem 1- **“A menina loirinha é uma patricinha!”** Como assim - disse o professor? **“Olhe o quarto dela!”** **“Mas parece legal. Parece inteligente!”**. Sobre a imagem 2- **“fazendo careta”** **“Quer mostrar que tá brabo, professora!”** **“É bonito mesmo fazendo careta”**. Imagem 3- identificaram todos os famosos, disseram que estavam muito bonitos e felizes e destacaram a boca de uma das famosas - **“tipo mandando beijo”**. Imagem 4- **“negrinhas metidas”** **“caras de chata”**, **“são antipáticas”** **“Ah, são as filhas do presidente dos Estados Unidos”**, **“Só tão de mau humor”!**

Ainda era cabível a última pergunta das previamente formuladas: *Por que as pessoas fazem selfie?* Algumas respostas: **“Virou moda”**, **“Pra se mostrar”**, **“Pra todo mundo ver”**, **“Por que tá feliz”**, **“Por que todo mundo tem no face, agente também quer”**, **“A gente é que tira a foto escolhe do jeito que quer!”**.

Pelas várias observações feitas há que se concordar com Monteiro (2007, p. 13) quando afirma que:

A fotografia é uma convenção do olhar e uma linguagem de representação e expressão de um olhar sobre o mundo. Nesse sentido, as imagens são ambíguas (por sua natureza técnica) e passíveis de múltiplas interpretações (em relação ao meio através do qual elas circulam e do olhar que as contempla).

As interpretações dos alunos são divergentes, porém conferem com a visão da psicóloga Luciana Nunes, registrada na Revista VEJA (2013) onde define três grupos de autores de *selfies*.

O primeiro é formado pelos exibicionistas. É gente que costuma parar diante do espelho do elevador ou da academia e exibir para a câmera, por exemplo, os resultados da malhação. **O segundo reúne aquelas pessoas que querem apenas mostrar seu estado de espírito** – felicidade ou tristeza ao acordar, ao encontrar um amigo etc. **Por fim, tem o time que quer mostrar que está em algum** lugar, parque ou shopping, por exemplo, desde que a paisagem não ganhe mais importância do que o autor (grifo meu).

Quando a aluna diz: *“pra se mostrar” “pra todo mundo ver”* esse tipo está enquadrado no primeiro grupo de autores de *selfies*, descrito pela psicóloga – exibicionistas – ou mesmo no terceiro grupo – “o time que está em algum lugar e quer mostrar pra todo mundo”, por exemplo, é possível também associar a resposta: *“Por que todo mundo tem no face e agente quer um”* a essa categoria. Ou seja, seria exibir para os outros que também faz *selfie*, que não é diferente. As outras duas se enquadram estado de espírito – segundo grupo descrito pela psicóloga – *“Por que tá feliz. A gente é que tira a foto escolhe do jeito que quer”!*

A linguagem é o sistema através do qual o homem transmite suas ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros signos convencionados. É por meio da linguagem que nos apresentamos e representamos o mundo. No caso, o ensaio de leitura das *selfies* dos anônimos e famosos, signo visual, é momento importante da aula porque a fotografia passa a ser compreendida como um registro: de caráter, de autoafirmação, do o jeito de ser do sujeito; e ao fazer na rede exposição dessas imagens a pessoa se apresenta e comprova que seu autor esteve em determinado evento/situação; que pertence a determinado grupo.

Considerando a linguagem como forma de externar a forma pela qual representamos o mundo e por meio da qual nos apresentamos observo que nas considerações dos alunos sobre as *selfies* a cultura está ali arraigada e apresenta-se por meio da linguagem. A mocinha loira é estereótipo de beleza uma vez que “patricinha” é sinônimo de rica, de inteligente; a “negrinha” pelo diminutivo – inha é usado num tom pejorativo, enfatizado pelos adjetivos “chata” e “antipática”.

Essas falas revelam, talvez, certo padrão e até certo preconceito. Geralmente, a pessoa “bonita” é boa e a “feia” é o contrário. Desde a mais tenra infância somos culturalmente apresentados a personagens de contos de fadas onde a mocinha bonita, bondosa é a princesa, a feia, ruim é a bruxa. Ou seja, nós somos tão influenciados pela cultura que sequer percebemos os nossos atos de linguagem. Em nenhum momento esses alunos se deram conta do preconceito intercruzado no discurso, por exemplo, e eu, como pesquisadora, só me dou conta agora por causa da análise.

Ainda para interagir com os alunos, nessa etapa levei a reportagem apresentada no fantástico sobre o resultado de uma entrevista realizada na rua sobre *selfie*. Ela foi veiculada no Fantástico, programa televisivo, que faz uso do gênero jornalístico oral, e depois disponibilizada na página do jornal online. O texto destaca a imagem de uma jovem sensual, fazendo uma *selfie* com um smartphone que por sua vez trás a logomarca do programa de jornal. Por trás da jovem o símbolo # (hashtag) seguido de palavra *SELFIE* em caixa alta que também passa ser marca d'água do painel que serve de pano de fundo. Todos esses aspectos mostram as mudanças na paisagem semiótica nas últimas décadas. “A imagem impõe domínio próprio devido a sua relevância no mundo contemporâneo e, de certa forma, torna-se invasora da vida das pessoas, pois mesmo quando não queremos, as imagens invadem todos os espaços da nossa vida de modo rápido e inovador”. VIEIRA et al (2007, p. 78)

A imagem que ilustra a reportagem confirma o “casamento” entre a linguística e a semiótica. “a comunicação atual é multissemiótica” (VIEIRA, 2007, p. 24). Ao levar para sala de aula um texto dessa natureza, convém considerar a multiplicidade de linguagem (verbal e não verbal, gestual, espacial etc.) o que denota por sua vez a necessidade atual de uma abordagem da pedagogia dos multiletramentos na construção dos discursos.

Considerando os aspectos metodológicos dessa pesquisa, tenho procurado ser uma observadora atenciosa e percebi que as expectativas de leitura da reportagem foram exitosas e se aconteceram de forma prazerosa. Os alunos se mostraram eufóricos com o assunto e chegaram a concordar que as *selfies* dão boas dicas sobre os hábitos das pessoas; que é um fenômeno mundial; que as mulheres são maioria absoluta, e que as brasileiras gostam de sensualizar. E se mostraram interessados em saber ainda o conceito de “*multi-selfies*” nunca tinham escutado o termo. A análise do prefixo – multi possibilitou a compreensão da palavra – que designa – “*selfie* em grupo”.

Os textos jornalísticos são bem planejados e carregados de intenção, fazem parte do cotidiano das pessoas. Ninguém questionaria essa última afirmação. Mas não é bem assim. Na cidade onde se desenvolve essa pesquisa, o jornal não circula como nas grandes cidades. Já tivemos banca de jornal, mas isso faz parte do passado. Então, se os alunos não acompanharem o jornal pela TV ou internet e, normalmente, não o fazem, não têm contato com esse gênero, exceto se a escola fomentar esse acesso.

Consideremos a reportagem abaixo como uma representação da atividade desenvolvida na sala de aula proposta na sequência didática: Multiletramentos, história e identidade: uma experiência com alunos do ensino fundamental, para continuarmos a análise da sequência didática.

Reportagem apresentada no Fantástico

Edição do dia 09/03/2014

09/03/2014 22h48 - Atualizado em 10/03/2014 00h27

Brasileiros são os que mais sensualizam em ‘selfies’, diz pesquisa

Mulheres são maioria absoluta em fotos de si mesmas.

As paulistas ganham de longe na hora de sensualizar.



O Fantástico pergunta: Você é da turma que tira foto de você mesmo, as famosas “*selfies*”, o tempo inteiro? “**Selfie**-maníaco” seja bem-vindo ao clube em que os brasileiros são os que fazem as fotos mais sensuais.

“‘*Selfie*’ é uma foto autorretrato de você mesma. Eu sou superacostumada”, disse uma mulher.

“É quando você tira a foto do seu rosto mesmo”, afirma um homem.

“Acho que 90% das minhas redes sociais são fotos ‘*selfie*’”, declara outra mulher.

Sua rede social está repleta de “*selfies*”? E como são essas fotos?

“Tem que virar, fazer pose, biquinho”, explica uma mulher. “Acho que é só sorrir, é só isso que eu faço”, conta outra mulher.

Um mapeamento feito por um grupo de pesquisadores independentes usou 3.200 autorretratos. Eles foram feitos em Bangkok, Berlim, Moscou, Nova York e São Paulo.

Algumas conclusões da pesquisa podem dar boas dicas sobre os hábitos da população das cidades estudadas. As mulheres são a maioria absoluta quando o assunto é ‘*selfie*’. Em Moscou, na Rússia, elas fazem 82% dos autorretratos.

“Mulher chama muito mais atenção, quer mais ibope do que o homem. Não que o homem não goste de receber um elogio”, comenta o analista Marcos Paixão.

Já em Bangkok, na Tailândia, elas são 55%. Ou seja, por lá, os homens também são fãs de “*selfies*”.

A brasileira Izabela mora em Bangkok há dois anos e ganhou esse hábito com os tailandeses.

“Antes eu achava engraçado, agora eu também, estou o tempo todo com o celular virado, tirando foto com o pessoal, tirando foto minha para postar nas redes sociais”, conta a estudante Izabela Campos.

A colega tailandesa de Izabela é também muito prática. “É muito mais rápido de postar”, disse.

No Brasil, as mulheres também são maioria absoluta. Duas amigas garantem que são viciadas em “*selfie*”.

“Porque você está sozinha, então você tem mais liberdade para você fazer caras e bocas”, comenta a estudante Bruna Melissa.

A pesquisa acertou em cheio, a brasileira gosta de sensualizar mesmo. As paulistas ganham de longe nesse quesito. E ainda deixam os russos na lanterna. “*Selfie*” moscovita é sério e sem mostrar muito o corpo.

A pesquisa *Selfiecity*, mostra que a idade média dos homens que fazem “*selfie*” em São Paulo é de 25 anos, enquanto as mulheres ficam na faixa de 22 anos. Os mais velhos estão em Nova York, com média de 26 anos para os homens e 24 anos para as mulheres. E lá vem Bangkok novamente liderando o ranking de “*selfie*-maníacos” mais jovens da pesquisa: na média eles têm 22 anos e elas, 20 aninhos.

“Elas tiram sorrindo, bonitinha ou tiram fazendo carão”, conta a estudante Izabela Campos.

Claro, sorriso é o forte dos tailandeses. Deles, são os “*selfies*” mais felizes. Já os russos de Moscou são decididamente os mais mal humorados. Os brasileiros de São Paulo sorriem, mas sem exagero.

“A brasileira é muito feliz, é uma mulher muito extrovertida, a gente tem uma coisa muito aberta, muito amigável, muito florescente assim”, disse a cantora Katherine Bellsavvy.

O “*selfie*” mais famoso do mundo foi feito na transmissão do Oscar. A mestre de cerimônias Ellen De Generes reuniu boa parte da realeza de Hollywood na foto. Bradley Cooper, Meryl Streep, Angelina Jolie, Kevin Spacey e Jennifer Lawrence se espremeram na frente do celular da apresentadora.

O “*multi-selfie*”, como é conhecido o “*selfie*” em grupo, foi o mais compartilhado nas redes sociais, com mais de três milhões de reproduções. O que deixaria a equipe do projeto *Selfiecity* de boca aberta no próprio “*selfie*”.

“Acho que a foto representa a gente no mundo da internet que está mais forte que o real. Acho que isto acaba sendo muito importante”, destaca Katherine Bellsavvy.

Digo representação, porque pensando nas perspectivas de uma pedagogia dos multiletramentos, preparei o ambiente para a aula. O notebook e datashow conectados na rede (todas as escolas urbanas do município dispõem dessas ferramentas) substituíram o texto impresso como convencionalmente fazemos na aula de Língua Portuguesa.

Após expor o objetivo da aula, entrei no portal do G1 da Rede Globo através do link⁹ sob o olhar atento dos alunos. E à medida que ia realizando a tarefa ia explicando o que estava fazendo. Na página nos deparamos com a reportagem editada no dia 09/03/2014. Da edição da reportagem para a leitura da mesma em sala passaram-se apenas 2 meses e 3 dias. O tema é “quente” e do interesse dos alunos.

Para o ensino de língua, que tenha como objetivo levar o aluno a adquirir um grau de (multi)letramentos cada vez mais elevado, isto é, desenvolver no aluno um conjunto de habilidades e comportamentos de leitura e escrita que lhe permita fazer cada vez maior e mais eficiente uso possível das capacidades técnicas de ler e escrever, é preciso, antes de tudo, oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades.

Ao dar ênfase ao processo é preciso pensar minuciosamente cada etapa do trabalho. É preciso estar pronto para adequações sempre que as aulas requererem um novo ajuste, pois é na aula, nesse espaço social – a escola, “no corpo a corpo” através do jogo de relações, – que esses eventos de (multi)letramentos tomam forma e saem do campo do implícito e se efetivam.

Nesse “princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado” (ANDRÉ, 2012, p. 28), juntos, fizemos a leitura do título da matéria, observando o negrito da letra, a fonte. O texto apresenta uma plural e intrincada rede de linguagens (verbal, imagens,

⁹ <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/brasilieiros-sao-os-que-mais-sensualizam-em-selfies-diz-pesquisa.html>

sinais, setas, sons etc.). O acesso online permitiu que um clique na seta se agregasse outras informações. No caso a seta nos levou ao vídeo do Fantástico no momento em que Emanuel Tadeu Bezerra Schmidt apresentou a matéria no programa. Fizemos então nesse momento uma leitura não linear diferente da que é proposta em impressos.

O texto verbal escrito traz ainda a reprodução da fala (língua oral) dos sujeitos pesquisados transcritos em ordem direta e, só então a partir desses discursos faz uma ponte com os dados da “*Pesquisa Selfiecity*”. Toda essa organização que vai desde a diagramação, ao uso consciente de imagens, a reprodução do texto oral, são evidências de multiletramentos uma vez que fazem uso das múltiplas linguagens.

É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramento. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (modos, ou semioses) e que exigem capacidade e práticas de compreensão e de produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (ROJO, 2012, p. 19).

Observo o efeito que esse conjunto de linguagens faz emergir. Uma leitura não linear que interage mais com o aluno, aguçando a sua percepção e afastando a nostalgia que percebo em aulas com texto contendo apenas a linguagem verbal. Não estamos ainda produzindo textos com essas características, mas ter acesso já é um começo. Na verdade, falar em produção textual na escola, ainda hoje, abre um leque de discussão que foge a proposta desse trabalho.

Logo depois dos debates em torno das *selfies*, propus que eles fizessem as suas selfies, e instruí que mesmo que não fossem colocar nas redes sociais, fizessem o autorretrato simulando essa intenção. A proposta foi recebida com euforia e sequer pensaram duas vezes.

Pensar e organizar a parte textual da sequência didática, é necessário para alcançar os objetivos propostos, mas é preciso pensar ainda na efetivação prática, pois mesmo pensando nos detalhes, às vezes, não conseguimos executar conforme o planejado. Contudo, o planejamento se faz necessário e é a ferramenta principal do trabalho pedagógico porque permite a organização antecipada de determinadas atividades para fins e objetivos específicos.

“Como organizar, na escola, a abordagem de tal multiplicidade de práticas? Que eventos de letramento e que textos selecionar? De que esferas? De que mídias? De que culturas? Como abordá-los?” (Rojo, 2009, p. 109). São questionamentos como este que a autora faz e que tomo para mim como premissa quando estou preparando uma sequência didática.

Rojo, (2009, p. 109) propõe “dois conceitos bakhtinianos pra ajudar nessa reflexão: o conceito de esfera de atividade ou circulação de discursos e o conceito de gêneros discursivos (Bakhtin 1992 [1952-53/1979])”. Considerei para essa organização o conceito de esfera de atividade ou circulação, pois na vida transitamos em diferentes esferas. E aqui jaz um ponto fraco da escola contemporânea, ou seja, com o surgimento das tecnologias e vários hospedeiros gratuitos de textos, muito pouco se tem feito para socializar a produção dos alunos.

A atividade tem a função de fazer com que o aluno perceba que somos receptores/consumidores de discursos, em gêneros variados, mídias diversas e culturas também diferentes, como por exemplo, milhões de brasileiros consumiram os mesmos discursos que eles ao assistirem em suas casas o Fantástico naquele dia.

Essa organização planejada e consciente por parte do professor torna possível refletir sobre a própria prática e as necessidades de aprendizagens do público alvo, avaliadas durante o processo ou a partir dos dados coletados rompendo com os estigmas das aulas que chamamos tradicional. À medida que preparo as aulas procuro até prever as dificuldades que possa vir a enfrentar na execução das etapas e a pensar em prováveis soluções. É da minha natureza, do meu “eu” professora. Assim, para assegurar um cantinho reservado para que eles pudessem fazer as *selfies* informei-os de que havia conversado com a direção da escola e reservado uma sala para eles ficarem a vontade para fazer as fotos.

Convém ressaltar que, embora planeje antecipadamente, abro sempre espaço para que meus alunos possam fazer as suas escolhas. Ao achar que eles ficariam tímidos para fazer as *selfies* me enganei, em parte, pois as meninas pediram para ficar no pátio (local pequeno que fica na parte da frente da escola, antes do muro que dá acesso a rua) à vista de todos: merendeiras, vigilantes.

Os(as) “exibicionistas” fizeram suas *selfies* diante de funcionários, diretores, e alunos de outras salas que transitavam em aula vaga pelo pátio, além dos já citados, contaram ainda como outros espectadores, os transeuntes que curiosos espreitavam pelo portão sem saber bem o que estava acontecendo. Eles/elas, sem se preocuparem com o público, fizeram caras e bocas, sozinhas ou em grupo e, depois de vários cliques surgiram várias *selfies* ou *multi-selfies*. Algumas mais “recatadas” foram para a parte de trás da escola, fato que percebi depois pelas fotografias que revelaram as mangueiras que ficam nesse espaço. Para facilitar a coleta de dados, as meninas utilizaram apenas um celular.

Alguns meninos preferiram ficar na sala e fizeram as fotos a partir da webcam do meu notebook. Começaram a sessão de *selfies* timidamente, nunca haviam utilizado o computador

para essa ação. Foi necessário que eu auxiliasse e fizesse uma demonstração. Aos poucos foram relachando, abrindo sorrisos, caprichando no visual. A *multi-selfie* parecia ajudar a vencer a timidez e, paulatinamente, foram se empolgando e fizeram as fotos em clima de festa. Eu acompanhava tudo de perto ora na sala com os meninos, ora no pátio com as meninas.

Apenas um aluno não fez a selfie, fato que só descobrir quando expus na sala o painel com as fotos no dia seguinte. “Choveram” aplausos a cada foto. No final o aluno me procurou em particular e disse que não gostava de foto e com vergonha não havia feito a *selfie* e perguntou se ainda podia tirar.

Evidentemente permiti que fizesse a foto. Além dele, outros alunos que não estavam na aula se apresentaram pedindo para fazer a *selfie*. Como pesquisadora percebo que eles também não resistiram aos apelos da cultura de massa e mesmo aquele que era tímido, e que não gostava de expor a própria imagem acabou se redendo ao chamado “fenômeno do momento”, ser igual, mesmo sendo diferente.

No mundo digital, a brincadeira se espalha à exaustão graças à mistura de dois ingredientes, hardware e software. "Os selfies ganharam relevância depois do lançamento das câmeras que transformaram smartphones com conexão à internet em máquinas fotográficas. E como todo hardware precisa de software, o Instagram teve papel indispensável", diz a psicóloga Luciana Nunes, mestre em saúde mental, diretora do Instituto Psicoinfo e estudiosa da relação entre tecnologia e comportamento. O Instagram tem números para sustentar a tese da especialista. Nos três anos de vida da rede de fotos, mais de 60 milhões de imagens publicadas no serviço carregam a hashtag selfie. O número supera a soma de citações de outras marcações importantes da rede: #cats (gatos), #look (visual, estilo) e #eat (comer) (VEJA, 2013).

Ao analisar as *selfies* dos alunos, resultados da atividade da sequência didática, foram possíveis várias descobertas. Mas, além da minha impressão, pedi que analisassem eles mesmos as suas próprias *selfies* e anotassem as impressões sobre si, como eles acham que são percebidos pelas pessoas e registrassem no diário de bordo a fim de assegurar uma das características da pesquisa etnográfica.

“[...] uma característica da etnografia é a preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que o cerca. O pesquisador deve tentar apreender e retratar essa visão pessoal” (ANDRÉ, 2012, p. 29). Abaixo segue quadro das *selfies*, resultado dessa atividade introdutória.

Painel – 2 (Multi) *selfies* dos alunos



Fonte: (Multi)selfies dos alunos

Considerando as orientações de Manini (2007) exposta no capítulo anterior que devem ser consideradas durante a análise das fotografias, passo a analisar o painel disposto anteriormente. No entanto, faço um adendo para explicar que o uso das imagens foi devidamente autorizado e segue, em anexo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (T.C.L.E).

O painel 2 reúne algumas das *selfies* dos (**quem**) alunos do 8 °ano C, cujos nomes não serão mencionados pelo motivo anteposto, numa escola pública urbana do município de São José da Laje, interior de Alagoas. As *selfies* foram tiradas (**quando**) no dia 12/05/2014 durante a aula de Língua Portuguesa. As fotos que compõe o painel da turma são parte de um montante de 50 fotos do tipo *selfie* tiradas nessa atividade introdutória. Do montante, 25 compõe o painel, as outras estão arquivadas.

O que me motivou a selecionar as fotos acima para compor o painel foram os gestos similares, os trejeitos que muitos deles espontaneamente fizeram na hora de se autofotografar. (**Como**) são jovens adolescentes, oriundos de bairros e/ou sítios diferentes, histórias distintas, características físicas, intelectuais, relacionais diferentes que no momento da foto estão dividindo o mesmo espaço: a escola, (**o que**) gestos com as mãos, bocas com lábios arredondados – “bicos” – sensuais, a língua de fora, as feições dos rostos sorridentes, o beijinho no ombro.

Tudo isso, indica que eles repetem um comportamento adquirido, realizado por vários grupos sociais. Neste caso, o painel dos alunos do 8º ano C, está caracterizando uma manifestação cultural que a priori reflete o comportamento do sujeito sociológico e pós-moderno Hall (2006), ou seja, suas identidades aparecem diluídas em cada gesto, ou trejeito capturado nas fotos expressão daquilo que “todo mundo faz”.

A *selfie* tirada por eles a partir da atividade deixa evidente, que no cotidiano, eles já estão familiarizados com essa forma de comunicação visual. Identidade globalizada e idealizada. Contextos reais de utilização da linguagem. As poses feitas, com caras e bocas ou mesmo os gestos feitos com as mãos, o olhar revelam também que eles celebram uma das principais características da contemporaneidade: “as identidades móveis”.

A *selfie* já é uma prática muito disseminada, especialmente entre os jovens e a forma como as pessoas aparecem nela parece ser uma faceta da globalização. Nela aparecem sempre rindo, fazendo bico, de perfil, só um olho, só a boca, o cabelo cobrindo parte do rosto, etc. E, à medida que essa *selfie* é divulgada na internet, como no poema “Tecendo uma manhã,” de João Cabral de Melo Neto, o grito é lançado a outro que apanha esse grito que ele o lança a outro que apanhou de um galo antes. Assim, a *selfie* comparada ao poema pelo tratamento estilístico deste, pode ser situada como uma alegoria da identidade coletiva.

[...] – as identidades móveis – que são compartilhadas, (re)produzidas, (re)significadas em processo dialógico de constante devir na web. “Eu, eu mesmo e minha *selfie*” são espectros distintos de uma mesma persona, os quais podem ser moldados significativamente no meu corpo pela moda. Cada imagem, captura naquele instante são versões possíveis de mim (ABDALA, 2014, p. 8).

Nesse contexto global, a tecnologia faz com os alunos se sintam gente do mundo e isso é positivo, mas eles precisam entender quem eles são para não pensar que é o outro. Não é raro a mídia divulgar casos em que adolescentes se entregam a bulimia, por exemplo, porque são influenciados por imagens estereotipadas de corpos magros, “do tipo perfeito”, ou ainda jovem que dispõe de certo poder aquisitivo que recorrem à cirurgia plástica para se transformar nos seus ídolos.

A prática da *Selfie* como uma atividade de voltar para si mesmo, de valorizar as identidades culturais e individuais, de refletir sobre os motivos dessa ação e, permitir o ensino da imagem através da imagem, propõe na prática, eventos de letramento visual, ainda não tão valorizado no currículo formal da disciplina de Língua Portuguesa, pelo menos, na realidade que conheço.

A escola de hoje, frequentada por alunos nascidos e criados ao longo do século XXI, ainda não se abriu para discutir as características do seu tempo, provocadas pelos efeitos da globalização e avanços em vários campos do conhecimento, dentre eles, o tecnológico, possibilitando a seus alunos enxergar melhor as escolhas que certamente terão que fazer ao longo de suas vidas.

A etnografia busca ir muito além da simples descrição, procura a captação dos significados culturais através das falas e comportamentos dos atores envolvidos, descrevendo, assim, os significados culturais dos grupos estudados. É com essa intenção que finalizo análise da atividade introdutória, utilizando trechos das anotações que os alunos fizeram nos seus diários de bordo que separei de forma aleatória.

As fotos (*selfie*) revelam uma faceta da identidade dos alunos, cada um, a seu modo, destacou aquilo que queria mostrar: o cabelo, a boca, a sensualidade, por exemplo. Contudo, a aula possibilitou ainda que eles escrevessem sobre si. Seguem as descrições que os participantes fizeram de si, ou seja, seguem outras facetas dos alunos reveladas por meio do uso da linguagem verbal.

Para manter o anonimato dos alunos, foi utilizada a letra inicial da palavra “Aluno(a)”, seguida dos números para identificação das mensagens (A1, A2, A3...).

A1 – Eu sou muito alegre, simpática, me relaciono bem com todo mundo etc. Meu maior sonho é ser amada e amar e ser feliz junto de quem amo.

A2 – Sou bastante agitada, não gosto de gente metida, gosto de reggae e principalmente da família.

A3 – Sou chata, gosto de assistir jornal, ir à igreja e, meu maior sonho é ser cantora gospel.

A4 – Sou bonita, brincalhona, inteligente, legal. Tenho medo de assombração, “lobo-homem”, “comade florzinha” e de não conseguir emprego fixo.

A5 – Sou linda, charmosa, cheirosa, sincera, estudiosa, inteligente e querida. Dizem que sou chata, amostrada e muito séria, mas, não me acho.

A6 – Gosto de namorar, meu maior defeito é ser arengueira e também o que eu tenho pra falar eu falo na cara. Meu maior sonho é ser feliz com a pessoa que amo.

A7 – Sou um menino calmo e gosto de brincadeira. Os meus amigos são legais, mas tem alguns que gostam de aparecer.

A8 – Sou muito sincero. Tenho um sonho que acho que vou realizar que é casar com a pessoa que eu mais gosto, ter um bom trabalho tipo ser empresário como o meu pai tentou e não conseguiu.

A9 – Sou um garoto muito bonito, meu maior sonho é ter um trabalho no futuro.

A10 – Sou esperto, ligeiro, legal, às vezes ruim porque as pessoas merecem. Meu maior sonho estudar e terminar minha faculdade pra ter uma vida melhor.

Olhando as *selfies* dos meus alunos não dá para identificar determinadas facetas que se mostram nas suas escolhas lexicais ao fazerem uso da linguagem verbal. “Sou brincalhona”, “gosto de assistir jornal, ir à igreja”, “sou arengueira” “gosto de namorar”, “tenho um sonho...”. Porém, diviso que, quando a aula de Língua Portuguesa, possibilitou que a linguagem visual fizesse parte da sua proposta de trabalho facilitou que os alunos usassem a linguagem verbal. E, somadas a linguagem visual e a verbal, dão uma ideia mais ampliada da identidade dos meus alunos.

Na rotina da sala de aula, mecanicamente chegamos, desejamos um bom dia, no caso uma boa tarde. Mecanicamente, sentamos, pegamos o diário de classe, fazemos a chamada, registramos a (in)frequência. E a partir daí começa a aula... Horas a fio falamos, falamos e falamos... Eu professora falo, você aluno me escuta.

Tem sido assim ao longo de muitas décadas. Ainda hoje ouvimos pouco nossos alunos. Nos anos finais parecemos esquecer essa prática, talvez por causa da organização curricular que reduz o tempo do professor nessa etapa. Nos anos iniciais instigamos mais nossos alunos a falarem, a dizerem o que fizeram no final de semana, por exemplo. Eles inocentemente nos contam tudo sobre si mesmos, suas famílias, com quem brincaram. Percebemos suas tristezas e conhecemos os seus sonhos.

Nessa atividade a intenção foi dar voz ao outro como diz Ponzio (2010, p. 29):

A palavra outra é a palavra do encontro. Sobre o *encontro*, que é sempre o encontro de palavras [...] o encontro não é simplesmente com o desconhecido, [...] mas é também encontro com a aquele que antes estava já ao meu alcance, na minha cara, no meu dia-a-dia, é também o encontro com eu mesmo.

A pesquisa revela nessas vozes a complexa realidade social que constitui uma turma, do ponto de vista dos seus nativos (alunos e professores). Falo alunos porque as vozes são deles, que por sua vez carregam outras vozes, e a interpretação é minha, professora, no momento me colocando no papel de pesquisadora.

A preocupação com o emprego é ressaltado na fala do A4, A8, A9, A10; com relacionamento A1, A6, A8; com escola A5, A10; com a família A2, A8. O eu tantas vezes proferido por eles, que parece individualizar, é carregado de significado e significa preocupação com o mundo do trabalho, em ser feliz através de relacionamentos amorosos; e que nem a escola, nem a família ocupam o mesmo espaço que antes, ou seja, sofre uma descentração, visto que, só dois dos dez alunos fazem referências a essas instituições.

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p. 09).

Essa crise de identidade anunciada é uma tessitura que não é concebida de maneira individual, “nem é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 127). A identidade individual se torna passageira, o consumo se torna a forma de construção da *selfie*, e como produtos que se alternam nas propagandas, o indivíduo rompe com a fixidez. “Nos tempos hiper, não basta viver, é preciso contar o que se vive (reordenamento de fronteiras entre o público e privado) mais que isso é preciso mostrá-lo (em *selfies*, em fotos, em vídeos)” (ROJO, BARBOSA, 2013, p. 121).

Para encerrar a atividade introdutória recordo o que diz Ponzio (2010, p. 26) ao citar Roland Barthes, na obra intitulada *A câmera clara*, que afirma que este procurava uma imagem de fotografia singular. Mas qual fotografia? Vou fazer da busca de Barthes a minha busca, pois, voltando as *selfies* dos meus alunos, estas não são singulares, pois nela ainda não os reconheço, diria Barthes, pois ao tirarmos uma *selfie* revelamos um “eu” que eu mesmo manipulo e é o que gostaria que o outro visse naquele momento. Porém, no tocante a questão identitária, Ponzio afirma que encontrar a foto singular “é fora da lógica da identidade” (Idem, p. 27).

Concordo que seja mesmo fora da lógica da identidade encontrar a foto singular, mas logicamente a linguagem fotográfica pode e vai revelar a partir da próxima seção outras facetas das identidades dos meus alunos.

3.3.1 Análise de fotografias: famílias, bairros, sítios

Apresento a seguir, uma discussão e análise de uma sequência de pesquisa etnográfica realizada por mim, juntamente com meus alunos que teve como foco suas famílias, bairros e sítios onde moram. Tendo eles falado sobre si mesmos nas *selfies*, seus gostos, preferências, atitudes, comportamentos, passo agora, a focalizar suas vidas sociais.

Os alunos moram em bairros e sítios diferentes. A distância entre eles é variada. Em dois desses espaços dá para precisar a distância: na ordem da visita, o primeiro fica há

aproximadamente 8 km do centro da cidade, o segundo 4 km, o terceiro não foi possível registrar os quilômetros porque parte do percurso foi de ônibus e outra a pé e antecipo que para fazer o mesmo percurso que os alunos que ali residem tive que pernoitar na casa de um deles, e por fim, o quarto bairro, que visitamos fica no centro da cidade.

Para fins de pesquisa foram selecionados dois Sítios: Boa Vista e Gereba e dois Bairros: Conjunto Residencial Armando Lyra e Centro. O critério adotado foi a maior aglomeração de alunos por sítios e/ou bairros. Cinco semanas foi o tempo total que levou para a coleta dos dados dessa etapa.

No desenvolvimento da pesquisa vou apresentar do Sítio Boa Vista cinco famílias, duas do Sítio Gereba, e destacarei o trajeto dos alunos da escola para casa e de casa para a escola; do Conjunto Residencial Armando Lyra apresentarei quatro famílias e no Bairro Centro, uma família. No total, 12 famílias dos meus alunos fizeram parte dessa pesquisa e serão apresentadas seguindo a mesma ordem das visitas.

As análises serão realizadas a partir de 5 instrumentos utilizados nessa parte, a saber: (1) fotografia, (2) diário do pesquisador, (3) diário do aluno e (4) registro em áudio de alunos e famílias e (5) entrevistas.

Na escola, nas avaliações institucionais, fala-se muito em identidade. Que a identidade do aluno precisa ser respeitada, levada em consideração, que as aulas devem partir dessa premissa “valorizar a identidade do aluno”. Dizer palavras eloquentes é fácil, porém, no dia a dia fica a lacuna, o como fazer para respeitar essa ‘identidade’ do aluno.

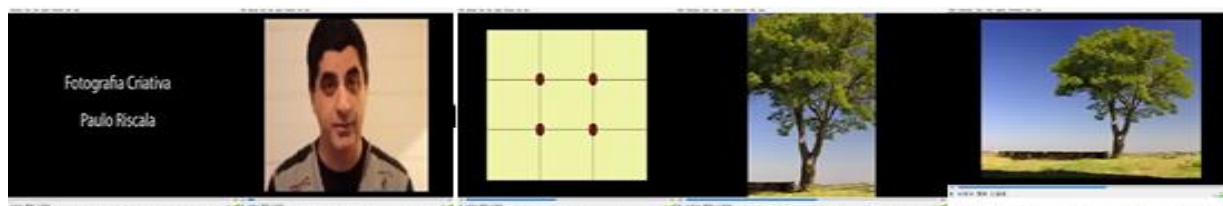
A etnografia foi a bússula para essa pesquisa e, nessa etapa, foi considerada mais uma das suas características, conforme salienta André (2012, p. 29) “[...] ela envolve um trabalho de campo. O pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo um contato direto”[...] Confesso que na minha história como professora, e sou desde os meus 17 anos, nunca havia pensado nessa possibilidade de sair do espaço social escolar para outros espaços sociais nos quais meus alunos vivem, convivem. A etnografia despertou essa curiosidade, mais que isso, necessidade.

Assim, após elegermos os lugares que visitaríamos orientei-os a informar os pais e pedir permissão para que pudussemos (eles e eu) adentrar em seus lares, conversar com pais, familiares e vizinhos conforme descrito na sequência didática.

A atividade introdutória: *selfies*, nos colocou diante de um signo muito apreciado e como uma sequência didática é continuação sistematizada de uma proposta pedagógica, na continuação a proposta aponta para mais dois objetivos específicos: conhecer algumas técnicas de fotografar; compreender mais efetivamente alguns conceitos básicos de fotografia.

Com pretenção de alcançá-los, propus que assistissem ao vídeo onde um fotógrafo profissional dá informações e dicas sobre fotografia. Durante a exposição do vídeo os alunos pediram para rever o trecho onde o profissional explica a dica dos três terços para que a fotografia possa ser mais que uma imagem, possa na verdade contar uma história. Ver exemplo abaixo.

Painel 3 – Dica fotográfica dos três terços



Fonte: OBLP¹⁰

Uma foto só é válida se ela contar uma história. Afinal o que é uma fotografia? Essa imagem que hoje em dia, nós fotografamos com nossos tabletes, celulares e tudo que temos à mão? Mas o que realmente é uma fotografia?

Foto quer dizer luz, grafia quer dizer escrita. Fotografia: escrever com a luz! Mas, isso é técnico e científico. Tudo isso importa? Sim, importa. É sempre bom saber a parte técnica de alguma coisa que você está fazendo, principalmente na fotografia, porque alguns truques que você pode fazer vai te ajudar a ter uma foto que te conte uma boa história, porque afinal de contas, podemos tirar trezentas fotos o que vale mesmo é apenas uma foto. Uma foto é a que conta.

*Para fazer uma foto você precisa conhecer alguns conceitos básicos: luz, enquadramento, atenção a tudo e a todos, ser cuidadoso e **principalmente sentir o momento!**[...] grifo meu*

(transcrição do trecho do vídeo)

Com as dicas do profissional aprendemos todos, pois nenhum de nós é fotógrafo, mas estávamos entusiasmados com a possibilidade de sair fotografando. A atividade nos rendeu 1.594 (mil e quinhentase noventa e quatro) fotografias. Impossível utilizá-las todas. Sendo assim foi necessário selecioná-las para análise. Como fazer a seleção? Considerei a dica do fotógrafo profissional Paulo Riscala “*Uma foto só é válida se ela contar uma história*” e as de Jolly (2007, p. 54):

[...] uma boa análise define-se antes de mais pelos seus objetivos. Definir o objetivo de uma análise é indispensável para estabelecer os seus próprios instrumentos, não esquecendo que eles determinam em alto grau o objeto da análise e as suas conclusões. De fato, a análise por si própria não só não se justifica como não tem interesse; ela deve servir um projeto e é este que lhe fornecerá a sua orientação, assim como lhe permitirá elaborar a sua metodologia.

¹⁰ Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa

Esse momento em sala foi importante, nos levou a perceber a importância da imagem como registro de uma história. Então a partir de agora comporei um quadro cronológico dos fatos registrados a partir dos instrumentos de coletas de dados já mencionados.

Para desenvolver uma pesquisa etnográfica, com alunos menores de idade, é preciso do consentimento dos pais e/ou responsável. Mas, nesse caso, além do consentimento, os pais ao permitirem que seus filhos fotografassem suas casas, seus cantinhos favoritos, o entorno dessa casa, bairro, os vizinhos, os familiares, os pontos de encontros, áreas de lazer, locais de trabalho; ao abrirem portas, dialogarem conosco contando um pouco da história dos seus filhos, mostrando uma fotografia antiga, ao falarem de seus projetos de vidas também se tornaram partícipes dessa pesquisa.

Essa etapa da sequência didática tinha como objetivo, identificar através de linguagem visual o ambiente onde reside e circula o aluno, com intuito de poder compor assim um quadro da turma ilustrando seu modo de ser e viver. A pesquisa de campo não é uma tarefa fácil, demanda de organização, tempo e disposição dos dois lados: pesquisador e participantes.

“Fotografar é atribuir importância¹¹” (SONTAG, 2006, p. 49). Considerando as palavras de Sontag, cada momento, nos espaços elencados, foi registrado fotograficamente. Abaixo apresentarei em painéis fotográficos, algumas dessas fotografias. Como critério foram selecionadas as que foram mais significativas para esta pesquisa, as demais estão armazenadas num banco de dados num ambiente virtual.

Assim como na atividade anterior “*selfie*” os critérios de análise para essa etapa que resultou em eventos visuais terão as orientações de Manini (2007). Buscarei recapitular cada momento da pesquisa de campo, como ela sugere através dos elementos **quem, quando, como e o que**.

No entanto, antes da exposição dessa “linguagem específica e heterogênea”, recorro às palavras de Santaella (2012, p. 18), aludindo a ciência a que é esse trabalho se alia, a semiótica que nos diz que “as linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem” [...].

Essa observação de Santaella me faz lembrar que em uma sequência didática voltada para uma proposta pedagógica dos multiletramentos, todas as linguagens, podem e devem ser somadas para responder ao problema inspirador dessa pesquisa.

Faço aqui um convite, ao leitor, para percorrer os mesmos espaços que eu e meus alunos percorremos, a sentir e vivenciar as experiências que vivenciamos, a *priori* por meio

¹¹ Fotografar é conferir importância.

das fotografias, depois pela inserção de outros dados, pois, na pesquisa etnográfica “o pesquisador faz uso de uma grande quantidade de dados descritivos: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais” (ANDRÉ, 2012, p. 29).

3.3.2 Sítio Boa Vista

O primeiro lugar que visitamos foi o Sítio Boa Vista. Ele fica há aproximadamente 8 km do Centro da cidade. Lá residem os seguintes alunos¹²: Carla, Elves, Ivana, Marcia, Miss, Rodrigo, Vinner, Mirella, Tatiane e Graça. Considero para análise dos painéis de fotografias as orientações de Manine (2007) expostas no primeiro capítulo desse trabalho.

Painel 4 – Família da aluna Carla



Fonte: Fotos feitas pelos alunos

A aluna ou um colega de sala, durante a visita, de posse da minha máquina fez as fotografias enquanto eu conversava com seus pais e fazia outros tipos de anotações.

Retornando às anotações feitas em meu diário verifico a data em que combinamos nos encontrar as margens da BR 104 para continuarmos desenvolvendo a atividade proposta na sequência didática: 24 de maio de 2014. A neblina da noite estava ainda se dissipando no horizonte e já avistávamos ao longo da estrada íngreme a casa da Carla. Fácil deduzir porque

¹² Os nomes dos alunos citados são fictícios.

o lugar tem o nome de Sítio Boa Vista. A subida nos colocou de frente para um cenário da natureza lindo – paisagens deslumbrantes.

Segundo Sontag (2006, p. 256) “Nossa fotografia é um registro de nossa vida, para qualquer pessoa que veja, de fato”¹³. [...] – *Paul Strand*. Então, é com o auxílio das fotos do painel 2 que procurarei recuperar aquele momento e o que é possível inferir pela sua observação. O painel 4 revela a simplicidade da casa onde a Carla nasceu e cresceu.

Uma pequena casa de taipa com alpendre onde as roupas lavadas são caprichosamente penduradas. Esse mesmo capricho se vê dentro da casa. Tudo devidamente arrumado. A mesa com um arranjo de flores no centro, a cama forrada com um lençol estampado, de pano ralo e simples. As fotos revelam também a sala com uma estante onde se destaca a televisão, acompanhada por um som. Arranjos de flores e várias bonecas são expostas como troféus completando a ornamentação, uma delas ainda na caixa.

A presença desses itens marca a ausência de outros: a casa não tem geladeira, máquina de lavar, computador, por exemplo. A cozinha também não foi fotografada. Uma dependência da casa que também não aparece nas fotos é o banheiro. Ele até existe, mas não na mesma forma que estamos habituados na cidade. Há no entorno da casa um espaço que serve como banheiro.

As fotos não mostram também que a Carla adora dançar pelo terreiro, de jogar bola e que quando era pequena tinha pintinhas no rosto que a deixavam ainda mais bonita. Mas revelam que aquela família aprecia a fotografia, pois no painel aparecem fotos antigas das quais a Carla fez cópia: numa das fotos ela aparece ainda pequena, com mais dois irmãos junto ao pai, a mãe que pousam agachados para a foto; na outra ela de branco também criança é colocada arrumadinha em frente a uma igreja.

A mãe de Carla exibia as poucas fotos que conseguiu tirar da filha ainda criança. Justificou dizendo que as condições na época não eram boas. Percebo que a linguagem fotográfica apreciada pela família é mostrada com o olhar carregado de orgulho. Mas noto também que faz fluir espontaneamente narrativas orais carregadas de emoção. A foto da Carla, dizia a mãe, de vestidinho branco foi numa visita a Juazeiro numa igreja de lá. A propósito o pai relatou que naquele dia em especial acordou tarde porque tinha acabado de chegar de uma romaria a São Severino do Ramo – Recife/PE.

¹³. Tu fotografía es un registro de tu vida, para quien sepa verlo.

Diferentemente da *selfie*, essas fotografias são registros da vida da Carla, sobre quem é sua família, onde vive, o que ela tem em casa e representa dentre outras coisas que se trata de uma família feliz mesmo em meio àquela simplicidade.

Painel 5 – Família da aluna Graça

No Sítio Boa Vista reside também a família da aluna Graça. Durante a visita à aluna ou um colega da escola fez as fotos que aparecerão do painel a seguir. E, eu aproveitei para conversar com a família e coletar mais dados utilizando os instrumentos já mencionados.



Fonte: fotos feitas pelos alunos

“Se eu pudesse contar a história em palavras, não seria necessário carregar uma câmera¹⁴.” *Lewis Hine* (Sontag, 2006, p. 258). Emudeço diante das imagens, elas, de fato, falam por si só como diz Sontag. No entanto, me permito contextualizar o painel 5. Na primeira fotografia estamos colhendo pitombas, “*os frutos são de todos no campo*”, me disseram os alunos; na segunda também da primeira fileira eles aproveitam a ladeira para brincar e se divertir. Uma aluna se agacha enquanto a outra a puxa pelo braço; abaixo a

¹⁴Si pudiera contarlo con palabras, no me sería necesario cargar con una cámara.

estrada já não existe e apenas uma trilha estreita rodeada por montanhas dá acesso à casa da aluna.

Longe da estrada principal, escondida entre montanhas lindíssimas contrastando com a paisagem aparece uma casinha simples. Na chegada, há uma cerca de arame farpado preso a estaca imitando uma roleta para dá acesso a casa. Na segunda coluna do painel 5 a aluna com a ajuda de outra colega fotografa seu quarto, abaixo somos fotografados enquanto a mãe nos mostra o álbum de fotografias da família. Essa foto destaca a única fonte de luz que clareia a casa vinda da pequena janela aberta.

Seguem outras fotos que revelam o exterior da casa, também de taipa como a que estivemos anteriormente. Aparecem roupas no varal, uma área de serviço e um banheiro isolado por um plástico azul. A lavadeira é improvisada por uma espécie de cerca feita de tábua e lona. A água utilizada vem do riacho que aparece em outra foto. Noutra uma velha casa de farinha é transformada em galinheiro e por fim a família faz questão de pousar para registrar o momento. Primeiro o pai e a mãe, depois surgem avó, tios e primos que moram numa casa próxima. A mãe da Graça foi lá e fez questão de me apresentar a todos e partiu dela a iniciativa de fotografar a aluna com toda a família convencendo até quem não gostava de ser fotografado.

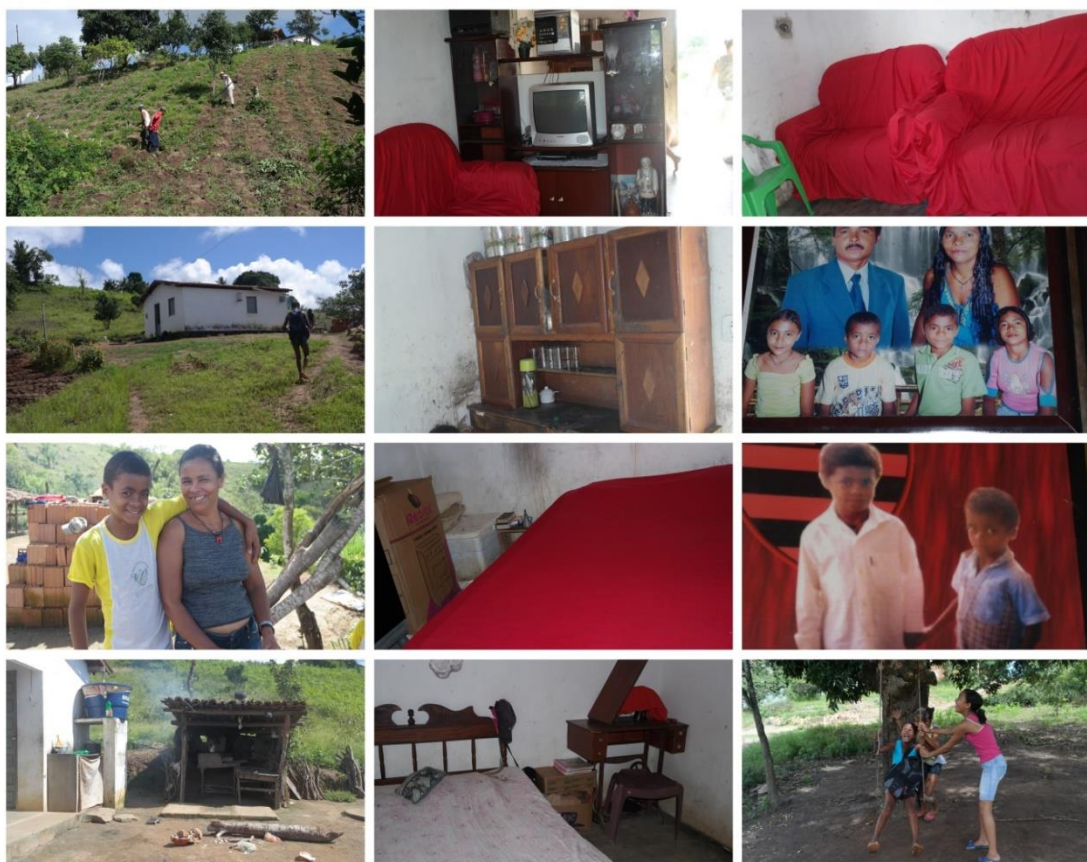
As fotos dispostas no painel 5 marcam também a ausência de itens e espaços domésticos que são comuns nas nossas casas, sem os quais não imaginamos a nossa vida moderna: televisão, som, geladeira, sofá, computador, energia elétrica, fogão a gás, telefone, livro, banheiro dentro de casa, dentre outros.

Eu acredito que quanto mais conscientes de sua história, mais os alunos perceberão com lucidez as dificuldades que precisam enfrentar para superar sua condição imediata. Observo ainda que a figura da professora no contexto familiar estabeleceu uma relação de construção de conhecimento recíproco e cada família se sentiu valorizada com a visita.

Essa constatação se dá pela acolhida calorosa que chegou a dificultar a hora da despedida. Por incrível que pareça não me senti uma estranha invadindo a casa de um estranho. Atribuo à linguagem fotográfica essa espécie de entrosamento que jamais imaginei que aconteceria.

Olhando apenas as *selfies* dos meus alunos, e/ou mesmo convivendo com eles no espaço escolar é impossível imaginar as condições econômicas, familiares e sociais nas quais estão inseridos. O olhar reflexivo sobre a coleta de dados nas visitas às casas dos alunos favoreceu a percepção do perfil dos participantes e essa visão sem dúvida perpassará para prática ensino-aprendizagem como acadêmica e como professora.

Painel 6 – Família do aluno Vinner



Fonte: fotos feitas pelos alunos

“A maioria das minhas fotos é compassiva, bondosa e pessoal. Elas tendem a deixar o espectador ver por si mesmo. Tendem a não fazer pregações. E tendem a não fazer pose da arte”¹⁵. *Bruce Davidson* (ibidem, p. 262)

Considerando as palavras de Sontag faço o convite ao leitor para olhar por si mesmo cada fotografia e ao passo que discorro sobre elas possa concordar ou discordar da minha opinião. As fotografias do painel 6 mostram a família do aluno Vinner. A primeira fotografia revela três homens trabalhando na lavoura. Eles são pai, tio e primo do meu aluno. Ao nos avistarem eles param as suas inchadas e nos cumprimentam com um afetuoso bom dia. Não nos detivemos ali, apenas correspondemos ao bom dia e seguimos em frente.

Diferentemente das outras duas casas onde estivemos antes, esta é de alvenaria. Na fotografia seguinte Vinner abraça a mãe, ambos sorridentes. Naquele momento ela estava no terreiro da casa, na parte de trás, cuidando no almoço. A foto quatro da primeira coluna

¹⁵ Casi todas mis fotografías son compasivas, delicadas y personales. Pretenden que el espectador pueda verse a sí mismo. No pretenden sermonear. Tampoco posar como arte.

mostra o fogão de lenha fumaçando sobre o qual estava uma panela que deixava exalar um cheiro delicioso. O cheiro não pode ser capturado pela foto, mas eu estava lá para sentir e registrar, assim como registrei no meu diário que a mãe de Vinner ao contrário dele, que é um menino calado e recatado, fala bastante e muito rapidamente. Ainda na mesma coluna de foto vê-se uma caixa d'água suspensa e uma pia. A frente do fogão fica uma sepo – tronco de árvore – sobre o qual galhos de árvores são cortados em lascas para alimentar o fogo.

Na coluna do meio do painel 6 as fotografias feitas pelo Vinner revelam como é sua casa por dentro. A estante tem todos os espaços bem preenchidos. No centro, a televisão reina absoluta. Outro item que se sobressai nessa foto é o aparelho de som, seguido de uma estátua do Padre Cicero. O que a foto não revela é que naquela casa, assim como nas outras o rádio estava sempre ligado.

Na sequência de fotos, vê-se dois quartos, num deles aparece uma máquina antiga de costura, mas num estado bem preservado em plena condição de uso. Na última coluna, aparece o sofá com uma capa vermelha seguida de fotografias antigas da família, das quais o aluno fez cópia. Por fim, Vinner fotografou um de seus lugares favoritos: o balanço na mangueira. Um delicioso lugar de lazer que os colegas não resistiram!

O painel fotográfico torna perfeitamente perceptível que as condições socio-econômicas dessa família são melhores se comparadas às outras duas famílias já apresentadas mesmo notando a ausência de itens e espaços domésticos como: fogão a gás, geladeira e a ausência de livros também.

Painel 7 – Família dos alunos Elves e Ivana



Fonte: fotos feitas pelos alunos

“Se eu fosse apenas curiosa, seria muito difícil dizer a alguém “quero ir à sua casa, estimular você a me contar a história de sua vida”. As pessoas me responderiam: “Você está maluca”. Além do mais, ficariam muito precavidas. Mas a câmera é uma espécie de licença¹⁶[...]” *Diane Arbus* (Ibdem, p. 266). De fato a câmera foi uma espécie de licença, que me permitiu entrar em contato com a família, abriu as portas das casas e estimulou as pessoas a falar de si mesmas, dos filhos, da vida de forma espontânea e singular.

O painel 7 mostra duas casas. Duas casas aqui não significam famílias diferentes, mas duas casas da mesma família, ambas de alvenaria. O casal de jovens que aparece em uma das fotos são primos e são meus alunos. As residências ficam próximas uma da outra. Algumas fotos mostram parte da intimidade dessa família. A cozinha mobiliada com mesa, armário, geladeira; na sala há uma estante com televisão, micro system e até receptor de antena parabólica. Esta é a casa do Elves. Moram lá a mãe e os irmãos que aparecem juntos numa foto feita na hora da visita, a pedido do Elves e que só foi tirada porque a mãe fez questão de incentivar os filhos que queriam se esquivar da foto.

Ao olhar para as fotos do Elves nesse painel, uma coisa me chamou atenção, ele não sorri. Está sempre muito sério. Na sala, ou enquanto caminhávamos pelo sítio, não me lembro de nenhum momento em que ele sorrisse, quando muito faz um ar de riso tímido. Revisitando as minhas anotações no diário releio o que a mãe dele diz: “ele é muito querido por todos na região, em casa é quem toma conta de tudo, corta lenha, vai buscar água pra beber, ajuda os tios, os primos. Sempre foi assim desde pequeno...” As palavras da mãe deixam transparecer que ele não teve uma infância permeada por brincadeiras, diversões, descompromisso dessa fase. Talvez, as responsabilidades que assumiu desde cedo o tenham deixado com dificuldade de sorrir.

Verifico o seu diário e lá está escrito: “Minha maior qualidade é ser sério.” Preocupa-me o que ele entende por seriedade porque isso não exclui sorrir. Ele é um aluno que chama atenção pela organização que vai desde seu aspecto físico impecável ao capricho em todas as atividades. Sempre tira as melhores notas. Só falta sorrir com os lábios e com os olhos.

A outra casa que aparece no painel é a da Ivana. Lá, moram apenas ela e a tia. Ivana mostra pouco da casa, apenas a parte externa e a tia que naquele momento estava lavando a calçada da casa, e uma foto do seu quarto com foco na cama bem forrada.

¹⁶.Si sólo me motivara la curiosidad, costaría decirle a alguien: “Quiero ir a su casa para que me hable y me cuente la historia de su vida”. La gente diría: “Está chiflada”. Más aún, se pondría em guardia. Pero lá cámara es una especie de licencia [...]

O que as fotos não mostram, mas que registrei cuidadosamente no meu diário de pesquisadora foi a receptividade dessas pessoas. A tia da Ivana, disse que mora ali há bastante tempo, mas a casa não é sua, suspirava numa espécie de lamento, era assentada do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária Rede INCRA de Bases Comunitárias). Disse ainda que aquele Sítio tem muita história, mas não lembrava porque tomava remédio controlado, mas de uma coisa não esquecia tinha tomado conta dos pais até eles morrerem.

Uma espécie de êxtase começa a tomar conta de mim ao perceber como a linguagem fotográfica pode abrir uma série de portas para outras linguagens. Jamais conseguiria que adolescentes e/ou seus parentes falassem tanto sobre si, sobre seu contexto social usando apenas a linguagem verbal oral/escrita. Percebo até medo na fala da tia da Ivana. Ela parece repetir que cuidou dos pais até eles morrerem para a sobrinha, uma espécie de herança cultural, a fim de que ela não se esqueça de coisas importantes como: cuidar de quem se ama até que eles descansem em paz.

Painel 8 – Família da aluna Mirella



Fonte: fotos feitas pelos alunos

A fotografia é a única “linguagem” entendida em toda parte do mundo e que, ao interligar todas as noções e culturas, une a família humana. Independente da influência política - onde as pessoas forem livres -, ela reflete fielmente a vida e os fatos, permite-nos compartilhar as esperanças e o desespero dos outros e esclarece as condições políticas e sociais. Tornamo-nos testemunhas oculares da humanidade e da desumanidade da espécie humana.¹⁷ **Helmut Gernsheim** (CREATIVE PHOTOGRAPHY, 1962, APUD SONTAG, 2006, p. 266).

Concordo com o autor quando afirma que a linguagem fotográfica é entendida em toda parte do mundo e refletem fielmente a vida e os fatos e permite-nos compartilhar as esperanças e os desesperos. Foi esse sentimento que senti ao entrar nessa casa que possuía vários álbuns registrando vários momentos da família.

Esse painel revela que a cultura visual da família de Mirella é mais desenvolvida que a dos outros alunos e diferentemente deles que fotografaram os cantinhos das suas casas, ela o fez muito pouco. Fotografou apenas a parte externa das casas: sendo uma dela e da mãe e a outra da avó. No entanto, a casa delas vivia quase fechada, pois estavam o tempo todo na casa da avó.

As demais fotografias que compõem o painel 8 ratificam a minha fala, pois mostram várias etapas importantes da vida da aluna. Fotos dela bebezinha, na formatura da 4ª série, no desfile escolar, dentre outros, foram capturados pelas lentes de uma máquina fotográfica como registro de momentos especiais. Observem que aparece parte de corpos como pernas, mãos. Essas pernas e mãos que seguram as fotos são de Mirella. Ela junto com a mãe pedia que fosse feitas fotos dessas fotos como registro de sua identidade.

O que as fotografias não revelam, mas registrei no meu diário de bordo é que aquela família, formada exclusivamente por mulheres, estava enfrentando uma situação muito difícil com uma altivez digna de rainhas. A avó estava saindo de um tratamento bem sucedido de câncer de mama, e as duas, mães e filha se revezavam nos cuidados com a matriarca.

A mãe de Mirella se divide entre as atribuições infundáveis do lar e o trabalho fora de casa, num município vizinho ao nosso. O que as fotos não revelam também é que, mesmo ali no sítio, a mãe não consegue ficar mais sossegada quando a filha vai para escola porque a “onda” de violência ora ou outra dá vazão ali. Poderia ficar oras ali vendo as inúmeras fotografias exibidas por essas mulheres com muito orgulho.

¹⁷ La fotografía es la única “lengua” comprendida en el mundo entero, y al acercar todas las naciones y culturas enlaza a la familia humana. Independiente de la influencia política – allí donde los pueblos son libres - refleja con veracidad la vida y los acontecimientos, nos permite compartir las esperanzas y angustias de otros, e ilustra las condiciones políticas y sociales. Nos transformamos en testigos presenciales de la humanidad e inhumanidad del género humano.

Os avanços tecnológicos me permitiram dispor de uma ferramenta, Picasa, que possibilitou organizar as fotos de uma forma simples, versátil reunindo várias fotografias num mesmo espaço (painel). Essas fotos registram um encontro da escola com a família. Um ponto que faz a diferença, pois geralmente os pais vão à escola para uma breve reunião burocrática dificilmente essa posição se inverte.

Dentre as responsabilidades da escola está segundo orientações dos PCN, “exercer o convívio social no âmbito escolar e favorecer uma identidade pessoal, pois a socialização se caracteriza por um lado pela diferenciação individual e por outro pela construção de padrões de identidade coletiva” (BRASIL, 1988, p. 43), mas o mesmo documento informa que isso só é possível se houver interação entre família e escola, “**enraizamento da escola na comunidade**” (idem), grifo meu. E esse enraizamento de fato pouco acontece.

As atividades pré-organizadas na sequência didática proporcionaram esse encontro entre a escola e a comunidade, fato revelado nas fotografias dispostas nos painéis, diminuindo espaço entre escola e comunidade, “derrubando muros” de resistências. Na atividade introdutória, observamos os alunos dividindo o mesmo espaço, escola, em pleno desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Mas, esse processo não deve estar limitado ao espaço físico escola, na verdade, a escola é muito mais que estrutura física e seu grupo de funcionários (merendeira, vigilantes, professores, secretários, coordenadores, diretores, alunos etc.). A escola é um organismo vivo bem mais complexo e ultrapassa tudo isso, para ganhar o tamanho, dimensão e contorno da comunidade da qual ela faz parte.

Os painéis revelam o espaço familiar, a beleza do lugar onde residem, seus lugares favoritos: quarto, sala, cozinha, um banco improvisado junto ao curral, a casa da avó, o galho de uma árvore, as brincadeiras. Além de conter ainda cópias de fotos: fotografia da infância, de momentos na escola, de visita a lugares religiosos que foram guardados como registro de uma época de um evento marcante.

Como nos adiantou Kossoy (2007, p. 61) “o mistério da fotografia se acha circunscrito, ou seja, limitado, no espaço e no tempo, à própria imagem.” Na verdade a composição dos painéis também significam, eles limitam, ou seja, representam cada um, uma das famílias que compõe a comunidade escolar na qual leciono e represento. Cada painel representa uma família de alunos que visitamos no Sítio Boa Vista, outros, embora estivessem nas visitas comigo, suas famílias não aparecem porque naquele momento por um ou outro motivo não estavam nas suas residências.

Volto meus pensamentos novamente para o tipo de pesquisa que orienta meus passos nesse trabalho:

[...]abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações. Efetivamente, um signo é um signo apenas quando exprime idéias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa (JOLY, 2007, p. 30).

Seguir o árduo trajeto proposto pela etnografia é como uma moeda de duas faces. Na primeira eu colocaria uma ferramenta que representasse o trabalho árduo, e na outra poderia ser um rosto fotografado no exato momento em que um atleta vence uma corrida.

Assim, como propõe a etnografia, vou fazer uso de outros documentos para aprofundar e complementar as informações coletadas por meio da fotografia. Esses outros documentos permitiram ir além dos limites da imagem, ou seja, as linguagens se complementarão para que possamos atingir nosso propósito, nesse trabalho.

Apresento abaixo, um trecho do diário da pesquisadora, feito por mim, no momento em que se iniciou a visita ao Sítio Boa Vista. O que justifica a inserção do trecho nesse momento é que o trago como reflexão a título de encerramento desta parte.

Parte I - Diário do Professor

Lá está a placa que identifica o lugar: Sítio Boa Vista. Este foi o nosso ponto de encontro. É justamente nesse lugar que os meus dez alunos desse sítio se reúnem para esperar o ônibus que os levam à escola. É neste mesmo lugar que começou nossa pesquisa de campo.

Na hora marcada estavam eles lá, a minha espera. E, como conheciam a região, sugeri que decidissem por onde deveríamos começar nossas visitas. A manhã estava linda, o céu claro e sem nuvens parecia conspirar a nosso favor, pois ultimamente vem chovendo muito na região, na verdade até chuvei um pouco antes de sair de casa, fato que me deixou apreensiva, pois dificultaria ainda mais nosso trabalho.

Subimos por uma estrada de barro esburacada e cheia de pedras. Desde o início avistamos de um lado e outro da estrada pessoas com suas enxadas cuidando da lavoura. A paisagem diante de nós era de tirar o fôlego, fiquei deslumbrada enquanto eles agiam naturalmente sem se dar conta daquela vista e do privilégio de poder contemplá-la. O frescor da manhã era tanto que ainda avistávamos no horizonte a neblina se dissipando.

Nas pesquisas a que tive acesso de cunho etnográfico, os relatos foram feitos em terceira pessoa, e não era questão de opção. Tratava-se apenas de pesquisadores que observaram o espaço escolar. No meu caso optei por escrever em primeira pessoa porque sou a professora e a pesquisadora.

Difícil papel o meu. O que eu produzo como observadora se torna também um dado. E preciso analisar do ponto de vista da pesquisadora, ou seja, do meu “eu pesquisadora”, que ainda desabrocha. O meu “eu professora”, na sala de aula, costuma dizer que é preciso que todos os sentidos estejam alerta para que se possa sentir, ouvir, cheirar, saborear e perceber os mínimos detalhes para poder descrever algo, é, por exemplo, como pintar uma tela.

Neste momento além de verificar o meu diário, verifico também os diários dos alunos e percebo que o que é dito na sala pelo professor, surte efeito diferente em cada um, cada um capta a seu modo, agora parece óbvio, eles não são iguais. Mas, enquanto professores parecemos, por vezes, nos esquecer desse detalhe. Na verdade, a dinâmica escolar nos induz a isso. Combinamos que teríamos os diários e qual sua finalidade. Também poderiam registrar verbalmente o que viram, sentiram, perceberam durante a pesquisa de campo.

Ao folhear os diários dos meus alunos, percebo nos seus escritos que a descrição como havíamos discutido em sala como recurso para seduzir o leitor, precisaria enfatizar características dos lugares, sensações, cheiros, texturas, ou seja, deveríamos olhar para o objeto descrito como se olhássemos pela primeira vez. O diário seria também para descrever o lugar onde estivemos e o que sentiram.

Ao fazer esse pedido, sem que percebesse, a professora de Língua Portuguesa, no caso eu, sem se dar conta estava mais uma vez privilegiando a linguagem verbal escrita. Rio de mim agora, pois se outro eu não tivesse nascido nessa pesquisa estaria frustrada agora.

Meus alunos não conseguiram descrever em seus diários minimamente seus cantinhos usando a linguagem verbal, mas o fizeram brilhantemente usando a máquina digital. A frustração se daria porque estamos ainda enquanto professores de Língua Portuguesa aprisionados pelas raízes em que fomos escolarizados.

Convencionalmente, ainda hoje, trabalhamos mais com o conceito de língua e não de linguagens. O currículo e a metodologia da disciplina de Língua Portuguesa, estão engessados em prática obsoletas e a linguagem não é apresentada ao aluno ao longo de sua escolaridade como propõe Santaella (2012, p. 18-19):

O termo linguagem se estende aos sistemas aparentemente mais inumanos como as linguagens binárias de que as máquinas se utilizam para se comunicar entre si e com o homem (a linguagem do computador, por exemplo) até tudo aquilo que, na natureza, fala ao homem e é sentido como linguagem. Haverá, assim, a linguagem das flores, dos ventos, dos ruídos, dos sinais de energia vital emitidos pelo corpo e até mesmo, a linguagem do silêncio.

No entanto, no recorte do diário do professor, percebe-se a atenção a várias linguagens: “*a paisagem diante de nós era de tirar o fôlego, fiquei deslumbrada*”, “*o frescor*

da manhã era tanto que ainda avistávamos no horizonte a neblina se dissipando”, “a manhã estava linda, o céu claro e sem nuvens parecia conspirar a nosso favor” pode ser percebida e, mesmo que de forma simplória, “a semiótica busca divisar e deslindar seu ser de linguagem, isto é, sua ação de signo”. (Ibidem, p. 21)

O outro elemento sugerido por Nanini para análise de fotografia é **Como** (são ou estão os principais elementos da imagem). Como o objetivo principal dessa tarefa é perceber o modo de viver dos alunos através da fotografia. Então, as fotografias nos revelam que mesmo morando no mesmo sítio, cada uma das casas e o entorno delas são diferentes, quanto a localização umas são próximas da BR, outras mais distantes.

As casas do painel 2 e 3, por exemplo, são de taipa, mas o caminho que leva a essas casas é diferente. No painel 2, a estrada chega até a porta e é possível chegar carro, a do painel 3 a estrada não chega até lá, e é preciso andar entre a vegetação numa trilha, onde a paisagem é só mata e montanha. Da BR para chegar lá se caminha entre 35 min. e 40 min. a pé.

A aluna que mora ali, faz sozinha todo o trajeto, porque seu irmão mais novo estuda no horário da manhã, na escola do campo, que fica a beira da BR 104, (lugar onde nos encontramos para realizar a visita) e sua mãe é quem leva e vai buscar. A escola do campo só oferta a etapa fundamental inicial (do 1º ao 5º ano) multiano – termo adotado pela rede para substituir multisérie. Então, a jovem aluna precisa se deslocar para continuar seus estudos. No retorno faz o mesmo percurso, mas as condições já não são as mesmas. Já não conta com a claridade, por exemplo, para enxergar o caminho, e para mãe não é possível ir ao encontro dela, senão a vida giraria em torno de ir e vir, ou seja, buscar e levar os filhos à escola.

3.3.2.1 Complemento da análise da visita ao Sítio Boa Vista

A seguir, complemento minha análise sobre o Sítio Boa Vista, discutindo os registros que fiz em áudio durante a visita.

Os quadros abaixo são depoimentos das mães gravados em áudio.

Depoimento mãe - A

- *Agente tem água em casa.*

- *Que coisa maravilhosa! – Disse eu.*

- *Eh, ‘tinha não’! Mas a gente fez um assim... eu e minha cunhada juntamos, juntamos e compramos uma bomba e colocamos água...ai era ladeira também (aponta para uma grot) vem daqui de baixo!*

- *Tá numa riqueza só! - Continuei.*

- *Graças a Deus! É bom demais aqui! É água, energia, carro a hora que a gente precisa. É mesmo que ser uma cidade, né? Se a gente tivesse que escolher entre a cidade e sítio a gente*

escolhe o sítio. É telecarro, é tudo agente ligou tá na porta.

Depoimento mãe – B

- *Meu Deus! Não olhem minha casa!*(exclamou, rindo alto na nossa chegada).
- *Eles só estudam porque gostam, mas morar num canto desse minha fia...*

As duas casas são de taipas, porém como se percebe pelo depoimento das mães a primeira considera o lugar bom, enquanto a segunda mãe acha sofrido morar ali, pela dificuldade de acesso, além de não ter água encanada, nem energia elétrica pelo que observei. Nos outros painéis é visível que as casas são de alvenaria, possuem energia elétrica e são mais próximas da BR.

Essa pesquisa se propôs a organizar as fotos a partir de diferentes agências de produção de sentido social, escola, família, bairro/sítio. Contudo, versa que para descobrir nuances dos alunos como o que pensam, sentem em relação a si mesmos, sobre o lugar onde vivem, uma linguagem apenas não daria conta, sendo necessário utilizar múltiplas linguagens.

A seguir, utilizo também trechos dos diários dos alunos que revelam por meio da linguagem verbal escrita outras facetas de suas identidades:

Trechos dos diários dos alunos

1. *“O meu relacionamento com a minha família é muito bom. Nós somos divertidos e brincalhões etc.”* (aluna);
2. *“Meu maior sonho é ser veterinária, e a minha família com saúde e eu também.”* (aluna);
3. *“Meu maior sonho é alcançar meus objetivos, dá orgulho aos meus pais, nunca decepcionar minha família e terminar meus estudos, fazer faculdade.”* (aluna);
4. *“Meu maior sonho não está definido, mas até lá continuarei estudando para um dia crescer na vida. Algumas pessoas me acham muito chato, minha qualidade é ser muito sério.”* (aluno);
5. *“Meu maior sonho é casar e sustentar a minha família.”* (aluna)

A família nem sempre é formada por pai, mãe, irmãos como pudemos visualizar no painel 6. Ou seja, mesmo que a instituição familiar esteja passando por transformações, na voz dos alunos é possível perceber que ela ocupa um lugar importante. Outra instituição que ainda ocupa um lugar importante é a escola. Na fala da aluna 3 terminar os estudos é parte dos sonhos.

Talvez sua voz seja eco da voz da sua família a quem o aluno considera importante e não quer decepcionar, ou o contrário. Quem sabe na escola ela de fato tenha conseguido enxergar a seu modo que essa instituição contribui para o seu desenvolvimento social, cultural e intelectual. Assim como o aluno 3 que mesmo não tendo um projeto de vida definido, compra a ideia de que os estudos ajudarão na realização desse “sonho”, desse “objetivo”.

Dos trechos do diário dos alunos apenas uma aluna (depoimento 2) já tem uma escolha profissional, que, ao meu ver pode está associada ao lugar onde vive “veterinária”, pois, notei que gosta muito de animais (a vaca no cercado no terreiro de casa, o cachorro, os pássaros nas gaiolas). E só uma das meninas (5) sonha em casar, mas, diferentemente daquela visão tradicional onde o homem é o provedor da família ela diz: “*e sustentar minha família*”, ou seja, quer ser a provedora, característica da modernidade.

Para coletar dados além dos trechos dos diários dos alunos utilizei uma tecnologia que fez toda a diferença nessa pesquisa, o meu celular. Por meio dessa ferramenta que pode colaborar muito com a disciplina de Língua Portuguesa, registrei em áudio trechos das nossas conversas durante as visitas.

Fui surpreendida ao ouvir ruídos, cantos de pássaros, a música sempre presente nas casas que visitamos e que o meu cérebro não conseguiu captar. Apreciei cada momento de audição, pois inseri no percurso, itens que passaria facilmente despercebido. Outra coisa que me encantou foi a linguagem oral dos alunos e as narrativas que eles fizeram de algumas situações que mexem com o imaginário de cada um.

“Sabe-se que o desconhecido exerce sobre o homem um desafio constante. Com o homem primitivo não era diferente, pois já sentia a necessidade de procurar uma explicação para os fatos que aconteciam ao seu redor” (FREITAS, WANKLER, 2012, p. 21).

O relato abaixo gravado em áudio revela que mesmo no século XXI, o desconhecido ainda fascina e cultivamos a prática de transmissão oral quer no campo, quer na cidade, como lendas urbanas, por exemplo, são tradições culturais muito marcantes. A ideia da presença de figuras fantasmagóricas, também povoa o dia a dia dos meus alunos.

“As identidades são expressas principalmente através de códigos linguísticos, através de falas, de textos escritos ou orais que lhes dão concretude e lhe permitem permanência, reconhecimento e reivindicação” (Ibidem, p. 20).

Veja essa marca identitária inserida no excerto a seguir composta por uma imagem e pela transcrição da narrativa dos alunos:



Bambuzal - Sítio Boa Vista

A1 – Veio um menino de Maceió pra gente brincar. Segure aqui!(disse passando a bolsa para o colega). Ai quando nós estava brincando de esconde-esconde, ai nós viu um monte de homem saindo com um monte de cavalo branco. Ele todo branco passou aqui. Ai meu pai estava assistindo no terreiro. E nos perguntamos: - Oh, pai, o senhor viu um monte de homem passando aqui de cavalo? Ai ele disse: - Não. Quando nós vinemos olhar eles estavam aqui no campo. Só isso! (fala ofegante devido a caminhada e quase num fôlego só).

A2 _ Existe tanto malassombro que misericórdia, professora! Boneca sem cabeça/aquelas coisas ali é mal assombrado.

Foi justamente a imagem desse bambuzal que ativou a memória dos meus alunos. “hoje se diz que “não há identidade coletiva e pessoal, que possa se forjar sem o recurso da escrita”. Sem dúvida isso é muitas vezes verdadeiro, mas formas menos explícitas de transmissão de identidade ainda manifestam sua grande eficácia (CANDAUI, 2014, p. 117).

Passávamos de forma casual pela estrada quando os alunos avistaram o bambuzal e “explodiu” a memória, começaram a falar ao mesmo tempo. E, como a sobreposição de vozes atrapalhava a minha compreensão pediram a uma colega que relatasse o fato, ou seja, fizesse uma exteriorização da memória daquele bambuzal, daquela localidade, que só agora toma a forma escrita, mas circula oralmente ente os que ali residem.

A produção desses lugares, tendo a ver com utilização de recursos de linguagem e da cultura, surge “da narratização do eu”. A sua natureza necessariamente ficcional não diminui, de forma alguma, a sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento esteja, em parte, no imaginário, no simbólico, e, portanto, em parte, construída na fantasia, no interior de um campo imaginário (HALL, 2001, p. 109).

Manter os traços distintivos da língua oral foi uma opção, ao fazê-lo registro como meus alunos se comunicam socialmente e, enfatizo ainda, que apesar das diferenças entre a língua oral e escrita uma não se sobrepõe a outra. A perspectiva não-essencialista de identidade, que norteia essa pesquisa, focaliza as diferenças e as características comuns partilhadas pelo grupo.

A transcrição oral recupera o imaginário do aluno no ato de contar a história fantasmagórica que gira em torno do bambuzal. “Registrar a cultura oral desse povo através do imaginário fantástico em suas narrativas entre o real e o ficcional, é fazer um apanhado de suas vidas e é também estabelecer a alteridade” (FREITAS; WANKLER, 2012, p. 58).

Olhar para o meu aluno do 8º ano, valorizando a sua oralidade, como quase não acontece no espaço escolar onde a língua cultuada é aquela cheia de convenções e normatizações, é “o olhar sobre as minorias enquanto autonomia de expressão na sociedade” (idem) é estabelecimento de alteridade.

Para fechar minhas reflexões sobre a visita ao Sítio Boa Vista, volto a dar a linguagem fotográfica o destaque que ela ocupa nesse trabalho, de atriz principal, para corroborar a sua importância. Para isso elaboro outro painel de fotografias a partir de um recorte das imagens que compõe os painéis que compuseram a história do Sítio Boa Vista e já antecipo que todos esses signos são transmissão, manutenção e construção de memória.

Painel 9 - Fotos das famílias dos alunos



Fonte: cópias de fotos feitas pelos alunos

Em todas as casas que estivemos no Sítio Boa vista, encontramos quer num álbum, quer na parede, ou numa estante na sala, fotografias. Em umas mais, em outras menos. O painel 7 foi composto com fotos das fotos dos meus alunos junto a família, na fase da infância, ou em momentos escolares, revelando que a escola desde sempre esteve presente nas suas vidas (uma vestida de coelho comemorando a páscoa, outra no desfile de 7 de setembro) e, indica que a fotografia é um registro e favorece a construção e a manutenção da memória e construção de uma identidade.

[...] Essa vontade de adesão a um sistema que garanta perpetuação de uma linhagem se alimenta de uma memória doméstica de longa duração [...]os documentos de família, os lugares e paisagens que envolvem a propriedade, mas também os múltiplos suportes de lembranças íntimas, objetos tidos como antigos, árvores plantadas por ocasião de nascimento de tal ou tal ancestral, mantas do século passado cuidadosamente dispostas nos armários, filmes, **fotografias de família**, sepulturas, itinerários (CANDAU, 2014, p. 117), grifo meu.

3.3.3 Sítio Gereba

Na visita a esse sítio farei uso dos mesmos instrumentos de coleta de dados que na visita ao sítio anterior, porém, a ordem em que eles aparecerão não serão necessariamente as mesmas, visto que as condições da visita são outras. Nesse sítio moram três alunos: Daryana, Adelha, Rike. Entretanto mais outras duas alunas: Eliane e Samara¹⁸ me acompanharam na visita. Essa duas acompanhantes residem no povoado Caruru, caminho do Sítio Gereba, e fim do trajeto do ônibus. A partir dali o percurso que se faz é a pé.

Conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia a dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que as retêm, identificando as estruturas de poder, modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados (ANDRÉ, 2012, p. 41).

Podemos dizer que a lente esférica é um dos componentes ópticos mais notáveis e utilizados para a formação de imagens em diversos sistemas ópticos (visão). Ela tem a finalidade de modificar o percurso dos raios de luz que nelas incidem. Elas mudam a trajetória dos raios da refração (mudança de direção). André, ao dizer que para conhecer a escola de perto seria necessário colocar uma lente de aumento, ele introduz um elemento novo, a lupa. A lupa a meu ver é a pesquisa, neste caso, precisamente a pesquisa de natureza etnográfica.

Essa visão de escola como espaço social em que ocorrem movimentos de aproximação e de afastamento, onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados vai exigir o rompimento com uma visão de cotidiano estática, repetitiva, disforme, para considerá-lo como diria Giroux (1986) um terreno cultural caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes (ANDRÉ, 2012, p. 41).

Foi exatamente o rompimento dessa visão estática de escola que a sequência didática favoreceu. A partir de agora, levo-os a mais um espaço onde a pesquisa se desenvolveu, Sítio Gereba. Um trecho do **diário da professora** revela as razões para a escolha do lugar.

Compreender o universo do aluno, sem sentir, participar é como falar da lua sem nunca ter estado lá. Impossível negar sua beleza ou mesmo as múltiplas faces que esta apresenta, pois é visível a olho nu e está disponível para quem quiser apreciá-la, contudo, ela tem outro lado que só é possível ser visto por aqueles que se aventuram e que não se satisfazem apenas em contemplá-la, mas querem sentir, pisar no seu terreno, conscientes que ela tem outras faces, mais misteriosas para serem desvendadas. É exatamente assim que me sinto agora.
 [...] Hoje foi um dia atípico, muito dolorido pra todos nós da escola, pois, tivemos que ir

¹⁸ Os nomes citados são fictícios

ao sepultamento de uma aluna, que por uma fatalidade ao sair da escola para regressar para sua casa no campo, sofreu um acidente (caiu entre o ônibus e o meio fio) e infelizmente não resistiu. Esse fato, por si só já me leva a refletir sobre as mais diversas situações de risco que esses alunos, em especial, enfrentam todos os dias ao saírem de suas casas para virem à escola.

E foi exatamente nesse dia que encontrei com os alunos para conhecer mais um dos lugares combinado. Fora o episódio citado acima a rotina foi a mesma. Eles não tiveram mais aula, depois do sepultamento, mas não puderam regressar para suas casas, tiveram que esperar os alunos de outras escolas que utilizam o mesmo transporte. O ponto de encontro foi onde ficam estacionados os ônibus, Beira Rio, na entrada da cidade.

O ônibus estava lotado, na verdade superlotado, pois não comportava todos os alunos sentados. Muitos fazem a viagem em pé. Apresento-me ao motorista digo o porquê de estar ali. Ele me lança olhar incrédulo e de admiração ao mesmo tempo simplesmente por dizer-lhe a que sítio estou indo com os alunos.

Verifico o relógio e ele marca 16h 56min, o motor do ônibus foi ligado. Os alunos muitos barulhentos se espremeram no corredor aguardando a hora da saída. A partida aconteceu às 17h em ponto, antes, porém o motorista levantou e foi onde eu estava sentada e me perguntou se eu tinha comigo uma câmera para registrar tudo. Mostrei-lhe a câmera ele sorriu satisfeito e voltou para o seu lugar.

O fato de o motorista levantar da sua cadeira e ir onde eu estava revela bem a importância do registro fotográfico. Imagino que ele, diferente de mim, soubesse o que eu estava preste a vivenciar. E parecia compreender que:

Tais imagens são de fato capazes de usurpar a realidade porque, antes de tudo, uma foto é apenas uma imagem (como uma pintura é imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mostuária¹⁹ (SONTANG, 2006, p. 216).

Continuem lendo outro trecho do **diário da professora**:

Especulei e planejei várias formas de ir para esse sítio, porém todas as possibilidades acabaram frustradas. Primeiro soube que carro não chegava lá, não nesse tempo em que a chuvas tem sido constantes tornando o acesso ainda mais difícil; segundo, porque gostaria de experimentar e vivenciar o que os alunos vivenciam todos os dias, ao saírem de suas casas para irem para a escola. Assim decidir ir e vir com eles, e isso só seria possível se um deles me acolhesse em sua casa. Isso não foi problema. [...]

Chegamos ao Povoado Caruru, ponto final do ônibus, aproximadamente às 17h 35min da tarde. Seguimos por uma trilha numa fila indiana. Não conseguia enxergar quase nada. Junto a nós seguiram mais dois alunos também daquele sítio, mas que não são meus alunos, conheci-os ali, na descida do ônibus, e logo me disseram que era hábito caminharem todos juntos.

Seguimos estrada afora, no início uma das alunas do povoado que deixamos para trás e os pais permitiram que me acompanhassem caiu, pois o caminho era cheio de buracos e lama e ia cada vez mais se estreitando. A escuridão não era total porque um deles tinha uma lanterna e ia à frente, além dessa pequena lanterna a lua e as estrelas no céu ajudavam um pouco nos fornecendo um pouco de sua luz. Naquele trecho era impossível se concentrar no céu ou nas estrelas, tínhamos que nos dedicar exclusivamente ao caminho cada vez mais estreito numa subida que parecia não ter fim e, era só o começo, brincavam eles. Dava pra sentir sei lá o que roçando meus braços, ora ou

¹⁹Esas imágenes son de hecho capaces de usurpar la realidad porque ante todo una fotografía no es sólo una imagen (en el sentido en que lo es una pintura), una interpretación de lo real; también es un vestígio, um rastro directo de lo real, como una huella o uma máscara mortuoria.

outra tocando meu rosto e causando certo ardor.

A escuridão para mim era um problema, todos os meus instintos estavam alerta, porém, eles seguiam com desenvoltura, passos firmes, obviamente por conhecerem o caminho, diferentemente de mim, e das outras duas alunas que pisávamos em terreno desconhecido. Indiferentes a nós, os sons e ruídos noturnos seguiam firmes e ininterruptos e eram mais ou menos os mesmos durante todo o trajeto: grilos, cigarras, coaxar de sapos ou de caçotes e outros não identificados, mas que se juntavam compondo a melodia noturna.

Trecho do diário da professora

Gostaria de poder ter registrado em foto ou mesmo vídeo essa experiência que marcou para sempre a minha vida e que não me sai da memória. Mas como não foi possível por falta de luminosidade e equipamento apropriado, tento então, usar a linguagem verbal como recurso, consciente de que ela não será suficiente para expressar o que não vi, mas senti, e ouvi.

Como não era possível fazer registro escrito caminhando na noite, resolvi registrar em áudio e recorri ao celular para gravar parte das nossas conversas enquanto fazíamos o percurso para o Sítio Gereba. O trecho que segue é a **transcrição de áudio** que revela bem como foi caminhar de noite da escola para casa.

[...]

- *E eu fico aqui só?! (resmungou um aluno 'agregado' porque ficou pra trás).*

- *Bora, meu fio, bora. Parou por quê?*

FALTA A METADE, DA METADE, DA METADE, disse aqui! (fala sofregamente, minha aluna, metade na verdade seria dobro)) falta um bocado (sons de grilos, sapos e passos se ouvia na noite).

- *Ave Maria! (suspirou outra aluna).*

- *Quando a gente chegar na Dona Germana, nós estamos no quarto do quarto da metade!*

- *E EU RECLAMAVA DO LUGAR QUE EU VIVIA MEU DEUS! Vamos emagrecer mais!*

- *Emagrecer mais voa!*

- *E eu reclamava do lugar que eu vivia, imagina vocês, meu Pai!*

- *Eu não reclamo! Eu gosto do meu sítio, porque no sítio eu sempre fico com fome. Comer agora, depois e depois, Ai eu como uma fruta, uma banana, acerola, seriguela, goiaba, pitanga, azeitona, jaca. Que é que eu quero mais?!*

- *Manga!*

- *É quando era tempo, mas já passou o tempo.*

- *Daqui a pouco nós pega a estrada principal e sobe direto. (fala ofegante por causa da caminhada).*

Mais uma vez sinto não poder ter registrado aquele momento com fotografia. Mas o registro linguístico de fato aconteceu, os alunos estavam longe do espaço escolar e ali percebi que eles estavam à vontade para falar. A primeira dicotomia – língua urbana versus falares regionais – rurais era bem mais forte ali.

Abre-se, pois, na área da educação e nos demais setores das relações sociais um imenso campo de trabalho para a linguística nacional. Cabe a ela estudar a variação da língua nos espaços geográficos e social. Propor soluções para o impasse do anacronismo da gramática normativa, combater o estigma atribuído às variedades denominadas “incultas”, levantar as atitudes dos falantes em relação à língua, determinar as etapas evolutivas dos traços em processo de mudança, e, principalmente, apontar caminhos e estratégias para a educação no Brasil (BORTONI- RICARDO, 2005 p. 38).

Bortoni-Ricardo (2005, p. 84) afirma que “uma das características das sociedades modernas é que as variedades linguísticas desprestigiadas tendem a conservar-se nas comunidades urbanas” [...]. Eu concordo naturalmente, por poder observar essas características na sala de aula. A escola que ainda não inclui em seu currículo, o ensino de expressões artísticas regionais, obrigatório em todas as etapas desconsidera o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases.

Infelizmente, Bortoni-Ricardo (2005, p. 37) acrescenta: “no Brasil são socialmente estigmatizados os vernáculos e as variedades populares da língua urbana” e a escola continua sendo o lugar que ao invés de combater, tende a perpetuar essa prática, quando deixa de valorizar, por exemplo, a língua oral e/ou outras linguagens em detrimento ao ensino da escrita. Segue outro trecho do **diário da professora**.

Andamos por estradas, entramos em cercado, corremos de vaca parida, subimos e descemos colinas... Imagino-os fazendo esse mesmo percurso quando está chovendo...

Chegamos exaustos, pelo caminho eles iam se dispersando entrando em suas casas e se despedindo. Quando cheguei à casa da aluna que me acolheria naquela noite a mãe dela sorriu e disse que não acreditava que eu tivesse coragem de ir tão longe. Sentei um pouco tentei recuperar um pouco o fôlego, tomamos um banho frio ao ar livre na bica ali próxima.

Trecho do diário da professora

Durante toda a caminhada percebo em alguns momentos que se sobressaem algumas características dos meus alunos campesinos a exemplo da solidariedade, a cooperação, a ajuda mútua. Um espera o outro pelo caminho, clareia com a lanterna, avisa de um buraco. Recebe um estranho na própria casa, vão ao encontro do outro num cavalo e até de moto.

Chegamos à casa da minha aluna anfitriã, 7h 30min aproximadamente. A sua mãe disse não acreditar que eu pudesse de fato acompanhá-los, ir até lá. Transcrevo a seguir trechos da conversa, **gravado em áudio**, que tivemos enquanto estive lá.

- Tem que fazer o sermão todinho pra elas dá valor ao que anda, que não é brincadeira não, a pessoa sai daqui 9h da manhã, 09h30 min pra chegar uma hora dessa. É brincadeira não todos os dias. Ai vê o que é sofrimento, todos os dias quando tem um trocadinho pra levar, leva e quando não tem...

- *É muito longe, muito longe!(profa)*
 - *É muito longe.*
 - *E não tem carona, não tem nada na estrada. (profa)*
 - *De jeito nenhum. E hoje ainda tá bom. Uns coitados viajaram pra Mato Grosso, uns compraram uma moto já usada. Um ajuda o outro. Esse coitado vai buscar ela todo dia (aponta um homem) às vezes quando tá demais vai buscar num cavalo, quando não tá aguentando mais. Ela se referia ao “Mudo” (apelido que ganhou por conta da deficiência).*
 - *Ele acompanhou a gente desde lá de baixo. (profa)*
 - *Outro tem uma moto, vai buscar outro lá embaixo. Mais antigamente, antigamente, era mais sofrimento. Ele via aqui dá dez hora da noite e nós tudo doido, sem ele chegar, uma mãe ia pra um canto, outra mãe ia pra outro. Desespero foi no tempo da cheia viu? Nós quase endoia aqui sem notícia deles.*
Elas duas ficaram na rua que eu pagava um cantinho pra elas ficar. Os outros vinham no meio do caminho e no meio do caminho as boieiras caiu tudo...
 - *E ai?*
 - *Ai que vinha um menino de Caruru, um de lá outro de cá e saíram puxando uns aos outros ligeiro antes que a água tomasse conta de tudo, ai conseguiram, mas quando vieram chegar aqui minha filha...Mas eu garanto que outra dessa meus fios não passa não. Deus é bom!*

Transcrição de áudio: Trecho da fala da mãe

Na fala da mãe percebemos as mesmas características linguísticas dos alunos. Na fala dela retratada as dificuldades que os alunos do campo enfrentam ao longo dos anos, muitas dessas contribuem para o êxodo rural ainda hoje - “viajaram para Mato Grosso; a valorização da escola está presente no discurso da mãe quando ela afirma que *faz um sermão para eles valorizarem o que andam que não é brincadeira não.*

Na verdade os alunos que moram nesse sítio ou noutro sítio vizinho, Sítio Cavunga, gastam dez horas por dia para poderem estudar. Quatro horas em sala, e, seis horas na estrada, ora indo para escola, ora voltando. Outra coisa dita pela mãe me chama a atenção, pois pude comprovar durante o trajeto que fizemos para chegar ali é que eles se preocupam uns com os outros, se ajudam, mais do que podemos perceber nas atitudes dos alunos da área urbana. Talvez desconheçam o que alteridade, mas é isso que eles praticam.

Esses foram meus últimos pensamentos naquela noite, deitada numa cama estranha, sobre um teto acolhedor. Dormir fora de casa, não foi nada difícil para quem teve um dia como eu.

Assim como dormem cedo, cedo se acordam os campesinos. Acordei com o cheiro do café no fogo a lenha. E, a partir desse momento, **as fotografias** passarão a ocupar seu espaço para revelar o que a escuridão da noite anterior escondeu. No total serão três painéis que mostrarão o dia a dia dos meus alunos e suas famílias, a beleza do lugar e o árduo percurso que eles fazem durante os 200 dias letivos a caminho da escola.

Painel 10 – Sítio Gereba



Fonte: fotos feitas pelos alunos

Esse painel mostra na primeira coluna as casas onde residem os alunos e o avô de um deles: a primeira, a de Daryana, a segunda, de Adelta, a terceira, de Rike e a última meio encoberta por árvores é do avô de Daryana. A primeira e terceira são de taipa, a segunda e a quarta de alvenaria. Na coluna do meio Daryana é fotografada jogando terra nos pés de milho. Abaixo um “caçuar”, espécie de cargueiro que fica disposto sobre cambitos na cangalha do animal estava sendo reutilizado para cultivar coentro.

Outro cantinho fotografado foi a bica. Ali é o lugar onde se lava os pratos, as roupas e se toma banho. E como podem vê não há nenhuma proteção para isolá-la, ou seja, o lugar não oferece nenhuma privacidade. Sendo assim as pessoas tomam banho com as roupas. O sítio pertence ao avô da Daryana, figura típica do nordeste, seu chapéu de coro, suas roupas revelam isso. Nas outras fotos aparecem a casa de farinha, o bananal, e um paredão de pedra.

Recorro ao meu diário para complementar a análise por meio de minhas anotações o que as ausências revelam. Esses alunos ao contrário do sítio em que tivemos anteriormente pouco ou quase nada revelam sobre o interior das suas casas. Só observo isso, agora, não vemos as casas por dentro, sala, cozinha, quartos, nada disso aparece. Nas casas onde estivemos da mesma forma que no sítio anterior me dispus a conversar com as famílias enquanto eles de posse das máquinas digitais faziam as imagens dos lugares.

Posso apenas dizer que na casa onde pernoitei, a ausência de fotos revelam a ausência de quase tudo: mesa, sofá, geladeira, fogão a gás, utensílios de cozinha. Acredito que nas outras casas a diferença não era muita.

Registro ainda após conversar com o avô de Daryana que os pais dela são os únicos que trabalham para ele na terra, os outros filhos foram embora. Ele lamentava esse fato ao passo que inflava o peito orgulhoso e apontava para uma extensão de terra que meus olhos não davam conta para dizer que tudo que possuía, incluindo algumas casinhas de aluguel na cidade, era fruto daquela terra. Lamentava ainda não ter mais o viço da mocidade para trabalhar como antes.

O que as fotos não revelam também é que mesmo ali naquele lugar tão distante do centro da cidade e naquelas casinhas simples há energia elétrica e um objeto se faz presente: a televisão. Não revelam ainda que tudo que é cultivado ali: o coentro, a macaxeira, a banana, a pitomba, o caqui, a jaca é levado para a feira livre da cidade para garantir o sustento das famílias. E, que numa época específica do ano os moradores recolhem o mel das abelhas no paredão de pedra que aparece no painel de fotos e garantem uma renda extra.

O mês de junho de 2014 vai ficar registrado em fotos e na minha memória por toda a minha vida. O painel que segue revelará todo o trajeto que percorremos na escuridão da noite, agora de dia.

Painel 11 - A caminho da escola



Fonte: Fotos feitas pela pesquisadora e / ou alunos

Esse painel é composto por dezesseis fotografias divididas em quatro colunas. Na primeira aparecem os alunos de costas segurando livros, com bolsas nas costas e/ou mochilas nas mãos marcando a saída de casa 9h 15min da manhã. Nas outras duas fotos que seguem eles avançam pela estrada. No entanto, na penúltima percebe-se que a foto está distante e o número de alunos diminuiu. Isso significa que alguns ficaram para trás. Na última foto dessa coluna os alunos que seguiam na frente estão parados debaixo de uma árvore. Eles estão descansando um pouco e ao mesmo tempo esperando os que ficaram para trás.

Na segunda coluna aparece uma casa. Havíamos parado lá na noite anterior, é a casa da D. Germana. Lá os alunos costumam parar um pouco para tomar água e às vezes comprar uma cocada. A outra foto mostra uma nova porteira. A partir daí eles sobem por um cercado, cheio de gado, como mostra a última fotografia dessa coluna.

A primeira fotografia da terceira coluna mostra-os colhendo goiabas. Eles saem muito cedo de casa e é comum, segundo eles, colherem frutas pelo caminho para aplacar a fome. A caminhada dá sede e a foto seguinte mostra uma parada para tomar água. Há ali uma fonte de água escondida entre a vegetação. As outras duas fotos mostram uma descida íngreme com uma cratera que durante o dia é fácil transpor, já à noite...

Na última coluna a primeira fotografia dá continuidade à caminhada. Já na segunda é capturado um momento bem significativo. Um riacho corta a estrada por onde eles passam. Ali eles param, lavam os pés. As meninas arrumam os cabelos, colocam a maquiagem, batem a poeira da roupa. Na aparência nada daquela velha imagem do “matuto”, não há diferença no jeito de se arrumar, de se vestir dos jovens urbanos. Olhando-os ninguém imagina as dificuldades que eles enfrentam todos os dias para estudar.

As fotos fazem mais do que redefinir a natureza da experiência comum (gente, coisas, fatos, tudo o que vemos – embora de forma diferente e, não raro, desatenta – com a visão natural) e acrescentar uma vasta quantidade de materiais que nunca chegamos a ver. A realidade como tal é redefinida – como uma peça para exposição, como um registro para ser examinado, como um alvo para ser vigiado²⁰(SONTANG, 2006, p. 219-220).

Quando Sontag diz que as fotos redefinem, penso nos alunos parando a beira do riacho e redefinindo o cabelo, colocando a maquiagem, tirando a poeira dos pés. Ao fazerem isso eles também estão se redefinindo. Transitando entre o campo e a área urbana eles se

²⁰ Las fotografías no se limitan a redefinir la materia de la experiencia ordinaria (personas, cosas, acontecimientos, todo lo que vemos – si bien de otro modo, a menudo inadvertidamente – con la visión natural) y añadir ingentes cantidades de material nunca vemos en absoluto. Se redefine la realidad misma: como artículo de exposición, como dato para el estudio, como objetivo de vigilancia.

adequam entre um ambiente e outro, isso é o que consideramos, hoje, de fluidez de identidade.

Painel 12– As belezas de Gereba



Fonte: fotos feitas pela professora

“Desejei reter a beleza que surgia à minha frente, e por fim o desejo foi satisfeito.”²¹
 – Julia Margaret Cameron (SONTAG, 2006, p. 256). A autora diz que deseja reter a beleza que surgia a sua frente, e por fim o desejo foi satisfeito. Posso dizer o mesmo, pois retive a beleza de Gereba nas fotografias que compõem esse painel. Os trechos do **diário da Professora e da aluna**, respectivamente, reforçam as sensações de estar naquele lugar.

“Enfim, as imagens podem dizer tudo e muito mais, pois às vezes as palavras faltam, ou são insuficientes, ou mesmo o léxico não daria conta de tantos detalhes que podem carregar uma imagem”.

Trecho do diário da professora

“Pode ser longe, mas vale apenas cada esforço, embora andar a pé seja sacrifício, chegando lá você pode dizer: nossa, que paraíso”!

Trecho do diário de Daryana

Recorro ainda a outro trecho do **diário da professora** como reflexão a título de encerramento dessa parte.

²¹ Añoraba atrapar toda la belleza que me pasara por delante y, a larga, creo haber satisfecho tal anhelo.

Quanto aos alunos, agora, não consigo vê-los apenas nas suas carteiras enfileirados na sala de aula, consigo ultrapassar a barreira das paredes e imaginá-los fazendo o mesmo percurso que fizemos juntos, vendo a paisagem que vi com eles, sentindo a sensação do vento batendo na pele, ou o suor escorrendo pelo rosto, costas, caminhando para pegar o ônibus; ou ainda a lama no inverno, o capim e o mato roçando suas pernas, molhando-as e o cheiro do mato verde sendo pisoteado.

Mais ainda, consigo imaginá-los já na penumbra por aqueles caminhos onde a natureza que se oculta nos raios do sol, sai da toca com sua diversidade de vozes ecoando agora na escuridão.

E, vejo também, seus pais todos a olharem seus relógios e/ou acompanhando a hora anunciada no rádio que continua ligado, com seus corações inquietos, aflitos, esperando o retorno dos filhos queridos que mais um dia saíram para a escola para buscar conhecimento, para continuar escrevendo suas histórias.

Com certeza, desejando que cada um tenha mais êxito do que eles tiveram na vida, uma vez que, estão tendo mais oportunidade. Vejo-os torcendo para que não esqueçam nunca, o sentimento de aconchego que encontram todas às vezes que retornam para suas casas, seus lares, suas famílias.

Sinto orgulho e respeito pela força que emana de cada um deles, por vencer o cansaço diário e pela perseverança de continuar enquanto tantos que residem na cidade pouco se importam de ir à escola.

Trecho do diário da professora

Durante muitos anos como professora dessa instituição, para ser exata 15 anos, e sabendo que boa parte dos alunos do turno vespertino são do campo, nunca me ocorreu fazer com que eles, de fato, apresentassem algumas de suas facetas.

Ao descobrir parte de quem eles são, de onde vêm, numa experiência ímpar de ir até onde eles moram, percebo que a escola “as pessoas simples do campo, tornam-se sujeitos culturais celebrando sua memória ao resgatar a identidade por meio da educação” (NASCIMENTO, 2002, p. 455). E, percebo que ainda a política pedagógica do município e, por consequência, da escola são concepções provenientes do mundo urbano, muitas vezes sem muita utilidade aos interesses do homem do campo.

Seguindo o percurso das visitas, passo agora a apresentar e discutir os dados colhidos nos outros dois bairros.

3.3.4 Bairros: Conjunto Residencial Armando Lyra e Centro

Iniciamos as visitas aos bairros uma semana após o término das visitas aos sítios. O grupo organizado para essa etapa da sequência didática foi formado pelos alunos: Cristiane, Neyla, Izane, Anne, Ângela, Germana, Diego, Jack, Maycon e Anderson. Nesse grupo de dez componentes cinco residem no Centro e cinco no Conjunto Armando Lyra. Durante as visitas

três deles não apareceram, dois justificaram a ausência posteriormente e o que não apareceu obteve informação da secretaria da escola que foi transferido para outra cidade.

3.3.4.1 Conjunto Residencial Armando Lyra

O painel a seguir mostra a principal rua do bairro em pontos diferentes.

Painel 13 - Conjunto Residencial Armando Lyra



Fonte <www.facebook.com/713985418660773/photos/a.716135605112421.1073741828.713985418660773/922018311190815/?type=1&theater>

O Conjunto Residencial Armando Lyra fica situado às margens da BR 104, aproximadamente há 3 km do centro da Cidade de São José da Laje – Al (apelidada de Princesa das Fronteiras). O bairro faz parte do Programa Reconstrução – promovido pelo Governo Federal – para beneficiar as pessoas que foram alcançadas pelas enchentes de 2010 que chegou a atingir na época 19 municípios alagoanos.

Ele possui mil e seis casas de acordo com a Secretaria de Assistência Social e do Centro Especializado de Assistência Social (CREAS) e abriga mais de três mil famílias. Nesse conjunto residem cinco dos meus alunos. Então, de acordo com o cronograma da sequência didática, combinamos a visita no bairro, em suas casas, a fim de continuar a identificar através dos eventos de letramento visual o ambiente onde residem e circulam para compor o quadro da turma ilustrando seu modo de ser e viver.

Seguindo as orientações de Nanini (2007), analiso as figuras que compõem os painéis. As fotografias assumem mais uma vez o seu papel de destaque na sequência didática, pois é por meio delas que esses espaços também serão revelados. Esses eventos de letramento visual revelam mais que o bairro, casa, família, lugar de lazer.

Para descortinar essas revelações continuarei a fazer uso dos depoimentos dos pais gravados em áudio e dos próprios alunos como elementos da pesquisa etnográfica para verificar ao final se **o trabalho com os multiletramentos pode auxiliar na construção da identidade dos alunos do 8º ano C do ensino fundamental de acordo com o projeto de escola alinhado aos PCN.**

Os painéis que seguem são resultados das atividades propostas da sequência didática, e representam cada uma das famílias visitadas no Conjunto Armando Lyra. Cada uma das fotografias ali devidamente escolhidas deixa “rastros do que quer que as tenha emitido e são realidades materiais por si mesmas”, como afirma Sontag (2006, p. 251).

[...]Mas a força das imagens fotográficas provém de serem elas realidades materiais por si mesmas, depósitos fartamente informativos deixados no rastro do que quer que as tenha emitido, meios poderosos de tomar o lugar da realidade – ao transformar a realidade numa sombra.²²

PAINEL 14 – Família da aluna Germana



Fonte: fotografias feitas pelos alunos

²² La fuerza de las imágenes fotográficas proviene de que son realidades materiales por derecho propio, depósitos ricamente informativos flotando en la estela de lo que emitió, medios poderosos para poner en jaque a la realidad, para transformarla en una sombra

Nesse painel em destaque está a foto da Germana com o pai. Quando chegamos à sua casa ele estava sentado sem camisa e sem o chapéu numa cadeira de balanço ouvindo o canto dos pássaros. Conversamos enquanto a família fotografava a casa. Essa foto, em especial, foi a última a ser feita. Para fazer a foto ele pediu a camisa e o boné e colocou a mão sobre o ombro da filha, que poderia ter abraçado o pai, mas ela sorri timidamente, estica os braços para frente para que uma mão segure a outra como que não estivesse acostumada com o contato carinhoso do pai.

Percebo que mesmo ali, no seu lar ela parece deslocada, pouco a vontade. Na escola não é diferente ela interage muito pouco, foi uma surpresa ela se dispor a participar dessa atividade. As outras fotos que compõe o painel são do quarto dela, das gaiolas dos pássaros do pai penduradas nos caibros da varanda e de plantas e frutas cultivadas no quintal. O hábito de cultivar frutas no quintal dá indícios que a família trás a cultura do homem do campo para o espaço urbano.

O depoimento do pai **gravado em áudio** mostra outras facetas da família que a linguagem fotográfica não pode alcançar.

Depoimento I

[...] perdi minha mulher há um ano e três meses e perdi ela pra “doença perigosa” (câncer) e estivemos casados de 26 a 27 anos. Agora os filhos cuidam uns dos outros e da casa, e eu trabalho no sítio, de onde viemo, Sítio Espalhado, lá foi atingido pela enchente também.

[...] Gosto do bairro, mai preferia o sítio e só moro na cidade porque ganhei a casinha. As coisas violenta que aconteci no bairro eu só sei depois. Eu só ando de casa pro trabaio no sítio. Fiquei em casa hoje porque estou esperando o homem para pagar a prestação.

Meus filhos também não sai não. Só o mai veio. Mai já briguei com ele. Todos estuda e só vão de casa pra escola. Eu também estudei na época do Mobral e não aprendi nada! Só sei fazer conta. [...]

Pai de Germana

Percebe-se nesse trecho que o pai (eu) está deslocado por dois motivos: a perda da mulher e por preferir estar em outro lugar e não ali – crise de identidade.

O sujeito mostra-se então, fragmentado, uma “ruína”, mas pelo contrário nem sempre uma ruína perde sua identidade, pelo contrário, geralmente ela representa um ponto de afirmação de uma história cujo fim é trágico, mas que ainda assim é uma história, a partir da qual pode haver reconstrução (FREITAS& WANKLER, 2012, p. 45).

Este depoimento me fez recordar do diálogo com Zygmunt Bauman (2013) disponível no *You Tube* sobre o mundo pós-moderno: a condição social, onde ele fala do seu livro “Arte da vida” e diz: Há fatores relativamente independentes que dão forma a vida humana: um deles é o destino. Destino é o apelido para todas as coisas sobre as quais não temos influência, é o que acontece conosco, mas não é causado por nós. “Isso é destino”.

Todos no bairro estão ali por esse fator a que apelidamos de destino “a enchente”, esse pai em especial, perdeu a mulher, coisa do destino. O outro fator a que Bauman se refere é o caráter. “O caráter é algo individual, você pode trabalhar em cima do seu caráter, se quiser mudá-lo, melhorá-lo, boa parte dele está sobre o seu controle” afirma ele.

Não é preciso muito para perceber naquele homem simples os vestígios do seu caráter: um pai de família viúvo, honesto, trabalhador. Estar em casa para pagar a prestação é questão de escolha, ficar em casa e/ou sair de casa é questão de escolha, poderia ter delegado a função aos filhos, mas quis ele mesmo cumprir com o que foi apalavrado.

Quando se refere à violência que acontece no bairro, fruto da ação de outros parece não se importar. Querendo ele ou não esse problema tem uma tremenda importância na vida dele e dos seus filhos porque eles fazem parte do bairro. Os filhos precisam ir e vir em segurança e ele, o pai, não consegue durante a noite, quando é mais perigoso, fazer com que todos os filhos fiquem em casa.

Outro ponto que me chamou a atenção foi o fato de ele afirmar ter estudado na época do *MOBRAL* e relatar: “*não aprendi nada!*”. “*Só sei fazer conta*”. O Movimento Brasileiro de Alfabetização, *MOBRAL* se enquadra nas características de letramento autônomo apresentado por Street já evidenciado no capítulo 1.

O material pressupunha uma valorização grafocêntrica; ele (o pai) parece representar a identidade de outras várias vozes identitárias que falam a mesma coisa que ele. Ouso analisar que essas vozes revelam um instrumento de dominação, ou seja, a dominação que acontece por meio da valorização da habilidade de ler e escrever.

Contudo, outro eu, da mesma pessoa afirma “*todos os meus filhos estudam*”, é como se reconhecesse que a escola é um dos lugares que se deve frequentar e isso está sobre o seu controle, como diz Bauman, ao fazer essa escolha algo pode melhorar. Assim há de convir que a escola contribui para a construção da identidade, de forma positiva ou negativa. Enfim, essa é uma família em pleno processo de reconstrução. Primeiro pela enchente que a obrigou a sair do campo para a cidade; segundo pela perda da mãe/esposa.

Painel 15 – Família da aluna Izane

Fonte: fotos feitas pelos alunos

Na primeira coluna a primeira foto é da Izane com a minha câmera fotográfica fazendo o registro fotográfico de sua casa, da rua onde mora. Essa é uma excelente aluna, mas o convívio social é muito restrito na escola. Não é muito de falar de forma espontânea, apenas responde quando solicito sua participação.

No entanto, com a máquina nas mãos ela desatou a falar e a fotografar parecia uma borboleta que havia acabado de sair do casulo. Conforme mostra o painel a casa dela ainda não passou por reforma, enquanto outras no bairro já perderam as características originais do projeto do governo. Outra fotografia mostra o lixo na rua. Outra foto mostra o quarto com brinquedos da sua infância. Outra revela parte da sala, parte da cozinha. Televisão, sofá,

geladeira, cadeira plásticas, tapete são itens que as fotos revelam. Outras fotos importantes foram copiadas pela aluna. Ela na infância numa festa com a mãe, ela e o irmão.

A família possui também uma cultura visual bastante desenvolvida. Contudo, no painel acima ou mesmo nas outras que guardo em arquivo em nenhuma aparece a figura do pai. No depoimento da mãe, professora aposentada, **gravado em áudio** recuperei mais alguns dados dessa família para elucidar as situações que as fotografias não revelaram. Veja:

Depoimento II

Hoje estou um pouco aflita porque o pai da Izane está hospitalizado. Ela não é muito apegada ao pai. Ele teve um AVC, e agora ela está se mostrando muito preocupada com ele. [...]

Estamos morando aqui há seis meses. Minha casa está localizada numa quadra tranquila, a maioria das pessoas daqui são idosas ou aposentadas como eu. Muitas são evangélicas e nunca vi nada de violência. Aqui parece um sítio. Só não gosto do entulho que fica na rua e que demora ser recolhido. Tenho foto de Izane desde a maternidade, o mês a mês do bebê e de outros momentos importantes.

A transformação da Izane em borboleta se deu de forma muito dolorosa, pois foi preciso que o pai passasse por um AVC para que ela pudesse olhar para ele, se importar com ele. Não é natural, mas é comum que os filhos não se relacionem bem mesmo com seus próprios pais. Professores de anos finais do Ensino Fundamental têm mais contato com adolescentes e jovens e sabem, como eu, que é exatamente nessa fase que muitos perdem o controle dos filhos, e quando a família não tem importância para o jovem, complica ainda mais o trabalho de lecionar.

No caso em questão, a filha está preocupada com o pai (outro) “mesmo não sendo apegada a ele”, diz a mãe. Se preocupar, se importar com o outro é alteridade. Não importa como, mas é necessário principalmente no mundo moderno que essa característica se propague e provoque mudanças identitárias.

Já quando a mãe diz *que a quadra onde fica a casa é tranquila, que a maioria das pessoas dali são idosas, aposentadas, muitas são evangélicas e que nunca viu nada de violência ali e que parecia um sítio*. É como se existisse uma comunidade dentro de outra comunidade, tomando por base Hall (1999) acredito que as múltiplas identidades são construídas de forma maleável e dinâmica, dependendo do propósito requerido ao assumir papéis diante de si e do outro.

Painel 16 – Família da aluna Neyla

Fonte: fotos feitas pelos alunos

Esse painel é formado por quatro fotos duas feitas pelos alunos durante a visita e duas do álbum da família copiada pela aluna. A casa, conforme revela a foto, está passando por reforma e faz parte de outra quadra do bairro. Essa é outra aluna bastante tímida na aula e apesar do sorriso aberto, quase não fala comigo e com os colegas. Durante a pesquisa ela se mostrou bastante simpática, e conversou o suficiente.

O painel contém também fotografias suas de outras épocas: na procissão e numa festa junina. A ausência de fotos de outros compartimentos da casa: quarto, sala, cozinha, por exemplo, pode estar relacionado a essa dificuldade de se revelar, quer por meio da linguagem fotográfica quer por meio de outras linguagens. Segue um trecho do depoimento da mãe que acrescentado as fotografias revelam mais sobre essa família.

Depoimento III

Olhe professora, um mês antes da enchente de 2010, tive um sonho, uma premonição, que me alertou para sair do lugar onde a gente morava. Minha antiga casa ficava em cima de uma bueira, professora, meu quintal era o rio. A casa foi alagada várias vezes. Olhe, fiquei inquieta depois do sonho, arrumei minhas coisas aluguei uma casa e a gente foi morar na cidade vizinha.

A enchente levou tudo, não restou absolutamente nada da casa, apenas um pedaço do alicerce no terreno. Agora moro aqui, mas não gosto não, por causa da violência. Não saio pra canto nenhum é perigoso demais sair!

Mãe de Neyla



Lugar da antiga casa de Neyla

O depoimento dessa mãe retoma o que anunciei no início quando apresentei o bairro em tela. O que na verdade atormentava a mãe era a memória das tragédias. “A memória das tragédias pertence aos acontecimentos que, [...], contribuem para definir o campo do memorável. Ela é uma interpretação, uma leitura da história das tragédias”. (CANDAU, 2014, p. 151).

Anterior a esse momento de 2010, a cidade foi vitimada por outra enchente, chamada pela população de “A Grande Enchente” (1969).

Memória dos sofrimentos é memória dolorosa, memória do infortúnio[...] deixa traços compartilhados por muito tempo por aqueles que sofreram ou cujos parentes ou amigos tenham sofrido, modificando profundamente suas personalidades. [...] a identidade historicizada se constrói em boa parte se apoiando sobre a memória das tragédias coletivas (idem).

Assim a sua identidade apoiada nessa memória coletiva que se tornava mais forte pelo fato de residir sob uma bueira conectada ao rio, e as circunstâncias climáticas serviram de termômetro que ela soube ler e usar em seu próprio benefício e por consequência da sua família.

Painel 17 – Família da aluna Cristiane



Fonte: Fotos feitas pelos alunos

Este painel retrata a quarta família que visitamos nesse bairro. A primeira foto mostra a casa ainda na sua estrutura original. Encontramos os pais da Cristiane em casa. Numa das fotos a aluna aparece na sala de casa sentada no sofá tendo o pai de um lado e a mãe do outro. Noutra foto aparece o quarto com duas camas o que indica que além dela há outros filhos que dividem aquele espaço. Ainda na sala ela pousa junto a uma foto antiga ao lado dos irmãos. A aluna fotografava do entorno uma área de lazer – uma quadra.

O depoimento dos pais **gravado em áudio** ajuda a descobrir outros enfoques sobre essa família que pelas fotografias não dá conta de elucidar.

Depoimento IV

Agente morava no Sítio Tatu, perto da Inhumas. Nesse bairro – disse a mãe: existem pessoas de vários lugares: Sítio Velho, Espalhado, Serra Grande etc. A Cristiane é uma filha muito boa e ajuda em casa, faz de tudo.[...]

Eu –disse o pai – trabaio na Usina Serra Grande cortano cana de açúcar. Sou safrista. Trabaio seis meses e depois fico aguardando ser chamado novamente para trabalhar. Enquanto espero a gente vive com o dinheiro do seguro desemprego. Oi professora, estudei até a segunda série porque naquele tempo era muito difícil, meus pais tiveram 14 filhos e eu, sendo o mais velho deles, precisava ajudar a botar comida na mesa.

A mulher estudou um pouco mais até a quarta série. E depois que casamos ele num deixou eu estudar mais – disse ela. Tinha que tumar conta da casa e é assim até hoje. Olhe quando deu a enchente e a gente ficou na barraca de lona, nois voltamos a estudar na escola do Bairro do Tijuca. Ainda tenho vontade de estudar novamente continuou ela. Aqui é bonzinho, mas tem muita violência, agorinha mesmo acabei de escutar na rádio que durante a noite aconteceu um assalto na padaria aqui no bairro.

Pais de Cristiane

O que as fotos não podem revelar, aparecem em parte nesse depoimento dos pais, a dificuldade de emprego, a baixa escolaridade da família, o desejo da mãe de ainda voltar à escola, o sofrimento de morar em casa de lona até que as casas construídas pelo governo fossem entregues; a infância negada do pai, pelo motivo culturalmente aceito.

Enfim, cada painel conta uma história, em vários momentos, expõe a identidade social de cada família, revela detalhes e peculiaridades. Revelam fragmentos de quem elas são, quer por meio dos seus depoimentos, quer por meios das fotografias. No caso específico, as famílias desse bairro têm em comum o motivo que as levou para aquela nova localização geográfica. Recomeçar de novo é o que aquela comunidade está fazendo, construindo uma nova identidade, entendida aqui como um processo que perpassa por mudanças, rupturas, adaptações e reinvenções que permitem a continuidade do indivíduo, do grupo e da própria sociedade.

Encerro esse momento de visitas a esse bairro com o **depoimento das alunas gravado em áudio**, que confirmam esse processo de ruptura, de adaptações, de reinvenções. Mas também histórias de vida e até sentimentos que dificilmente teria acesso se estivesse entre quatro paredes entre carteiras enfileiradas, usando quadro e giz.

Depoimentos das Alunas

(A1)“Agente costumava brincar na quadra do bairro, mas nossos pais temerosos proibiram. Uma cabeça degolada foi encontrada por crianças no centro da quadra. Próximo dali, mortes a tiro, facas, assaltos à mão armada estavam se tornando rotina no bairro. Alguns “maloqueiros” chegavam a usar alguns pivetes para repassar a droga”;

(A2) “Antes de vir morar nesse bairro ficamos um ano nas barracas de lona. Eram seis pessoas na barraca. Foi muito difícil. O calor era escaldante e muitos adoeceram.”

(A3)“Preferia a casa antiga, todos meus amigos ficaram para trás, também ficou distante da casa da minha avó e de meus tios e tias. Estou me sentindo sozinha, na rua só tem “pirralho” e “uma menina especial de onze anos com mente de criança.”

(A4) “Minha mãe sofre muito com o marido dela e só vive com ele porque ele que faz a feira”.

[...] Histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidações de determinadas questões e funcionam também como provas (QUEIROZ *apud* FREITAS, 2002. p. 26).

As histórias narradas pelas famílias são documentos cabais como quaisquer outros, afirmam os autores acima, que retratam a vida dos meus alunos e o contexto social no qual estão inseridos. Seguindo a ordem das visitas, passo agora a apresentar e discutir os dados coletados no último bairro que visitamos.

3.3.4.2 Bairro Centro

Estudos sobre a vida diária, sobre o homem comum e suas práticas, desenvolvidas em vários campos do conhecimento e, mais recentemente, pelos estudos culturais, introduziram no campo do currículo a preocupação de estabelecer conexões entre a realidade cotidiana dos alunos e os conteúdos curriculares (BRASIL, 2013, p. 116).

Dentre tantas casas que visitei e famílias que conheci, durante a execução da sequência, nenhuma havia me deixado tensa. Visitar a família da aluna Anne, em especial foi um desafio e vou explicar o motivo.

O primeiro dia de aula foi numa segunda, mas só conheci a aluna cuja casa passou a fazer parte do roteiro de visitas, na terça-feira, ou seja, no segundo dia de aula. Ela estava ausente no dia anterior, e logo depois que entrei na sala naquele dia, tentei identificar rostos novos, lá estava ela e pedi que se apresentasse. Ela sem mais nem menos disse em alto e bom tom: “*que professora chata!*”. Como não podia ignorar retruquei: “*Você me conhece?*”

O ar da sala ficou “pesado”. Todos se ajeitaram nas carteiras percebendo o clima entre mim e ela. Não disse mais nada e continuei a aula. A partir dali ela me interessou. Quem era aquela garota que dizia o que sentia sem nenhum constrangimento? Seu jeito, as palavras que usava, tudo acenava para vulnerabilidade social.

No carnaval daquele ano trabalhei uma sequência didática com o tema: Nem violência simbólica, nem violência alguma: neste carnaval, eu quero é paz! E para minha surpresa os alunos ficaram muito a vontade para falar com quem andavam, o que faziam, que cenas de violência já haviam presenciado. E ela em especial contou para a sala que saía a noite com as irmãs, iam para danceterias e que entrava mesmo sendo de menor, pois as irmãs mentiam sobre a idade dela, 13 anos.

Mas isso não foi o pior do seu depoimento. Disse também que era amiga de uma traficante que todos na cidade conheciam, andavam juntas, e que por pouco não estava com ela quando a meliante foi

assassinada aos 17 anos e, não morreu só naquele dia, outra garota de 12 anos que estava com ela também foi assassinada a tiros.

Ao formamos os grupos de trabalho, essa aluna me disse que seríamos mal recebidos pelo pai dela. Disse ainda que ele era muito ignorante, muito estúpido. Palavras duras que poderiam ter feito com que eu desistisse de visitar a família dela. Mas gritava dentro de mim a necessidade de saber mais sobre ela, sobre sua família. Mantive a minha posição e tranquilizei-a dizendo que estava acostumada a lidar com todo tipo de pessoa, não seria problema ir até lá.

A caminho da casa dela fica a Igreja Católica. Ao nos aproximarmos ela e outra aluna do grupo disseram que nunca haviam entrado na igreja, então, não tive dúvida, fizemos uma parada ali e por sorte encontramos uma senhora que trabalha lá. Aproveitei e me aproximei dela, disse o motivo de estarmos ali. Ela se dispôs a nos mostrar a igreja. Eu não seria capaz de fazê-lo, pois sei muito pouco sobre o catolicismo e não frequento essa igreja em especial, embora me orgulhe da sua beleza – cartão postal da cidade.

Ao sentir a necessidade de refazer esses momentos vividos com essa aluna em especial, rio de mim mesma por perceber agora que me agarrar à ideia de entrar na igreja tão rapidamente, foi talvez uma defesa inconsciente, foi na verdade uma procura por alongar o caminho até a casa da aluna.

Faço aqui uma espécie de *standbay* para dividir por meio das **fotografias** e/ou **registro de áudio** esse momento inusitado, mas muito marcante para meus alunos e para mim, pois aprendemos todos.

Painel 18 – Igreja Matriz de São José da Laje



Fonte: fotos feitas pelos alunos

Esse painel contém 12 fotos. Nele os alunos estão sendo recebidos pela Olga, senhora que trabalha na igreja. Na outra foto, eles estão próximos ao altar belíssimo. Depois, eles aparecem na sala onde ficam os santos, inclusive santos do rococó.

O painel mostra ainda a foto de um sino rachado e parte de pessoas ajoelhadas e tocando o sino com as mãos. Também compõe esse painel, lápides de um homem e de uma mulher sepultados noutro século, o púlpito, uma bancada de mármore onde se nota a ausência de um artefato que esteve ali e a inscrição em latim acima do altar em formato de arco.

Aprender sempre, conhecer a nossa história, descobrir detalhes de uma riqueza que é nossa, que está todos os dias diante dos nossos olhos e com a qual não nos importamos, não valorizamos, faz parte do currículo de todo e qualquer componente curricular, segregamos por pura falta de conhecimento.

É essa a sensação que tenho diante dos rostos perplexos, dos olhares, dos gestos, dos suspiros dos meus alunos ao entrarem na igreja matriz. Preparamos tantas aulas voltadas para tantos assuntos e não nos preocupamos em tratar daquilo que é nosso e do qual deveríamos nos orgulhar.

As escolas devem proporcionar ao aluno condições de desenvolver a capacidade de aprender como quer a Lei nº 9394/96, em seu artigo 32, mas com prazer e gosto, tornando suas atividades atraentes e divertidas. Isso vale tanto para a base comum como a parte diversificada. Esta última, por estar voltada para aspectos e interesses regionais e locais, pode incluir a abordagem de temas que proporcionem aos estudantes maior compreensão e interesse pela realidade em que vivem (BRASIL, 2013, p. 117).

Foi nesse contexto que o conhecimento nos foi transmitido oralmente, “a transmissão de conhecimentos e informações através das gerações forçava o desenvolvimento da memória e das práticas de narrações que davam sentidos a um tipo de prática de contar” (NAKAMURA; CRIPPA, 2010, p. 80).

Esse momento foi **gravado em vídeo**, mas dados como vídeo, por exemplo, não foram analisados devido à dificuldade de referência para esse tipo de dado etnográfico, no entanto, fiz a transcrição do áudio. O vídeo foi apresentado na sala de aula, e depois foi organizada uma roda de conversa onde os alunos que participaram do momento puderam comentar sobre o que vivenciaram e responder alguns questionamentos dos colegas.

Vale salientar que não há registros escritos na cidade dos relatos orais gravados em áudio apresentados a seguir:

Trecho I

Essa igreja foi fundada em 1922, foi concluída em 1929. Ela levou 7 anos para ficar pronta, quem fundou ela foi o coronel Carlos Lyra e quem concluiu foi a família dele, porque antes da conclusão ele faleceu, então, a mulher e os filhos concluíram a obra que ele começou. Aquele é o papa Francisco (aponta uma fotografia) e esse é o arcebispo (aponta uma segunda foto), agente vai falar bispo e arcebispo, qual é a diferença? O bispo é o responsável pela Diocese arquidiocese, quer dizer o arcebispo pela arquidiocese.

Então, em Maceió a gente tem uma arquidiocese e o Estado tem mais de uma diocese. Tem uma em Maceió, uma em Palmeira dos Índios e outra... Em outro lugar Arapiraca. Temos três dioceses e três bispos no Estado. Esse três bispos têm um chefe é o Arcebispo (aponta a terceira foto), responsável pela igreja em nosso Estado. Aquele é o padre Brás (aponta a quarta fotografia) vocês já devem ter ouvido muito falar, não é do tempo de vocês, mas ele passou aqui 33 anos, nessa igreja.

“Um olhar mais amplo verifica a potencialidade de uma metodologia que conta com a memória como fonte principal de informação, e permite a adoção de abordagens históricas de características diferentes”. (NAKAMURA; CRIPPA, 2010, p. 88).

No trecho evidenciado, a senhora que nos recebeu, por coincidência, fez uso da fotografia como um registro de uma feição familiar, no caso dos padres que passaram pela igreja, ou do bispo, o papa. E a história local começa a tomar forma. Ano de fundação da igreja, quem fundou, o primeiro padre, outros que passaram pela igreja.

Trecho II

Essa aqui é Nossa Senhora das Dores, esse é Bom Jesus dos Passos. Essas imagens, elas têm mais que 100 anos. Eles vieram da outra igreja. A igreja que vocês já ouviram a historinha né? Já ouviram contar da enchente de 69 que levou a igreja de São José. Então elas vieram de lá, essas imagens. E eles são o que chamam de pau oco, ou então imagem do rococó. Eles são... Isso aqui é madeira (levanta a veste da santa). Eles são... ai eles têm as mãozinhas, daqui pra cima ela tem o corpinho (toca na santa para mostrar), mas a estrutura dela é assim (mostra a base de madeira). Ele também (se volta para Bom Jesus) embaixo ele é madeira (levanta a veste do santo).

Aqui têm essas imagens. Essa daqui é Nossa Senhora da Gema. Essa santa quem trouxe foi o primeiro padre que veio pra Laje, chamado padre Xavier. Ela é uma Santa italiana é a santa da devoção dele e ele trouxe pra o município. E, esse é São Carlos.

Essa igreja quando foi construída, ela foi dedicada a São Carlos, mas, ai quando a enchente de 69 levou a igreja de São José, ai São José mudou pra cá e tomou conta da casa, né. Ai passou a ser a Matriz de São José, mas ela foi dedicada a São Carlos.

A referência ao passado está bem marcado pelos verbos no pretérito, a enchente de 1969 é um fato marcante na vida dos lajenses e está sempre vindo à tona. Nesse momento os alunos estão fazendo uma viagem no tempo, vendo obras de arte como as imagens rococó de 100 anos, dos dois santos que escaparam da ‘Grande enchente.’ Segue outro trecho do áudio:

Trecho III

Este aqui é o José. O José é o primeiro sino dessa igreja, vocês podem ler ai, né. Ele veio da França, esse sino. Ai, e o sino é batizado. Assim como vocês foram batizados quando crianças, o sino também antes de ser colocado é batizado.

- E como batiza o sino? Batiza! Ele num tem um nome?! Olha ai o nome. - José. ((rir)) lê a aluna no próprio sino), o padre batiza o sino antes de colocar. O que tem lá em cima, hoje em dia chama-se Gabriel, lá na torre// olha ai, leiam, (os alunos se abaixam para lê no sino) meu nome é José, meu padrinho é o coronel Carlos Lyra, tá vendo? Ele veio da França, vocês vêm ai. Olha lá. Ai ele rachou, quando o sino racha, ele não presta mais. Ele não tem mais aquele som que acorda vocês todos os dias dizendo: vá pra escola. ((risos))

- De que ele é feito? - De uma mistura, tem ferro, tem bronze. É uma mistura de alguns materiais. O que está lá em cima pesa 210 kg.

A sequência didática desenvolvida para esse trabalho se encaixa na perspectiva do letramento ideológico uma vez que extrapola o uso restrito da linguagem verbal, ou seja, considera os aspectos culturais e semióticos. O prefixo multi se faz presente nesse evento e o letramento ideológico uma vez que ocorre na interação do sujeito e o social. O sino é tradição, cultura, é símbolo. Na verdade o sino sofre uma personificação é batizado, têm padrinho e fala ‘vá pra escola’. Essa atividade é um verdadeiro desdobramento de uma leitura multimedial. Outro trecho:

Trecho IV

E agente tem aqui lápides. Vocês sabem o que é isso? Onde vocês vêm isso? (aponta)

- No cemitério. (responde um aluno)

Significa que ai tem ossos de pessoas. Essa parede todinha de um lado ao outro (os alunos olham espantados, uma fecha os olhos e sai de perto) porque as lápides (inaudível) só ficaram essas daí e essas daqui.

- Por que botou os ossos dentro da parede? (pergunta a aluna)

- Porque antigamente na nossa igreja era comum que aquelas famílias mais ricas, mais influentes, quando morria alguém colocava os ossos na igreja, às vezes os ossos de algum padre, de alguma pessoa importante, ai era comum na época guardar os restos mortais na igreja dessa pessoa. Nessa parede ai não tem mais lápide, mas, toda ela, você vê que é bem grossa. Então essa parede ai tem ossos dentro dela. (rir) Gostou não foi? (pergunta rindo).

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplicar-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, [1979], 2003, p. 348).

Esse momento da aula de campo reflete bem essa visão bakhtiniana, pois os alunos participaram inteiros com os olhos, os lábios, as mãos, todo o corpo. As reações foram as mais diversas ao ficarem sabendo que na parede existiam ossos humanos. Tudo isso é resultado da leitura de múltiplas linguagens sentida, vivenciada.

Barros (1997, p. 7) compartilhando com as ideias de Bakhtin, diz que “o dialogismo é a característica essencial da linguagem, princípio constitutivo de todo discurso e espaço interacional entre “eu” e o “tu”, ou o “eu” e o “outro”, pois, nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.”

Painel 19 – Entorno da casa de Anne



Fonte: fotos feitas pelos alunos

As Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica apontam a Língua Portuguesa como componente curricular transdisciplinar, ao afirmar que “o conhecimento próprio da disciplina [...] está para além dela” (BRASIL, 2013, p. 28). Concordo com essa afirmação, pois nessa breve visita a igreja vários episódios da história local foram resgatados.

Dentre eles, ficamos sabendo que o castelinho que aparece no painel 17, que fica ao lado da igreja e no entorno da casa de Anne, tinha antigamente uma placa na porta que dizia: DEUS. Cada letra na verdade representava a inicial dos filhos da família que trabalhava naquele pequeno espaço, que era um ateliê de pintura.

E ainda descobrimos que o nome da igreja foi modificado depois da enchente de 1969 de São Carlos para São José. Além de ver no altar da igreja o lugar onde era guardada uma relíquia (um fragmento de osso de santo) provavelmente de São José que foi recolhida pelo Vaticano (vide foto no painel 18).

Esse resgate é importante à medida que nenhum deles conhecia tantos detalhes, e confesso que nem eu tinha conhecimento de tudo que ouvimos naquela manhã. O fato é que a modernidade líquida afasta os jovens das suas raízes. Retomar esse processo implica fazer com que cada um se perceba, como parte dessa cidade, que não é uma cidadezinha qualquer. Ela tem um nome, têm uma igreja, que é cortada pelo Rio Canhoto, como mostra o painel anterior e tem muitas histórias.

A entrada na igreja não foi planejada, ela simplesmente aconteceu e acrescentou muitos dados a essa pesquisa. Ao sairmos de lá fomos à casa da aluna, que fica próxima a igreja, para conhecer a sua família e o temido pai. Até então, para cada família que visitamos um painel de fotografias foi elaborado. Nesta visita, para assegurar o total anonimato da aluna e da família, optei por não fazer uso dessa ferramenta.

Uso apenas as anotações feitas no **diário do professor**. Ao ler as anotações daquele dia, lembrei de um trecho de uma poesia e permito que ela me tome inteira, fale por mim e comigo e auxilie nas minhas reflexões porque ela me fez associá-la ao que ouvi, vi e senti.

Meus EUs

Eu sou a soma de muitos Eus:
Sou o EU que sou.
Sou o Eu que penso que sou.
Sou o Eu que quero que pensem que eu sou.
Sou o Eu que “eles” pensam que sou.
Sou o Eu que gostaria de ser,
mas sou também o Eu que não gostaria de ser,
Afinal, quem sou eu?

(Maria Lúcia Silva Brito)

Esse pequeno fragmento do eu em negociação representa bem a figura de pai que conheci naquele momento. Chegamos por volta das dez horas na sua residência e ele já estava na mesa da cozinha acabando de almoçar. A filha parou na porta com os colegas e me anunciou de fora. Eu pedi licença e fui entrando, ele estendeu a mão para me cumprimentar. Disse-lhe porque estava ali, ele me pediu para sentar.

Faço um excerto com parte do meu diário naquele dia para recuperar as sensações daquele momento:

Conheci uma figura impressionante. Cabeleira grisalha, abundante e já sem corte, bigode comprido, barba por fazer, estatura mediana, mãos crespas, 78 anos de idade. Disse-me que teve duas famílias. Da primeira saiu uma “ninhada” de 15 filhos e da segunda e atual família, uma “ninhada” de 7 filhos, dos quais, minha aluna é um deles. Acho engraçado o termo usado por ele para se referir a quantidade de filhos, mas é aplicável. Parece de fato uma ninhada. Somando são 22 filhos.

A primeira impressão é que de fato ele é “um casca grossa” como antecipara a filha. Contudo, essa impressão não se sustenta. Com alguns poucos minutos de conversa, aconteceu entre ele e eu uma empatia e passei a querer enxergar melhor a figura diante de mim.

Para puxar conversa disse-lhe que havíamos estado na igreja e que a filha apesar de morar ali, tão próximo não a conhecia. O comentário funcionou, “caiu como uma luva!” Não sei como, mas pareço ter dito a coisa certa. Ele aproveitou o ensejo e desatou a falar: “vê o povo de hoje como é?! Pra missa nunca vai, mas pro fuá vai toda noite!”

Disse sem rodeios da amizade da filha com a jovem que foi assassinada (já mencionada anteriormente) e, que se tivesse acontecido com ela, os urubus podiam comer que ele não ia lá. Até esse ponto da conversa concordava com o que a filha havia dito, se tratava de um pai grosseiro, pois o vocabulário era forte e tom áspero, até pra mim.

Enquanto conversamos na cozinha os meus alunos fotografavam os cômodos da casa, do entorno, não ousaram chegar perto. A filha começou a nos olhar de esguelha e dizia: “meu pai está me detonando”!

Depois o tom de sua voz foi se modificando, e ele percebendo que eu estava atenta começou a falar da sua vida com uma riqueza de detalhe impressionante. Contou como foi abandonado pela primeira família, em que lugares trabalhou, as tentativas frustradas de tentar reorganizar a sua vida. E, por fim como conseguiu formar nova família após muitas frustrações.

Os alunos e a própria filha ficaram curiosos e aos poucos foram se achegando. Parecia que há muito tempo aquele homem não tinha tido oportunidade para falar, conversar com alguém. Parecíamos velhos amigos. Sai de lá encantada com a forma com que ele conseguia resgatar detalhes da sua vida. Ele narrava com maestria, usava diferentes elementos para marcar a passagem do tempo, descrevia o lugar, as pessoas com precisão e riqueza de detalhes. Suspiro e penso nos meus alunos, como gostaria que eles tivessem a mesma habilidade de narrar, de descrever. Para uma pessoa não escolarizada ele faz excelente uso da língua, além de possuir uma memória invejável!

Percebi nele o “eu” de quem a filha falava, mas percebi ali outros “eus”. Cada “eu” é uma versão diferente dele. Um eu antes de ser traído, um eu depois da traição, um eu decadente abandonado também pelos quinze filhos, um eu guerreiro, um eu trabalhador, um eu que recomeçou, que foi pai novamente, um eu atormentado pelo comportamento dos filhos, um eu que ama a família, um eu que não sabe como demonstrar o que sente. Certamente existem outros que não se mostraram.

Ele me pediu para voltar para continuarmos conversando, eu com certeza voltaria lá e ficaria horas ouvindo suas histórias. Acredito até que se gravadas poderiam muitas delas se transformar em contos, crônicas, relatos de memória. Na sala de aula, disse a todos que havia conhecido um homem muito especial que sabia contar muitas histórias com uma riqueza de detalhes invejável e que gostei muito dele.

Na outra semana a aluna, filha daquele senhor, me disse que ficou surpresa porque falei que tinha gostado do pai dela. E você não? Perguntei. A partir daí conversamos que aquela forma ríspida dele não passava de preocupação com ela e com os irmãos. Disse ainda que ela deveria pensar no que estava fazendo a si mesma, que tanto magoava o pai. Ela apenas ouviu e me disse que gostaria que eu conhecesse sua mãe.

Essa reinterpretação das experiências já vividas e das que passa a viver a partir dos espaços de convivências e socialização possibilita ao adolescente a ampliação de sua visão de mundo, na qual se incluem questões de gênero, etnia, origem e possibilidades sociais e a rediscussão de valores que, reinterpretados, passam a construir sua nova identidade (BRASIL, 1998, p. 49).

Você certamente deve lembrar que a Anne, no segundo dia de aula foi hostil comigo, a professora de Língua Portuguesa. Agora conheço outra Anne. Uma Anne que se interessa pela aula, que responde as atividades escritas, que produz textos, que trabalha na refacção desses textos sem confrontar o professor, que contribui com os colegas nas atividades em grupo, que passou a frequentar a escola também no contra turno, uma Anne que mesmo não tendo uma desenvoltura na oralização da leitura chegou a gravar áudio lendo e, ouvindo a própria voz disse-me: “tenho que melhorar, né professora!?” Ou seja, uma Anne que começa a se autoavaliar.

Os espaços de convivência e socialização foram ampliados por meio da sequência didática, e, a partir dessas experiências passei a construir uma nova relação pedagógica com meus alunos. As mudanças que percebo em Anne me faz lembrar uma parábola que a Professora Dra. Inês Matoso levou para nossa aula no Profletras: Estrela-do-mar.

A parábola dizia que certo dia um escritor enquanto andava pela praia encontrou um jovem que recolhia estrelas-do-mar da areia e, uma a uma, lançava de volta ao mar. O escritor espantou-se com aquela atitude porque havia milhares de estrelas espalhadas pela praia e disse ao jovem que era inútil o que ele fazia. Do que adiantava jogar algumas poucas estrelas de volta ao mar se existiam milhares espalhadas praia afora. Mas, o jovem sem se intimidar pegou outra estrela, lançou-a de volta ao mar e disse ao escritor: - “para essa aqui eu fiz a diferença”! É exatamente como esse jovem que me sinto, agora.

Encerra-se aqui, meu percurso de visitas às casas das famílias dos meus alunos. Passo a seguir, a discutir os dados coletados nas entrevistas feitas pelos alunos entre si, e pelos alunos com membros da região urbana do externo escolar.

3.4 Entrevista

As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. “Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes” (ANDRÉ, 2012, p. 28).

É com o intuito referendado por André (2012): aprofundar as questões observadas, usar os documentos para contextualizar o fenômeno e completá-los com outras fontes, que as entrevistas serão nesse capítulo analisadas, buscando responder a questão que justifica essa pesquisa: **Como o trabalho com os multiletramentos pode auxiliar na construção da identidade dos alunos do 8º ano C do ensino fundamental de acordo com o projeto de escola alinhado aos PCN?**

Conforme a sequência didática, exposta no capítulo anterior, os alunos deveriam escolher um tema dentre os propostos. Levei as opções em slide, projetei-as em data show na sala e a partir daí um debate foi travado em relação a que tema escolher e nos argumentos em defesa da escolha. Dentre os temas propostos dois se destacaram: **Eventos marcantes e modos de viver do passado**. Então, após discutir minuciosamente sobre o que trataria um e outro tema, resolvemos fazer uma votação para decidir qual seria o foco da entrevista.

O tema vencedor foi o segundo – **modos de viver do passado** com 35 dos 45 votos dos que estavam presente na sala. Para análise desse instrumento, estarei fazendo sempre uma retomada do plano de ensino, apresentando o contexto da pesquisa e refletindo sobre as respostas.

O passo a passo da sequência didática foi seguido, eles ouviram o áudio com a entrevista que serviria como modelo. Analisaram como aconteceu a formulação das perguntas, e, procurando se espelhar nessa entrevista, formaram os grupos de quatro alunos sob o olhar atento do professor, no caso meu olhar.

E, ao final da aula muitas perguntas tinham sido elaboradas e mais uma negociação teve que acontecer. Quais perguntas seriam usadas? Além, de outras dúvidas que surgiram: quantas entrevistas? Quem entrevistar? Pedi para que pensassem no tema e, a partir dele, que pessoas da comunidade poderiam nos ajudar respondendo às nossas perguntas. Orientei-os ainda que os pais poderiam ajudar nessa indicação.

Na aula seguinte, mais precisamente no outro dia, voltamos a discutir como deveríamos realizar as entrevistas sempre com base em negociações – o que a tornou atraente. Os alunos não tinham nenhuma indicação a fazer, então, lhes disse em quem havia pensado. Então, sugeri que nos organizássemos de duas maneiras: primeiro nós traríamos essa pessoa para ser entrevistada na sala de aula, e, depois eles realizariam duas entrevistas fora da sala de aula.

Falei um pouco da pessoa que seria convidada para ser entrevista embora soubesse que ele seria a pessoa ideal caso o segundo tema tivesse sido escolhido – eventos marcantes.

A pessoa em que havia pensado é um poeta local que tem se dedicado a escrever sobre a nossa pequena cidade.

Sei que ele foi parceiro de outra pessoa que não está mais entre nós e que se destacou no município como historiador e, dessa parceria, muitos textos seu brotaram. Sei ainda que o primeiro tema o agradaria muito mais e, teria sido o que eu, professora, teria escolhido uma vez que o nosso município passou por eventos marcantes que modificaram toda a sua estrutura física, econômica e social: duas grandes enchentes sendo uma em 1969 e outra em 2010.

Mas venceu a segunda proposta e, mesmo assim, mantive o pensamento voltado para essa pessoa, dessa vez por saber que para ser poeta é preciso uma sensibilidade mais aguçada, o jeito de ver as coisas e senti-las é mais apurado. A partir das decisões anteriores, organizamos o roteiro da entrevista para primeira situação. A minha participação se deu apenas na assistência, pois as questões e mesmo a escrita delas, foram feitas pelos alunos em grupos.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. *Boa tarde, gostaríamos de agradecer antecipadamente a sua presença e saber seu nome completo, a sua idade, onde o senhor nasceu?*
2. *Como e quais eram as suas brincadeiras na infância? E, como o senhor vê a diversão das crianças de hoje?*
3. *Quando o senhor era criança como era o relacionamento com seus pais? Era muito diferente dos relacionamentos de agora? Isso é bom ou ruim?*
4. *O senhor frequentou a escola? Se sim, como era a escola na sua época de estudante?*
5. *Gostaríamos de saber como era o jeito de namorar antigamente? O que mudou para o jeito de namorar hoje? O que o senhor sente em relação a isso?*
6. *O que o senhor fazia para se divertir? Quais eram os lugares que existiam na nossa cidade para diversão? Como eram festejadas as datas especiais?*
7. *A cidade sofreu muita transformação? Como era o comércio? Como era a feira livre? Como era o jeito de cultivar a terra? E, como o senhor se sente com essas mudanças?*
8. *Ficamos muito orgulhosos de saber que o senhor é um poeta local. Do que fala seus poemas?*
9. *Qual o momento mais marcante de sua vida? Que mensagem o senhor deixaria para nós adolescentes diante de tudo que já viveu?*
10. *Para terminar seria possível nos apresentar um de seus poemas?*

Esse roteiro da entrevista pode permitir que a classifiquemos em não estruturada e conforme afirma Silva; Godoy, Bandeira-de-Mello (2010, p. 347) apud (Laville; Dione, 1999, p. 188-190) a entrevista não estruturada é aquela em que se deixa ao entrevistado a decisão pela forma de construir uma resposta.

Porém, hoje, percebo que não só a entrevista tem essa característica de não estruturada ou semiestruturada, mais toda a sequência didática. E o grande diferencial é que o professor não tem o controle total sobre ele. Os alunos são corresponsáveis pelas etapas subsequentes, eles que decidem para onde devem seguir. É essa forma de trabalho que soa diferente, geralmente temos o controle de tudo em sala de aula, mas a participação nas decisões permite comprometimento e mais participação nas aulas.

Fui fazer uma visita à pessoa que tinha em mente para ser entrevistada e efetivar o convite. É uma pessoa simples, encantadora, com uma memória invejável. A sua casa é uma residência humilde, e o cantinho que é exclusivo para estudo é admirável, mostrou-me tudo e fiquei encantada pela organização daquele pequeno espaço. Todos os seus livros de estudo, suas produções, as lembranças de eventos, as fotos, tudo está lá catalogado naquele “pequeno cubículo” como ele chama.

Ele ficou muito contente com o convite embora o tema não fosse sua especialidade, conforme previ, e disse-me ainda que estava com problema de audição fato que o havia afastado de sua vida social. Estava aguardando o aparelho auditivo, mas abriria uma exceção e iria. Agradei, mas a minha preocupação aumentou. No dia da entrevista, fui à escola pela manhã e vi com a diretora a possibilidade de uma caixa de som e microfone. Ela se dispôs a arrumar.

Na sala preveni os alunos do seu problema de audição, e nos organizamos para o momento. Caixa de som, microfone, alunos prontos para fazerem a entrevista e a expectativa. E chega o nosso convidado, próximo ao quadro, em semicírculo, sentados estavam os alunos que fariam as perguntas (entrevistadores), no centro deles uma cadeira previamente preparada para o entrevistado, que não sentou optou por ficar de pé. De início começaram os problemas o microfone não era bom e o som estava ruim, (*meu Deus vai ser um desastre pensei!*).

No entanto, não vou esquecer esse dia. Os alunos cooperavam e apesar do som ruim e do problema em ouvir do nosso entrevistado que fazia com que a cada pergunta feita pelo aluno eu tivesse que repetir pausadamente junto a ele a entrevista nos rendeu fortes emoções. Uma aula se passou rapidamente e ninguém queria que terminasse.

Segundo Silva; Godoy; Bandeira-de-Mello (2010, p. 363), “o próprio momento da interpretação tem que se incluir na dimensão reflexiva”. A interpretação “começará” já durante a própria entrevista, espontaneamente – é preciso estar advertido para o fato de guardar-se para o momento de análise.

Muito difícil à relação entre professor e pesquisador quando ambos são a mesma pessoa. Acredito que muita coisa seria dito de outra maneira se visto com outros olhos. Além

de ser muito penoso quando realizado individualmente pelo acúmulo de dados e o tempo que deverá ser dedicação ao trabalho, necessariamente maior.

Assim para seguir os preceitos da linguística pragmática que estuda a linguagem no contexto de seu uso na comunicação, no nosso caso entrevistador(es) – alunos e o entrevistado – o poeta. É de extrema importância que façamos a recuperação da entrevista. Esse é um momento crucial para a análise.

A análise muito ganharia por uma aproximação à análise pragmática da linguagem, e a razão principal a favor disso é que a entrevista não estruturada ou semiestruturada realmente é uma forma especial de conversação. Em tal interação linguística, não é possível ignorar o efeito da presença e das situações criadas por duas partes (o “entrevistador”) sobre a expressão do outro (o “entrevistado”) (SILVA; GODOY; BANDEIRA-DE-MELLO, 2010, p. 349).

Pretendia fazê-lo junto com os alunos, porém a qualidade do som não permitiu que recuperássemos na sala, então recuperei eu mesma a entrevista. Para tal, procurei considerar as orientações de (OLSON, 1997, 107-130; KOCH, 1998, p. 68-70; 137-139) *apud* Silva; Godoy; Bandeira-de-Mello (2010, p. 363) que adverte que a transcrição de entrevista é um momento perigoso, devido à diferença fundamental da linguagem oral e escrita e para reduzir os riscos, uma vez que a pragmática tem convenções próprias é recomendável que se faça com o auxílio da gravação oral.

Para analisar a entrevista, não existe uma receita pronta, mas, há autores, como os já citados que dão a dica de como fazer, nas quais me espelharei:

A primeira “demão” de leitura e audiência do texto é dirigida a observar como se desenrolou o contexto pragmático do diálogo, como responder à pergunta: o que aconteceu ali entra aquelas duas (ou mais) pessoas; ou o que foi acontecendo ao longo da entrevista? Como o assunto foi se desenvolvendo? Onde parece ter se ocorrido “ponto altos” e momentos de “ausência”? [...] **A segunda demão de leitura e audiência do texto é dirigida a observar, pergunta-resposta a pergunta-resposta, os fatos do texto pragmático-semântico.** Como a responder três perguntas básicas: A primeira sobre *o significado nuclear da resposta*. “O, que, então ele (ela) teria respondido e que fatos de linguagem (expressões orais ou não, poderiam deixar isso evidente?). A segunda sobre *os significados incidentes* que não surgiram na linha direta de resposta à pergunta, mas são relevantes para os objetivos da pesquisa. “Que mais posso colher de importante ou revelador nessa resposta”? [...] E, por fim **da terceira, sobre as suposições implícitas a respeito do contexto** (organização técnico, cultural, econômico, estratégico, etc.) relevante ao tópico”. [...]. (SILVA; GODOY; BANDEIRA-DE-MELLO, 2010, p. 367-368). Grifo meu.

A entrevista abaixo é a recuperação da entrevista oral gravada e está transcrita como tal a fim de facilitar as análises que estão por vir.

ENTREVISTA

1. Boa Tarde, gostaríamos de agradecer antecipadamente a sua presença e saber seu nome completo, a sua idade, onde o senhor nasceu?

Boa tarde, sou Waldemar Matias Pereira nasci no Sítio Tatu da Inhumas, vou completar 80 anos, um bocado de janeiro.

2. Como e quais eram as suas brincadeiras na infância? E, como o senhor vê a diversão das crianças de hoje?

Brincadeiras de grilo, cabra cega, palhaço.

3. Quando o senhor era criança como era o relacionamento com seus pais? Era muito diferente dos relacionamentos de agora? Isso é bom ou ruim?

Perdi a mamãe querida aos 4 anos de idade, fui criado com madrasta. Ela me ensinou um pouco de educação. Perdi meu pai aos 14 anos e fiquei jogado na rua. O meu destino foi ganhar o mundo. No mundo aprendi a ser homem, quando a gente quer ser homem não se dedica a nada de errado na vida, a roubo, a droga. A gente procura trabalhar para manter a subsistência.

Servi o exército, depois fui trabalhar na Santa Casa de Misericórdia em Maceió e fiquei lá por 6 anos. Morei 5 anos no Rio de Janeiro, morei no Rio Grande do Sul, morei no Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia, e voltei pra minha terra. Aqui é meu lugar, meu chão!

4. O senhor frequentou a escola? Se sim, como era a escola na sua época de estudante?

Vocês vão me perdoar porque vou dar uma cacetada na educação de hoje! É necessário que agente explique como agente pode estudar, como a gente aprende a ser educado. Hoje, quando a professora reclama com o aluno, ele faz logo cara feia e baixa logo uma vontade de dar a cara dela, não é verdade?

Era diferente, eu fui pra escola aos 11 anos de idade, na época era cartilha do ABC, o primeiro livro do ano, o segundo livro do ano, até o quarto ano.

Quando a gente errava na sala, a professora chamava e dizia: “Você vai levar dois bolos na mão!” Se você errasse outra vez ia ficar afastado por um dia, mas primeiro tinha que levar seu pai ou sua mãe pra falar com a professora pra saber o porquê de você está afastado da sala de aula. E você era obrigado a levar um bilhetinho para a mamãe ou o papai para ele saber por que você estava afastado da sala.

Agente tinha aula de Português, Matemática, Manuscrito. Estudei até a 4ª série do ensino fundamental, o mundo foi que me ensinou a viver, me ensinou a ler, me ensinou a estudar, me ensinou tudo... O mundo abaixo de Deus, nada mais!

5. Gostaríamos de saber como era o jeito de namorar antigamente? O que mudou para o jeito de namorar hoje? O que o senhor sente em relação a isso?

Nosso namoro de antigamente era muito diferente. Primeiro agente passava, olhava pra moça e piscava. Se ela desse um sinal... Eu pensava (“Aquela garota me quer!”). Quatro dias depois, passava novamente, piscava o olho, se ela desse o sinal eu perguntava: “- Quer namorar comigo?”

Será que o namoro de hoje em dia dá alguma satisfação, engrandecimento pra juventude? O que é que um garoto de 12 anos, uma garota de 12 anos que ainda estão se situando na vida, muitas vezes a moça tem 14 anos a mãe manda fazer um café: - Eu sei nãooooo!! Não sabe preparar um almoço... Mas, sabe namorar, ter filho. Será que este filho vai ter um carinho de mãe, um carinho de pai? Jamais! Jamais!

6. O que o senhor fazia para se divertir? Quais eram os lugares que existiam na nossa cidade para diversão? Como eram festejadas as datas especiais?

Nossa cidade era o berço da educação, terra dos doutores. A elite ia para o Clube Gente Nossa. O carnaval, o São João era um dos melhores do Nordeste. Vinha gente de toda parte: Recife, Salvador, Caruaru. Desfile! Não era pra faltar um aluno em 7 de setembro. Bumba meu boi, ciranda, coco de roda e ainda tinha maracatu.

São José da Laje, por incrível que pareça, foi a primeira cidade do Brasil que mandou estudante para o exterior: Austrália, Inglaterra e Alemanha.

7. A cidade sofreu muita transformação? Como era o comércio? Como era a feira livre? Como era o jeito de cultivar a terra? E, como o senhor se sente com essas mudanças?

São José da laje não é mais a Princesa das Fronteiras. Eu vou pedir desculpas pois pra

mim, São José da laje se chama a Princesa da Nojeira, hoje. Aliás, de 30 anos pra cá... São José da Laje já foi a Princesa das Fronteiras, terra dos doutores. Nenhuma cidade como a Laje teve condições de formar médicos, advogados, agrônomos, todo tipo. Só essa terrinha aqui, só esse chão brasileiro. Por isso, tenho a honra de dizer: eu sou lajense... eu sou lajense... pouco importa se tem algum defeito. Nossa Laje começou no Sítio Laje do Canhoto que foi comprado no dia 26 de janeiro de 1810 e sua escritura foi passada no cartório da Vila de Atalaia pelo tabelião Costa Agra. A primeira escola foi inaugurada em 1835.

8. Ficamos muito orgulhosos de saber que o senhor é um poeta local. Do que fala seus poemas?

É importante essa pergunta. Eu tenho um cubículo bem pequenininho assim, deste tamanho assim, deste tamanho assim. Mas, nesse cubículo que eu tenho tem 568 livros pra mim estudar. Então, daí eu estudo. Eu tenho um computadorzinho encostado, quando eu não estou escrevendo, tô passando a limpo minhas poesias. Hoje, tenho 3110 poesias, 57 cordéis, várias histórias do município. A vantagem de ser poeta é querer. A poesia só depende de você. É você se concentrar e botar o pensamento no que você quer escrever... Tanto faz a poesia lírica ou o cordel. A poesia em cordel é mais fácil, é rimada. Ela é bonita porque tem rima e assim por diante, é só você querer ser.

9. Qual o momento mais marcante de sua vida? Que mensagem o senhor deixaria para nós adolescentes diante de tudo que viveu?

O recado que eu deixo pra vocês é Deus acima de tudo. Na terra nada vale nada, só Deus.

10. Para terminar seria possível nos apresentar um de seus poemas?(Ele se vira procura na bolsa que trouxe consigo e pega o poema abaixo. Julgo que já veio previamente selecionado uma vez que ele já conhecia o tema da entrevista, e o poema de sua autoria falar exatamente sobre essa temática).

Era Terço Todo Dia

Vivo a vida sonhando
Com os velhos tempos passados,
De algumas coisas remotas,
Que no cérebro tenho guardado,
Tantas coisas faz lembrar,
Aqueles tempos atrasados.

Não existia geladeira,
Guarda roupa nem fogão,
Cama nem ferro elétrico,
Rádio nem televisão,
Sofá e nem cadeira,
Pobre sentava no chão.

Carro não existia,
O transporte era cavalo,
O pobre vinha pra feira,
Com os pés cheios de calo,
As mulheres vestiam fustão,
Daqueles paninhos ralos.

Os homens vestiam amescla,
Póiva com farinha ou azulão,
Arranca touco ou aricubáca,
Criança usava timão,
Também não se vendia nada,
Fatura era de montão.

A luz era candeeiro

Ou mingola de algodão,
As panelas eram de barro,
Não tinha alumínio não,
Os pratos eram de estanho,
Pra gente comer feijão.

Quando cheguei calçar um sapato,
Eu já era rapagão,
O povo andavam descalço,
Vivendo de pés no chão,
Quando eu comprei o primeiro sapato
Serviu de admiração.

Os pobres sofriam muito,
Com as costas encalçadas,
Trabalhavam os sete dias,
Na foice ou na enxada,
Puxando cobras para os pés,
Era uma vida amargurada.

Chegava o mês de Maio,
Nossa vida era rezar,
Era o santo mês de Maria,
Pra gente comemorar,
Era terço todo dia,
E a gente estava lá.

Era quando o povo acreditavam em Deus,
O nosso pai verdadeiro,
Era quando existia respeito,
Para o povo Brasileiro,
Só que a censura se acabou,
Hoje é bagunça no mundo inteiro.

14 de janeiro de 2008 (poeta lajense)

(Durante a leitura do poema ele vai fazendo algumas considerações que voltarei a ouvir no áudio quando necessário for para fazer ajudar a análise)

3.4.1 Análise da entrevista 1

A entrevista, em história oral, é a manifestação do que se convencionou chamar de “documentação oral”, ou seja, “suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim”. (MEIHY, 2007, p. 14 *apud* NAKAMURA; CRIPPA, 2010, p. 84).

“A etapa de análise consiste em encontrar um sentido para os dados coletados e em demonstrar como eles respondem ao problema de pesquisa que o pesquisador formulou progressivamente” (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008, p. 133). Dito isso, os dados só se tornam dados quando perpetram sentido para responder as questões escolhidas para o estudo. Antes disso, os dados são apenas um aglomerado de informações em forma de texto, imagens

e cores organizadas pelo pesquisador que simulam uma biblioteca cheia de livros que nunca foram lidos.

Ao levar para a sala de aula uma entrevista gravada em áudio e a partir do exemplo organizar uma entrevista e, mais que isso, reconstruir os bastidores, ou seja, tudo que antecede a entrevista como: a escolha do tema da entrevista, o entrevistado que poderia falar sobre o assunto, organizar as perguntas em forma de roteiro escrito, debatermos sobre a postura do entrevistador durante o momento que a entrevista se realiza.

Ao falarmos nesses aspectos estávamos, na verdade trabalhando o gênero “entrevista”. Embora, o intuito dessa pesquisa não seja ater-se às questões específicas dos gêneros discursivos, não é possível considerar as aulas de Língua Portuguesa sem a presença deles.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo efeito da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003 [1952-1953/1979, p. 261]).

O exercício de metalinguagem possibilita, pelo exemplo, o planejamento coletivo de cada detalhe, no caso da elaboração até a execução. Tudo, em sala, girou em torno das características do gênero, tais como linguagem adequada à situação comunicativa, temática, postura, estilo. Em síntese, as orientações dadas contemplaram os elementos constitutivos do gênero: a estrutura composicional, o estilo e o conteúdo temático (BAKHTIN, 2003) de cada uma delas.

Nesse momento, friso que a entrevista, já recuperada acima a partir do áudio, é resultado das interações sociais entre a professora e os alunos. Interação que deve ser compreendida como um processo que avança à medida que as realidades de sala de aula são definidas e redefinidas. A interação, nessa sequência didática, passou a se redefinir através de negociações, decisões coletivas, votações. Inclusive nas escolhas das questões que deveriam conduzir a entrevista e quem seria(m) o(s) (entrevistador(es)).

Segue registro fotográfico da entrevista 1, no espaço de sala de aula.

Painel 20 – Registro fotográfico da entrevista em sala de aula



Fonte: Foto feita pelos alunos na Escola Municipal Prof. Benício Barbosa, 2014.

De pé com microfone na mão na sala de aula o entrevistado é convidado a se apresentar para a turma. Ele diz quem é, onde nasceu e a idade. O uso da expressão “vou completar um bocado de janeiro”, confere a ele autoridade para falar sobre o **tema da entrevista: modos de viver do passado**.

“É fato que a fonte oral, seja qual for sua forma, baseia-se essencialmente na memória, que é sempre uma reconstrução que evoca o passado, visto que, pela perspectiva do presente é marcada pelo social, atuando na memória individual e coletiva”. (NAKAMURA; CRIPPA, 2010, p. 86). E acrescenta (THOMPSON *apud* WORCMAN; PEREIRA, 2006, p. 200): “Entrevistar não é somente um mecanismo para reunir informações. São necessárias habilidades humanas como paciência, humildade, vontade de aprender com os outros e de respeitar seus pontos de vista e valores, mesmo que você não compartilhe com eles”.

Olhando o entrevistado e ainda considerando que ele estava sem o aparelho de audição, posso assegurar que os alunos do 8º ano C foram muito respeitosos e pacientes, considerando que, às vezes, era preciso refazer a pergunta num tom mais alto. O desconforto do entrevistado foi notado, mas como ele já havia falado da sua dificuldade momentânea eu já tinha sensibilizado a turma antecipadamente.

Ao decidirmos sobre como seria a entrevista, a opção é que não teríamos um entrevistador em particular, mas entrevistadores, porque ao indagar sobre quem gostaria de ser o entrevistador, houve mais de uma inscrição. Optei por mantê-las evitando assim uma frustração.

Eles se organizaram em semicírculo e a cada um coube fazer uma pergunta elaborada e, como no caso da entrevista, a conversação se desenrola por “turnos” de participação alternada, consideramos as orientações abaixo:

A regra geral básica da conversação é: fala um de cada vez. Pois, na medida em que nem todos falam ao mesmo tempo (em geral um espera o outro concluir) e um só não fala o tempo todo (os falantes se alternam), é sugestivo imaginar a distribuição de turnos entre falantes como um fator disciplinador da atividade conversacional. Com isso a tomada de turno pode ser vista como um mecanismo-chave para organização estrutural da conversação (MARCUSCHI, 1986, p. 19).

Chamo a atenção para o fato de que mesmo havendo mais de um participante, continua existindo dois papéis: o entrevistador e o entrevistado. Todavia, mesmo com as orientações no tocante ao turno da fala, os alunos buscaram ajuda na minha figura de professora para se assegurar, geralmente com o olhar, que estava na hora de fazer a próxima pergunta. Esse fato se deu, principalmente, na passagem da segunda para a terceira pergunta, quando acenei que aguardassem ele falar.

Excerto 1

Como e quais eram as suas brincadeiras na infância? E, como o senhor vê a diversão das crianças de hoje?

Brincadeiras de grilo, cabra cega, palhaço.

O excerto demonstra que o entrevistador inexperiente não explorou a resposta do entrevistado, ou seja, não se preocupou em averiguar se a resposta correspondeu às pergunta(s) elaboradas. No caso, o entrevistador perdeu a oportunidade de fazer com que o entrevistado fizesse uma comparação entre as brincadeiras de ontem e hoje, importante, pois o tema da entrevista era modos de viver no passado.

Quando interagimos através da linguagem (quando nos dispomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos: há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais e não-verbais) (KOCH, 1998, p. 29 apud SILVA; GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO).

Excerto 2

Quando o senhor era criança como era o relacionamento com seus pais? Era muito diferente dos relacionamentos de agora? Isso é bom ou ruim?

Perdi a mamãe querida aos 4 anos de idade, fui criado com madrasta. Ela me ensinou um pouco de educação. Perdi meu pai aos 14 anos e fiquei jogado na rua. O meu destino foi ganhar o mundo. No mundo aprendi a ser homem, quando a gente quer ser homem não se dedica a nada de errado na vida, a roubo, a droga. A gente procura trabalhar para manter a subsistência. Servi o exército, depois fui trabalhar na Santa Casa de Misericórdia em Maceió e fiquei lá por 6 anos. Morei 5 anos no Rio de Janeiro, morei no Rio Grande do Sul, morei no Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia, e voltei pra minha terra. Aqui é meu lugar, meu chão!

Estou certa de que essa resposta prendeu a atenção de todos que se eriçaram nas suas carteiras e mesmo os entrevistadores mudaram suas expressões. Não é uma resposta comum, a infância, parece que desenhamos a família perfeita, pai mãe, irmãos, mas nem sempre a família é constituída dessa maneira e nos tempos modernos menos ainda.

Esse jogo a que nos dispomos por meio da linguagem gera efeitos. No caso específico dessa entrevista provocou emoções nos entrevistadores e no entrevistado. Esse último expressou suas emoções alternando tom da voz: melosa e saudosa ao falar da mãe; firme e enfática ao continuar expressando o que aconteceu com ele, ao revelar a sua história de vida.

A ênfase maior se deu ao afirmar: “*O meu destino foi ganhar o mundo. No mundo aprendi a ser homem, quando a gente quer ser homem não se dedica a nada de errado na vida, a roubo, a droga*”.

Mais uma vez recorro as palavras de Bauman – diálogo com ele – já mencionado anteriormente, muitas coisas que aconteceram na vida do entrevistado fugiram do seu controle, mas ele trabalhou o caráter, fez as escolhas que ele considerou certa que o afastaram da droga, do roubo, que o fizeram percorrer tantos estados brasileiros e optar por voltar à terra natal que afirma amar e que escolheu para viver.

O próximo excerto revela como era organização escolar em um tempo distante da realidade dos alunos e até da minha.

Excerto 3

O senhor frequentou a escola? Se sim, como era a escola na sua época de estudante?

Vocês vão me perdoar porque vou dá uma cacetada na educação de hoje! É necessário que agente explique como agente pode estudar, como a gente aprende a ser educado. Hoje, quando

a professora reclama com o aluno, ele faz logo cara feia e baixa logo uma vontade de dá na cara dela, não é verdade?

Era diferente, eu fui pra escola aos 11 anos de idade, na época era cartilha do ABC, o primeiro livro do ano, o segundo livro do ano, até o quarto ano.

Quando a gente errava na sala, a professora chamava e dizia: “Você vai levar dois bolos na mão!” Se você errasse outra vez ia ficar afastado por um dia, mas primeiro tinha que levar seu pai ou sua mãe pra falar com a professora pra saber o porquê de você está afastado da sala de aula. E você era obrigado a levar um bilhetinho para a mamãe ou o papai para ele saber por que você estava afastado da sala.

Agente tinha aula de Português, Matemática, Manuscrito. Estudei até a 4ª série do ensino fundamental, o mundo foi que me ensinou a viver, me ensinou a ler, me ensinou a estudar, me ensinou tudo...

O excerto trata de uma transformação histórica radical que ocorreu no espaço e nas práticas escolares.

Antes, o respeito do aluno era inspirado nos moldes militares, era fruto de uma espécie de submissão e obediência às cegas a um "superior" na hierarquia escolar. Hoje, o respeito ao professor não mais pode advir do medo da punição assim, como nos quartéis, mas da autoridade inerente ao papel do "profissional" docente (AQUINO, 1998, p. 188).

Acredito que ao pedir perdão por dar uma cacetada na educação ele confirma uma visão atual e equivocada da sociedade em relação à escola. A educação, em muitos casos, deixou de ser responsabilidade da família e passou a ser delegada a escola. “As famílias estão confundindo escolarização com educação”. É preciso lembrar que escolarização é apenas uma parte da educação. “Educar é tarefa dos pais”. Diz o professor, educador e filósofo Mario Sergio Cortella ao Estadão de São Paulo, em maio de 2014.

O entrevistado só cursou até a 4ª série e retrata o abandono escolar, outro desafio para a educação de hoje, o que não é explicitado são os motivos que o levaram a não continuar estudando. Contudo, o que chama a atenção nesse excerto é o que ele afirma: “*o mundo foi que me ensinou a viver, me ensinou a ler, me ensinou a estudar, me ensinou tudo*”. Compreendo que ele entende que [...] “a educação existe onde não há escola e por toda a parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criado a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado” (BRANDÃO, 2007, p. 13).

Excerto 4

Gostaríamos de saber como era o jeito de namorar antigamente? O que mudou para o jeito de namorar hoje? O que o senhor sente em relação a isso?

Nosso namoro de antigamente era muito diferente. Primeiro agente passava, olhava pra moça e piscava. Se ela desse um sinal... Eu pensava (“Aquela garota me quer!”). “Quatro dias depois, passava novamente, piscava o olho e se ela desse o sinal eu perguntava: “- Quer namorar

comigo”?

Será que o namoro de hoje em dia dá alguma satisfação, engrandecimento pra juventude? O que é que um garoto de 12 anos, uma garota de 12 anos que ainda estão se situando na vida, muitas vezes a moça tem 14 anos a mãe manda fazer um café: - Eu sei nãooooo!! Não sabe preparar um almoço... Mas, sabe namorar, ter filho. Será que este filho vai ter um carinho de mãe, um carinho de pai? Jamais! Jamais!

Esse trecho da entrevista provocou risos em toda a turma, pelo jeito faceiro que o entrevistado de dirigiu a entrevistadora, piscando o olho como se tivesse paquerando-a nos moldes antigos, não seria a mesma coisa se ele não tivesse ali fisicamente e, usando ao mesmo tempo mais de uma linguagem.

Nesse excerto as transformações interessam aos alunos apenas como conhecimento e divertimento, já não se adequam ao momento atual. As mudanças nessa questão afetiva são tamanhas que na entrada da escola, aos olhos de todos, há dentre eles os que ficam beijando, abraçando. E, afeta a aprendizagem, pois muitas vezes, observo na turma, alunas que não conseguem assistir aula chorando por causa de algum desentendimento com o namoradinho.

O efeito da globalização tem acelerado bastante as modificações na questão relacionamento e envolvimento afetivo, bem como da permissividade. Por exemplo, enquanto essa pesquisa se realiza a aluna que é mãe, mais uma vez, se viu obrigada a abandonar a escola para tomar conta do filho por não ter com quem deixar a criança na hora da aula. Num e noutro caso a escola geralmente fica relegada a segundo plano.

Excerto 5

O que o senhor fazia para se divertir? Quais eram os lugares que existiam na nossa cidade para diversão? Como eram festejadas as datas especiais?

Nossa cidade era o berço da educação, terra dos doutores. A elite ia para o Clube Gente Nossa. O carnaval, o São João era um dos melhores do Nordeste. Vinha gente de toda parte: Recife, Salvador, Caruaru. Desfile! Não era pra faltar um aluno em 7 de setembro. Bumba meu boi, ciranda, coco de roda e ainda tinha maracatu.

São José da Laje, por incrível que pareça, foi a primeira cidade do Brasil que mandou estudante para o exterior: Austrália, Inglaterra e Alemanha.

A cidade sofreu muita transformação? Como era o comércio? Como era a feira livre? Como era o jeito de cultivar a terra? E, como o senhor se sente com essas mudanças?

São José da laje não é mais a Princesa das Fronteiras, eu vou pedir desculpas, pra mim São José da laje se chama a Princesa da Nojeira hoje. Aliás, de 30 anos pra cá São José da Laje já foi a Princesa das Fronteiras, terra dos doutores, nenhuma cidade como a Laje teve condições de formar médicos advogados agrônomos, todo tipo. Só essa terrinha aqui, só esse chão brasileiro. Por isso tenho a honra de dizer eu sou lajense, eu sou lajense, pouco importa se tem algum defeito. Nossa laje começou no Sítio laje do Canhoto que foi comprado no dia 26 de janeiro de 1810 e sua escritura foi passada no cartório da vila de Atalaia pelo tabelião Costa Agra. A primeira escola foi inaugurada em 1835.

“O ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias. É preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos.” (CANDAUI, 2014, p. 98). O eixo temporal nesse excerto é marcado pela presença do verbo no pretérito.

O nosso entrevistado afirmou que no âmbito educacional a cidade formou muitos doutores filhos da elite, uma vez que eles iam complementar seus estudos no exterior. E acrescentou que a elite também frequentava o Clube Gente Nossa. Foi surpreendente ver que nenhum dos alunos sabia que havia existido um clube na cidade, talvez porque sendo filhos de classe menos abastada os pais e ou familiares não fizessem menção a esses espaços frequentados pela elite.

Outros aspectos que compõe ou compunham a cultura local foram citados: bumba meu boi, ciranda, coco de roda e ainda tinha maracatu. Infelizmente, nenhum desses elementos culturais se faz presente hoje na cultura lajense. Dos elencados por ele apenas o carnaval resiste. Esse evento ainda é uma festa muito esperada, embora já não tenha o glamour de outros tempos.

Os desfiles cívicos ainda acontecem anualmente na Usina Serra Grande e há três anos vem sendo resgatado também no município. Algumas pessoas fazem questão de sair de casa e acompanhar todo o desfile, outras se concentram no lugar da apresentação das bandas fanfarras. A cidade toda fica agitada quando um desfile acontece.

Já quando ele afirma, ainda, que a cidade já não é digna do apelido de Princesa das Fronteiras, revela com isso que em termos de desenvolvimento socioeconômico já teve melhores épocas. Atualmente, o município sofre com a retração e com isso todos, principalmente, os jovens sofrem. Para alguns restam fazer as malas e partir, enquanto que para outros ficam a inércia e o conformismo. Diante desse cenário cabe uma visão de escola:

[...] como espaço social em que ocorrem movimentos de aproximação e de afastamento, onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados vão exigir o rompimento com uma visão cotidiana estática, repetitiva, disforme, para considerá-lo [...] uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes (ANDRÉ, 2014, p. 41).

O final da entrevista foi regado a poema: Era terço todo dia –1808. O número indica a sequência de poema que já escreveu. O escolhido por ele para aquele momento tinha tudo haver com o tema da entrevista, ou seja, ele usou a linguagem literária para falar sobre o mesmo tema: modos de viver do passado. O poema é composto por nove estrofes de seis

versos cada. Abaixo extrai palavras e expressões de vários versos que revelaram os modos de viver do tempo passado e destaco também o último verso que faz uma contraposição entre o ontem e o hoje.

➤ **Tempos passados:** Não existia: geladeira, guarda-roupa, rádio, televisão, sofá, cadeira; transporte era cavalo para os ricos, pobre andava a pé, as mulheres vestiam fustão, homens amescla, póiva com farinha ou azulão, arranca touco ou aricubaca; crianças vestiam timão. Fartura era de montão, a luz candeeiro, ou mingola de algodão, panelas de barros, pratos de estanho. O trabalho era na foice ou enxada. O povo vivia a rezar e acreditava em Deus, existia respeito.

➤ **Hoje:** “Hoje é bagunça no mundo inteiro.

Entendo a bagunça a qual ele se refere, na sua simplicidade, é ela sinônimo de desordem. A mesma a quem Bauman (1999, p. 67) se refere que afetam a atualidade – a globalização. “A globalização não é nada mais que um processo de desordem da economia e das relações sociais e que leva a percursos inesperados, pois, não se planejam os caminhos, simplesmente eles acontecem”.

Painel 21 – Registro fotográfico do término da entrevista 1



Fonte: fotos feitas pelos alunos na escola Municipal Prof. Benício Barbosa, 2014.

E, para nossa surpresa, levou para sala um álbum de fotografia, momento que fizemos questão de registrar, nos levando a reiterar a importância da fotográfica como proposta de letramento visual.

Os alunos ficaram ao redor do poeta lajense enquanto ele mostrava as fotografias e, concomitantemente, narrava as memórias que elas elucidam. Ele nos presenteou também com dez poemas seus, que passamos a ler nas aulas, nos momentos “Deleite” – momento onde o professor e/ou os alunos leem textos selecionados por eles apenas para serem “saboreados”.

As entrevistas trazem a ideia de construção histórica da identidade do local, de seus moradores e, por conseguinte, dos próprios alunos. A seguir, serão apresentadas duas entrevistas em um contexto social diferente, mas sobre o mesmo tema: modos de viver do passado.

3.4.2 Análise das entrevistas 2 e 3

Para realizar a segunda experiência com entrevista, os alunos se organizaram em dois grupos. Antes, porém reorganizamos o roteiro para condensá-lo. Novas orientações foram dadas, pois dessa vez a entrevista aconteceria sem a minha presença.

Entrevistando (orientações)

- 1) Apresente-se e apresente a pessoa que vai ser entrevistada (nome, idade, onde mora, etc.);
- 2) Faça as perguntas articulando bem as palavras, com um gravador/celular ou próximo a você; coloque o aparelho perto da pessoa que responderá (do entrevistado);
- 3) Entregue o material à professora para que faça uma cópia, e mantenha com você a gravação original.

Roteiro de perguntas

- 1) Como era se divertir na sua infância? E, como o senhor vê a diversão das crianças e adolescentes hoje?
- 2) Antigamente como era o relacionamento entre pais e filhos? O que mudou?
- 3) Como era frequentar a escola quando era estudante? E como vê a escola hoje?
- 4) Que mudanças aconteceram ao longo dos anos em nossa cidade?
- 5) As mudanças foram positivas ou negativas?

Painel 22 – Registro fotográfico dos entrevistados 2 e 3



Fonte: fotos feitas pelos alunos em entrevista a membros do entorno escolar, julho de 2014.

Eles foram até os entrevistados, na loja de construção (casa comercial) e na casa (residência), respectivamente, no horário da aula. As fotografias revelam que eles utilizaram o aparelho telefônico para gravar ambas as entrevistas, em áudio e em vídeo.

Voltaram eufóricos, e disseram que ao invés de duas entrevistas tinham realizado cinco. Um dos grupos relatou que o entrevistado pediu que esperassem um pouco e eles perceberam que ele foi escovar os dentes para dar a entrevista.

O outro informou que a senhora não estava muito bem, tinha acabado de chegar do médico, mas resolveu conceder a entrevista mesmo assim. Vale salientar que os entrevistados tinham sido antecipadamente consultados da possibilidade de conceder uma entrevista aos alunos do 8º ano C e aceitaram (um comerciante local e uma diretora escolar aposentada).

Conforme as orientações preliminares, eles me entregaram os vídeos das entrevistas gravadas a partir do celular deles e solicitei que fizessem a transcrição da mesma. Não consegui a proeza da transcrição. Não acharam a tarefa tão empolgante quanto à de entrevistar. Mas as entrevistas foram transmitidas na sala e analisamos juntos a experiência.

Então, fiz eu mesma a transcrição também da segunda e terceira entrevistas. Dessa forma, “ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência.” (QUEIROZ, 1983, p. 84)

Contudo, é importante reconhecer que por mais que a transcrição seja fiel e consiga apresentar uma boa reprodução do material gravado nunca conseguirá apreender todas as informações apresentadas na entrevista. Para Queiroz (1993), mesmo quando o pesquisador é quem faz a transcrição com sua vivacidade, colorido e calor humano, o documento escrito inerte, passivo, estático reproduz em parte tudo quanto realmente ocorreu, ou seja, acontece uma excisão.

Vou considerar para essa análise apenas as duas entrevistas pré-estabelecidas, as outras que disseram ter realizado, não seguiu o roteiro, não as transcrevi, embora as tenha em arquivo e elas tenham sido expostas, na sala de aula, e feito parte das nossas observações no tocante ao gênero.

Como as entrevistas seguiram o mesmo roteiro, coloquei as transcrições organizadas em quadros lado a lado, para fazer uma análise comparativa entre as vozes dos dois entrevistados, bem como do desempenho dos entrevistadores – os alunos.

Tema: Modos de viver do passado	Entrevistado 1	Entrevistado 2
Perfil	Homem, 54 anos, comerciante.	Mulher, 84 anos, professora aposentada.
1. Como era se divertir na sua infância? E, como o senhor (a) vê a diversão das crianças e adolescentes hoje?	<i>Na época da minha adolescência, como é que eu posso dizer pra vocês, não existia tanta maldade, né! As coisas eram muito espontânea, muito livre. Não existia essa maldade como é hoje.</i>	<i>Na minha, era muito diferente da de hoje. No meu tempo não tinha esse negócio de discotecas... essas coisas... A gente era mais pra estudar. Hoje, tá muito diferente, as crianças não procuram muito, não sei vocês, não procuram muito o ensino, leva... pelo menos eu tenho um filho que pra estudar é um tormento!</i>

Percebo que eles têm uma visão aproximada, ou seja, é possível inferir, a partir de suas respostas, que se divertir na época da infância deles era bem diferente da de hoje; “Não existia maldade”, “era espontânea”, na visão dele, na dela, “não tinha discoteca”, “a gente era para estudar” subtende-se que o interesse dos jovens hoje está mais na diversão que nos estudos e que existe entre eles muita malícia.

	Entrevistado 1	Entrevistado 2
2. Antigamente como era o relacionamento entre pais e filhos? O que mudou?	<i>Eu fui criado numa família, eu particularmente, no meio de sete irmãos eu sempre costumei dá atenção ao que meus pais diziam. Eu ouvia muito eles, não só eles, mas as pessoas de mais idade.</i>	<i>Hoje, tá muito diferente, havia muito respeito entre pais e filhos. Os filhos eram obedientes. Obedeciam muito aos pais.</i>

A visão agora se afina, ou seja, a linguagem humana permite que expressemos a mesma ideia de formas diferentes e os dois vêm um enorme diferencial no relacionamento familiar. Noto que ao tratar dessas relações familiares eles deixam marcas do autoritarismo

dos pais “*eu ouvia muito eles, não só eles, mas as pessoas de mais idade*” e, da completa falta de autonomia e liberdade dos filhos, “*os filhos eram obedientes*“. Hoje, temos presenciado mudanças diversas em relação à forma de criação e educação dos filhos e não poderia ser diferente, as relações certamente já não são as mesmas, uma vez que somos influenciados por fatores relacionados ao ambiente, as relações interpessoais, culturais e sociais.

	Entrevistado 1	Entrevistado 2
3. Como era frequentar a escola quando era estudante? E como vê a escola hoje?	<i>Frequentar a escola, sempre frequentei com muita responsabilidade, eu prestava atenção ao que os professores tavam citano, né, os assuntos. A aula oral eu prestava bastante atenção. Hoje é bem diferente, né.</i>	<i>Pelo menos a frequência era boa. Eu pelo menos fui diretora do Carlos Lyra 22 anos e foi 22 anos que me dediquei de coração a escola.</i>

Na questão 3 se percebe que as respostas não satisfazem, não revelam a escola na época em que foram estudantes, e aponta também, que faltou aos entrevistadores uma retomada da questão a fim de os entrevistados pudessem ser mais esclarecedores. Eles não tiveram desenvoltura para explorar um pouco mais a questão, ou seja, não apresentaram a sensibilidade de perceber a situação concreta e refazer a pergunta de outra maneira, o que seria importante inclusive para melhorar e adequar o roteiro. Este foi um dos pontos debatidos na sala, onde passamos a aprender com a situação vivenciada por eles.

	Entrevistado 1	Entrevistado 2
4. Que mudanças aconteceram ao longo dos anos em nossa cidade?	<i>Mudanças eu acredito que quase nenhuma e talvez as mudanças que tenham acontecido elas não tenham ajudado a melhorar a juventude, os nossos jovens. É preciso que se faça muito até porque a gente tem uma carência, uma carência cultural muito grande. Isso hoje, a gente jovem sofre e sofre a influência de outras pessoas por conta da educação.</i>	<i>Muitas porque pelo menos as cheias foi o que mais atormentaram a cidade e que ainda hoje tá completamente acabada.</i>
5. As mudanças foram positivas ou negativas?	<i>Eu não poderia dizer que foram tão positivas como a gente gostaria que fossem, né, porque se elas fossem tão positivas a gente não estava vendo estas questões de</i>	<i>Porque minha filha, Laje no meu tempo era Laje. Hoje, não é São José da Laje, está completamente diferente, porque Laje tinha cinema! Tinha banco! Tinha tudo e hoje Laje não tem</i>

	<p><i>violência, a desobediência aos pais que muitos filhos se vão tão cedo por conta de dizerem não a sua mãe, ao seu pai. Eu acho que deveriam não deveriam fazer isso. Deveriam sim, sempre dá mais atenção aos pais né, que é quem querem tanto bem a cada um de vocês. A cada um de nós, que eu tenho mãe, ainda né.</i></p>	<p><i>nada, a não ser discoteca, Laje não tem nada.</i></p>
--	---	---

Nas respostas às questões 4 e 5 mais uma vez são mencionadas as enchentes que aconteceram no Município. A memória das tragédias deixa traços compartilhados ao se referir às mudanças que aconteceram diz: “*Muitas porque pelo menos as cheias foi o que mais atormentaram a cidade e que ainda hoje tá completamente acabada*”.

Para elucidar essa memória, faço um excerto fotográfico, pois, “além da narrativa, outros conteúdos como fotografias, documentos e objetos pessoais, mais do que ilustrar o que foi dito, enriquecem e completam o depoimento atuando como um estímulo à constituição do documento oral e seu uso em projetos acadêmicos”. (NAKANURA; CRIPPA, 2010, p. 87).

Painel 23 - Memórias das tragédias como recurso identitário



Fonte: Foto do arquivo pessoal de Osvaldo Timóteo, 80, vice-prefeito de São José da Laje em 1969

A entrevistada é uma das sobreviventes da “Grande enchente” que ocorreu em 14 de março de 1969, que quase tirou a cidade do mapa. O noticiário relatou na época mais de mil mortos. Os moradores contam que foram centenas de pessoas arrastadas e afogadas e sepultadas em valas comuns.

A enchente se repetiu em 2010 em menor proporção e sem traumas de morte, contudo, obrigou mais de mil famílias cerca de mais de três mil pessoas a mudarem para o bairro novo: Armando Lyra, já apresentado anteriormente. O painel 23 mostra fotos da enchente de 1969, de página de noticiário da época fazendo referencia ao ocorrido e na última coluna fotos da última enchente em 2010.

Acredito que quando ela diz: “ainda hoje está completamente acabada”, ela quer dizer que a cada enchente, são necessários anos para se reerguer e, ao invés de avançar a cidade está sempre recomeçando e as pessoas precisam construir uma nova sociabilidade.

Na verdade, eles vão mais além quando evidenciam a carência cultural do município e, como consequência, afirmam que os jovens sofrem influências de outras pessoas. Acredito que sofrer influência de outras pessoas no mundo globalizado é um fato do qual nem nossos jovens do interior de uma cidadezinha pequena podem escapar, recentemente o governo municipal colocou *wi-fi* em uma praça no centro da cidade. Agora, têm toda razão quanto a carência cultural que aumenta, e muito, a vulnerabilidade social do município.

Acredito que a sequência didática em tela permitiu que os alunos refletissem e fizessem uso de várias linguagens, quer por meio de eventos de linguagens visual, quer por meio de gêneros orais e escritos. Como professora lidei o tempo todo com linguagens – códigos e tecnologias como orientam os PCN.

Vale salientar que nesta pesquisa não olhei para outras questões que olho na sala como professora. O projeto do mestrado é apenas um fragmento de pesquisa que se articulou à proposta da escola, até porque não é uma pesquisa estanque, é na verdade o cotidiano escolar sendo visualizada à luz da ciência. Por exemplo, das entrevistas realizadas, para atender à proposta da escola, os alunos escolheram uma para transformar no gênero memórias literárias.

Antes de produzirem o texto, muitos outros textos de memórias foram lidos ou ouvidos através de áudios, várias outras características do gênero também foram trabalhadas em oficinas, como: adequação linguística: memórias narradas em primeira pessoa, uso de tempos verbais e dos indicadores de espaço, expressões de outras épocas, referencias a imagens e sensações; adequação discursiva: o texto abordaria aspectos da cultura ou da história local, lembranças de outros tempos a partir da recuperação de entrevistas realizadas pela turma, se trouxe a voz do entrevistado para o texto, referências a objetos, lugares, modos de vida, costume, palavras e/ou expressões que já não existem, além de observar também aspectos voltados para a convenção da escrita: se o texto atende às convenções de escrita

(morfossintaxe, ortografia, acentuação, pontuação, se rompe convenções da escrita (marcas de oralidade ou de variedade linguísticas regionais ou sociais).

A citação seguinte “O que é uma educação apropriada para as mulheres, para indígenas, para imigrantes em geral?” **O que é apropriado para todos como contexto de fatores de diversidade local e conectividade global cada vez mais crítico?** (New London Group, 2006[1996]: 10 apud Rojo, 2013, 132). Grifo meu, me fez perceber que em muitos aspectos a proposta dos multiletramentos foi considerada, pois tratou também do que é uma educação para todos em contextos de diversidade local e conectividade global cada vez mais crítica.

O trabalho desenvolvido a partir da sequência didática favoreceu práticas do chamado letramento ideológico. Isso significa que os alunos fizeram uso das linguagens e das tecnologias, para expressar suas crenças e seus valores, mostrando suas casas, suas famílias, seus lugares preferidos e/ou quando resgataram a história local da forma como eles são e sem o privilegiamento de uma linguagem sobre a outra. Feito o percurso de desenvolvimento da sequência didática, coleta e análise dos dados, encerro essa parte e passo as minhas considerações finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esse trabalho de pesquisa falando sobre as experiências que vivenciei e que me fizeram fazer determinadas escolhas. Volto, então, a falar sobre as minhas escolhas como aluna do Mestrado Profissional em Letras que contribuiu significativamente para ampliar minha visão profissional e, por vezes limitada de professora do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas do interior do Estado de Alagoas.

Posso, ao passo que faço essas considerações, facilmente, deslindar três de uma mesma pessoa. Essa pessoa, no caso, sou eu mesma. Existiu uma professora antes do mestrado, outra depois, e, uma que deseja continuar sendo. A professora de Língua Portuguesa de antes, considerava nas aulas do componente curricular prioritariamente aspectos de Língua e não de linguagens.

Não que haja algum problema em considerar os aspectos linguísticos. Mas esses aspectos são pertinentes para refletir sobre a língua numa determinada situação comunicativa. E, olhando para trás, vejo a camisa de força do currículo quando privilegiava uma em detrimento de outra, ou seja, a língua verbal em detrimento da oral, a escrita, em relação à visual e assim sucessivamente.

O Mestrado Profissional em Letras ampliou, desde a oferta da sua primeira disciplina até a última, a possibilidade, quer por meio de discussões presenciais, quer por meio de investigações nos referenciais indicados para leitura, muitas delas para fundamentar o desenvolvimento de atividades que deveriam ser aplicadas em sala de aula, de novas condições para verificar a eficácia e a finalidade daquilo que nos propomos a ensinar em sala de aula.

Essa visão, de que se pode aliar ensino e pesquisa, trazida pelo mestrado, não é nova, pois no campo educacional as palavras “ensino” e “pesquisa” são recorrentes, mas o diferencial é que com o mestrado essas palavras passaram a ganhar significado, ao sair do campo das ideias e abrir as portas para averiguar várias questões que permeiam o universo escolar no tocante ao componente curricular de Língua Portuguesa.

No meu caso, naquele momento, lecionava em apenas uma turma do Ensino Fundamental. Assim, todas as atividades propostas pelos componentes curriculares do mestrado foram aplicadas nessa turma. Então, o meu olhar em relação a cada aluno, nessa turma específica, naturalmente foi mais acurado.

Essa proposta de que se pode aliar ensino e pesquisa fez surgir o eu pesquisadora. Esse eu necessitou optar por uma metodologia para investigar a sua questão de pesquisa.

Tomar decisão requer maturidade, e maturidade se ganha com o tempo, com experiência, com reflexão.

A reflexão no mestrado foi intensificada pela experiência de ter um orientador que a *priori* apontou que a questão de pesquisa precisava nascer de uma necessidade real, atrelada ao ambiente escolar e aos participantes, no caso os alunos.

Assim, considerando o diagnóstico da turma e ainda o institucional que enfatizava que meus alunos, a grande maioria do campo, não tinham suas identidades respeitadas e vendo ainda que eles compartilhavam com os colegas urbanos, por meio das tecnologias disponíveis, práticas não muito identitárias, optei por considerar a pedagogia dos multiletramentos.

No tocante aos multiletramentos, enfatizo que essa pesquisa considerou que nada das linguagens que uso está longe ou fora da cultura de onde eu estou. E, esse contexto cultural dentre outras coisas permite a construção da identidade. Assim, a professora de antes, que privilegiava nas aulas as questões de língua “embarca” por meio de uma pesquisa etnográfica numa viagem para destinos às vezes até conhecidos, mas nunca antes visitados, ou seja, vai desembarcar no mundo das linguagens.

A primeira delas é a linguagem visual, fotográfica, velha conhecida, mas nunca considerada nas aulas de Língua Portuguesa. A etnografia que serviu de “GPS” para essa pesquisa, indicou o caminho que fotografado apreendeu imagens que testemunham a realidade social de cada família visitada e que falam por si só, contando com riquezas de detalhes o que a linguagem verbal não daria conta de elucidar por ser insuficiente.

Também esta, sozinha, não daria conta de resgatar com primor o que essa pesquisa se propôs a fazer. Assim recorri a outras linguagens que foram analisadas a partir dos dados coletados por meio de ferramentas etnográficas: o áudio, o vídeo, o diário de bordo e também a entrevista.

O caminho foi árduo porque como pesquisadora estava solitária. A etnografia, a meu ver, é um excelente método de pesquisa, porque proporciona uma satisfação advinda da riqueza de detalhes que consegue captar sobre o objeto estudado, contudo, julgo que não seja trabalho para uma única mão. Confesso que foi exaustivo e fatigante o trabalho.

Se me perguntarem se repetiria a proeza de optar pelo mesmo método para iniciar nova pesquisa diria sem pestanejar: sim, com certeza, mas, com algumas ressalvas. Diminuiria os instrumentos de coleta de dados para dedicar-me com maior inteireza a ferramenta escolhida.

De todas que utilizei, uma me causou imensa frustração: o vídeo. A frustração se deu porque não encontrei literatura para fundamentar esse tipo de coleta de dados. Ora, se elas não existem ou existem de forma limitada, há uma lacuna que possibilita novas e futuras pesquisas científicas, fazendo com que desponte meu interesse nessa objetiva. Interessa-me também expandir a análise de fotografias, considerando outros aspectos que não tive condição de analisar nessa pesquisa, deixando um campo aberto para uma análise mais aprofundada, com maior embasamento no campo da semiótica social.

Além do fato já mencionado outro que mexeu comigo, enquanto professora de Língua Portuguesa foi o fato de nunca ter escutado os falares dos meus alunos, e mesmo da comunidade. Escutar no sentido literal. As gravações em áudios, transcritas com as mesmas características da linguagem oral me fez reeducar os meus ouvidos para ouvir.

Quem tem ouvidos ouça, quem tem olhos veja, diz um versículo bíblico, a ênfase dada nessa situação de comunicação se dá porque nem sempre quem tem um ou outro órgão é capaz de ouvir e ver respectivamente.

Se não fossem os novos conhecimentos advindos das aulas das disciplinas de Fonologia e Fonética, de Práticas da Oralidade e Práticas Letradas de 6º ao 9º ano, dentre outras, no mestrado, que não fizeram parte da minha formação acadêmica na graduação, confesso que não estaria apta a ouvir e enxergar a linguagem oral das famílias campesinas. Essas transcrições podem, noutro momento, serem utilizadas para outra pesquisa sobre aspectos da fonologia do dialeto dos alunos/famílias que residem no campo.

Como resultado, no tocante a comunidade, ao ir junto com os alunos para suas casas, seus bairros e/ou sítio, e quando entramos em contato com as pessoas da comunidade, quer para fotografar quer para realizar as entrevistas, tudo isso trouxe mais visibilidade para a escola. Para os alunos, a pesquisa possibilitou que eles ampliassem a visão de escola, que expandissem a visão em relação à sociedade lajense. Ajudou a refletir sobre si e a olhar para o outro respeitando as diferenças.

O que eu aprendi sobre eles me fez perceber que não basta ensinar o rol de conteúdos de Língua Portuguesa, considerando os eixos do componente curricular. É preciso compreender o contexto social para compreender as necessidades que se apresentam por meio de um currículo vivo, real e não idealizado pela escola comum a todos. É preciso considerar as particularidades e necessidades dos diferentes alunos e unir essas diferenças para enriquecer as possibilidades de comunicação.

Aprendi, ainda, que é preciso que a disciplina de LP saia do enclausuramento e limites do texto verbal escrito como única merecedor de atenção. E ao usar as tecnologias

para colocar o texto em ação isso me permite que eu posicione o outro. E, à medida que isso acontece dentro de uma cultura local, global, eu, necessariamente, defino quem é o outro, e me posiciono ao mesmo tempo. Ou seja, eu me constituo e constituo o outro por meio da cultura que está ligada a uma determinada ideologia.

Considerando o prefixo multi – que aponta para a multiplicidade de cultura e a multiplicidade semiótica, a proposta de sequência didática que desencadeou essa pesquisa se voltou para uma metodologia que permitiu ao mesmo tempo o encontro da cultura do homem do campo com a cultura do homem urbano de uma cidadezinha que não é uma cidadezinha qualquer porque ela tem uma história específica que a diferencia das demais entrelaçadas com as histórias de cada família e de cada aluno.

Por fim, recordando os instrumentos de coleta de dados, a pesquisa etnográfica introduziu como instrumento de coleta de dados a *selfie* que apontou que os alunos já tinham uma familiaridade com esse tipo de signo, parte de uma cultura de massa, e que do ponto de vista do “letramento ideológico”, a tarefa propôs aos alunos, perceberem que os gestos, os olhares que fazem ao se autofotografarem estabelecem diálogo com culturas no âmbito global passíveis de múltiplas interpretações em relação ao meio através do qual elas circulam e do olhar que as contempla, que envolvem ideologias individuais e cotidianas.

Na sequência, painéis de fotografias revelaram histórias pessoais, familiares, do bairro e/ou sítio. Além de corroborar para intensificar a importância desse signo que congela e eterniza momentos e que, vistos sob os aspectos semióticos, suscitam significados e interpretações.

Trazer as histórias de vida dos alunos, suas famílias e seu cotidiano para o currículo de Língua Portuguesa permitiu conhecer e valorizar as identidades dos alunos e eles próprios reconhecerem e refletirem sobre a própria realidade e a dos colegas de classe e também aprofundarem as raízes da escola na comunidade onde se insere.

Essa mudança de foco da língua para as questões das linguagens e de seus usos contextualizados trouxe o enriquecimento para a disciplina LP, dando a ela outro valor e outra importância. A opção por essa abordagem não deixou de valorizar a língua escrita dentro de um contexto mais amplo da LP.

Face aos resultados da confrontação teoria/prática, julgo necessário empreender investigação partilhada com outros professores e pesquisadores dos multiletramentos e assumir a responsabilidade de ligar o trabalho da disciplina de Língua Portuguesa ao universo do aluno considerando suas particularidades (história de vida, cultura e identidade), expectativas e interesses permitindo-lhe o reconhecimento de sua linguagem e do seu lugar no

mundo e a apreensão de outras linguagens que possibilite a superação da sua condição imediata.

Friso ainda que é possível ser mais do que professor de sala de aula, ou seja, é possível ser também pesquisador. A pesquisa como a do tipo etnográfico é capaz de redirecionar o olhar do professor, fazer com que ele vislumbre o objeto pesquisado e analise-o sobre vários ângulos e em cada um deles vislumbre facetas distintas. Ao usar como metodologia a etnografia em uma pesquisa na área de Linguagens, já não é possível se conformar com um letramento capaz de desenvolver apenas habilidades, pois nasce a necessidade de olhar para além dos aspectos formais da língua apresentados no currículo da disciplina.

Enfim, para ensinar em meio à diversidade cultural e tecnológica uma linguagem apenas não dá conta da comunicação. Convém, assim, ao professor aprender sempre e cada vez mais a usar ferramentas, aparatos tecnológicos que permitam que as linguagens se unam e contribuam para que os alunos possam afirmar suas identidades, atuando, mesmo minimamente, na sua comunidade, exercendo o seu papel social num mundo que já não apresenta fronteiras. Foi exatamente nesse ponto que nasceu o terceiro eu elucidado anteriormente, o eu que deseja continuar investindo na pesquisa científica e, por fim, enseja contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas da disciplina.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABDALA, Lorena. **Eu, eu mesma e minha selfie**: moda e identidade na rede. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/anaisenpmoda/anais/2.07_lorena_abdala_eu_selfie.pdf>. Acesso em 03/08/2014.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 18ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

AQUINO, Julio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. Rev. Fac. Educ. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200011> Acesso em: junho de 2015

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981.

BAKHTIN, Mikail (V. N. VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Trad.: M.E.G..G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Estética da Criação Verbal**. [1979] Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, D.L.P. **Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso**. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 1997 p. 27-36.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Diálogo com Zgmunt Bauman**. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=in4u3zWwxOM>>. Acesso em 20/08/ 2014.

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

_____. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005. ISBN 9788571108899.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?:** sociologia & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

CALDEIRA, Anna Maria S. **A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 95, p. 5-12, nov. 1995.

CORTELLA, Mário Sergio. **A escola passou a ser vista como um espaço de salvação**. Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cortella-a-escola-passou-a-ser-vista-como-um-espaco-de-salvacao,1168058>>. Acesso em setembro de 2014.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

DIONISIO, Ângela P. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

DOURADO, Luiz Fernando. **Reforma do Estado e as Políticas parra a Educação Superior no Brasil nos anos 90**. Revista Educação e Sociedade. Campinas. v. 23,n.80,set.2002.

FREITAS, Déborah de B.A.P. Freitas; WANKLER, Cátia Monteiro (orgs). **O múltiplo em construção: questões de linguagem e identidade**. Boa Vista: Editora UFR, 2012.

FREITAS, Sônia Maria. **História Oral: procedimentos e possibilidades**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Educação**. Revista Brasileira de Educação. Santa Catarina, n. 23, maio/jun./jul./ago, 2003.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GANDIN, D. **Posição do planejamento participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade**. Currículo sem Fronteira, v.1, n. 1, jan./jun., 2001, pp. 81-95.

GARCÍA Canclini, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad.: A.R. Lessa e H.P. Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2008[1989].

GIORGI, Cristiano Amaral di. **Revista de Estudos de Educação**, vol. 4, n. 2, nov. 2002. Disponível em: <<http://educacao.uniso.br/pseletivo/docs/DIGIORGI.pdf>>. Acesso em: 15/08/2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva & Guacira L. Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOLY, Martine (1997). **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, Ed. 70, 2007.

KARWORSKI, Alcir Mário; GAYDECZRA, Beatriz; BRITO, Karin Siebneicher. **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: parábola Editorial 2011.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. Edição revista.

_____. **Os tempos da fotografia**. São Paulo: Ateliê, 2007.

KRESS, G. R.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Images: a Grammar of visual Design**. Londres: Routledge, 2006 [1996]

LIMA, Cláudia Albuquerque de; SILVA, Nerivanha Maria Bezerra da. **Representações sem imagens equivalentes**. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/lima-claudiaimagens-equivalentes.pdf>. Acesso em: 21 de abril 2015.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de imagens**. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/313/236>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: fotografia e história interfaces**. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf>. Acesso em 21 de abril de 2015.

MONTEIRO, Charles. **Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950**. *Revista Brasileira de História*, 2007, Vol. 27, n. 53, p. 159-176;

MORAES, Silva Andrea. **Um Estudo sobre anotações**. Série experimentando Teorias em Linguagens diversas. Experiência em Registro no Pibid Letras UFPE/ coordenação da série: Angela Paiva Dionisio. - Recife: Pipa Comunicação, 2014.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

NAKAMURA, Mariany Toriyama; CRIPPA, Giulia. **Fontes Oraís e o método de análise fotográfica oral: perspectiva de atuação do profissional da informação**. *Discursos fotográficos*. Londrina, v. 6, n. 9, p. 77-101, jul/dez 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/6635/7025>. Acesso em: maio de 2015.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Educação e Cultura: as escolas do campo em movimento**. Fragmentos de Cultura, Goiânia: UCG-Ifiteg, v. 12, n. 3, p. 453-469, maio/jun. 2002.

NICOLIELO, Bruna. **Nova Escola**. Fotografias que inspiram contos. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/fotografias-inspiram-contos-producao-texto-escrita-797181.shtml>>. Acesso 20/04/2015 às 8: 53.

OLIVEIRA, S. **Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 47(1): 91-117, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132008000100006#>. Acesso em: agosto de 2014.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PENA-VEIGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. (org.). **O Pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. 2.ed. São Paulo. CERVE/FFLCH/USP, 1983.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. **Por uma linguística crítica: Linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **“O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical?”**? Tradução de Almiro Pissetta. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n3/v36n3a08.pdf>>. Acesso em: 21 de abril de 2015.

ROJO, Roxane(org.). **Escola Conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Hipermodernidade, multiletramento e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo [orgs.]. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora do brasiliense, 2012.

_____. **As novas linguagens e a educação.** Disponível em:
<<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/651/lucia-santaella-as-novas-linguagens-e-a-educacao.html>>. Acesso em 04/10/2015.

SANTANA, Ana Lucia. **Semiótica.** Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/filosofia/semiotica/>>. Acesso em março de 2015as 16: 55.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. **A concepção de texto e discurso para semiótica social e o desdobramento de uma leitura multimodal.** Disponível em:<<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/10/Santos.pdf>>. Acesso em: 17/08/2014 às 00:58.

SILVA. T.T. da. **Identidade e diferença.** Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVA, da Anielson Barbosa; GODOI, Christiane Kleinübing; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo. **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais – Paradigmas, Estratégias e Métodos.** – [2ªed.]. São Paulo: Saraiva, 2010.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento: ensino fundamental: livro 2.** São Paulo: Moderna, 1999.

_____. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos.** Artigo publicado pela revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004, pela Artmed Editora. Disponível em <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>>. Acesso em agosto de 2014.

SONTAG, Susan. **Sobre la fotografia.** Alfaguara, México, 2006.

SPRADLEY, James P. **The ethnographic interview.** Australia: Wadsworth Thomson Learning, 1979.

STABLEIN, R. **Dados em estudos organizacionais.** In: CLEGG, S. R. ET AL. (Org). Handbook de estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 2001.

TFOUNI, L. V. (1992a). **O dado como indício e a contextualização:** Do(a) pesquisador nos estudos sobre compreensão da linguagem. D.E.L.T.A., 8(2), 205-223.

Van LEEUWEN, T. **Introducing Social semiotics.** New York, Routledge Press, 2005.

VIEIRA, Josenia Antunes [et al]. **Reflexões sobre a Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. (Coord.). **História falada:** memória, rede e mudança social. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

ZAMBON, Michele, LOPES, Dirce Vasconcellos. **A fotografia como modo de representação da identidade:** dos cartões de visita de Disdéri ao ciberespaço. Discursos fotográficos, Londrina, v.3, n.3, p.29-54, 2007.

ANEXOS

ANEXO A- Outras fotografias das visitas

Sítio Boa Vista



Sítio Gereba





Conjunto Residencial Armando Lyra



Bairro Centro



ANEXO B - Produções Textuais dos alunos

12/08/14

Um boceado de fomeiro

A história que vou contar é a de um poeta vencedor, e a minha história. Sou Waldemar Mattias Perreira Soares no pitio tatu da Impulmas em São José da Lagoa uma pequena cidade alageana.

Um dia desses, alunos de uma escola pública municipal de minha cidade natal, me chamaram para fazer comigo uma entrevista.

As perguntas que fizeram foram magníficas, e levaram-me de volta ao passado, que agora vou contar para vocês.

Da minha infância, pouco me lembro, mas um fato recordo daquele tempo nunca poderei esquecer; a morte de minha querida mamãe.

Todas aquelas pessoas, reunidas em volta de um caixão, com minha mamãe dentro, um pouco pálida, mas sem assim deixar de ser linda. Eu era muito pequeno, não entendia, que ali tinha perdido uma das pessoas mais especiais de minha vida.

Fui criado pelo meu pai, e



minha madrinha, que mim
deram um pouco de educação. Mas
ninguém nunca preencheu o espa-
ço vazio de minha mamãe.

Como toda criança, de brincar
eu gostava muito, e que tempo bom
era aquele, brincava de grilo, palha-
ço e outras brincadeiras de criança.

A escola naquela época, era
um pouco diferente a professora
não gostava de aluno desobedientes,
e quando fazíamos algo de errado
a régua estralava na mão da gente.

Na minha adolescência, me acon-
teceu uma tragédia, meu papai
morreu. Eu tinha apenas 14 anos de
idade quando isto aconteceu, aca-
bei indo morar na sua vezinha, sem
ninguém.

Como eu não tinha estudado até
o 4º ano, o mundo foi quem mim
ensinou a viver. Mim ensinou a
ler, mim ensinou tudo. O mundo
abaixo de Deus nada mais.

Viagi muito, e lá morei em
diversas cidades lindas: algumas
delas são, Santa Catarina, Bahia
e Rio de Janeiro; Mas nunca dei
valor a nada que mim pudesse

fazer mal (drogas, bebida etc...)

Mas a saudade apertou, e eu não aguentei, voltei a minha vida de natal. Minha querida vida de natal, São José da Laje.

Ela já foi conhecida como a princesa das fronteiras, por ter belos prazos por ser a mais galante, entre outras qualidades. Hoje ela tem um seu deuses, mas mesmo assim tenho orgulho de dizer que sou baiano.

Fui jovem, namorei, tive filhos, e vou completar 80 anos de idade, um becado de faneiro.

Mas nada disso, teria conseguido sem Deus, o nosso pai, por que Deus é mais que tudo, ele é nosso tempo precioso.

Já vi o resultado de uma entrevista, lembrei a minha história o meu passado, mas o tempo pode passar, tenho certeza de que nunca esquecerei de minha mãe, meu pai, e de tudo isso que mim aconteceu.

Nunca esquecerei dos momentos bons que vivi, dos aprendizados, e das lições que a vida me deu. Nem dos obstáculos vencidos, com a ajuda de Deus. Nunca esquecerei!



dia . . .
S T Q Q S S D

A vida de um poeta

Sou um divertido homem da 3ª idade meu nome é Waldemar Matias Pereira; Vou completar 80 anos, já sofri muito nessa vida, nasci no sítio Tatu da Inhuma em São José da Baía e Vou lhes contar um pouco da minha história.

Na minha infância brinquei muito de esconde-esconde, de galhaco e de gulo era assim que eu me divertia com meus amigos.

Perdi a minha mãe com 4 anos senti e ainda sinto muita falta dela foi criado pela minha madasta que me ensinou um pouco de educação.

comecei a estudar com 13 anos estudei do 1º ao 4º; naquela época tinha português, matemática, geografia e manuscrito. Quando completei 14 anos perdi meu pai não foi fácil eu fiquei jogando na rua como um objeto que não prestava mais.

mas dei a voltar por cima nunca fiz nada de errado não me envolvi com drogas, arrumei emprego, fui embora morar em outras cidades, Paraná, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul mas voltei para São José da Baía para minha terra.

Na minha cidade eu me divertia no carnaval, no São João, desfile de 7 de setembro, na virada do ano, ia

data

S T Q Q S S D

para o cinema que ficava na onde
hoje é a Higien não agora como era
em essa época.

Hoje sou um poeta tenho 562 livros
era estudante e 3110 poesia escritas
nas não foi fácil chegar foram muitas
dificuldades, mas eu não desistir do meu
sonho lutei com fé em Deus e amor
e oração eu conseguir.

Gracielly Inacio do nascimento.

Minhas Memórias como filme de Linuma

Como num filme de Linuma vou contar um pouco da minha vida. Para isso, vamos viajar em um carro chamado memória. James Lee: Meu nome é Waldemar Matias Pereira, nasci no povoado Tatu das Imbuabas, vou fazer 80 anos em um beco de Jamino e tenho 7 irmãos.

A minha mãe faleceu quando eu tinha 4 anos de idade, depois meu pai cursou uma modastra que era um pouco de educação; depois meu pai também faleceu e fui jogado na rua como lixo o mundo não ensinou a ser homem.

Já mori em muitas cidades como: Rio de Janeiro, Santa Lotarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo dentre outras, depois eu voltei a minha cidade natal onde trabalhei ao lado de Guerra (TG) e depois trabalhei na casa de misericórdia em Maciá.

Frequentei a escola aos 11 anos era um bom aluno, na minha época usava a Palmatória, hoje não é mais assim. Naquela época estudávamos as matérias de Português, Matemática e Manuscrito. Estudei até a quarta ano Primário hoje quarta série do Ens. Fundamental.

data

S T Q Q S S D

Minhas Memórias como filme de Linuma

Como num filme de Linuma vou contar um pouco da minha vida. Para isso, vamos viajar em um carro chamado memória. James Lee: Meu nome é Waldemar Matias Pereira, nasci no povoado Tatu das Imbuínas, vou fazer 80 anos em um beco de Jamino e tenho 7 irmãs.

A minha mãe faleceu quando eu tinha 4 anos de idade, depois meu pai cursou uma modastra que me deu um pouco de educação; depois meu pai também faleceu e fui jogado na rua como lixo o mundo me ensinou a ser homem.

Já mori em muitas cidades como: Rio de Janeiro, Santa Lotarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo dentre outras, depois eu voltei a minha cidade natal onde trabalhei ao lado de Guerra (TG) e depois trabalhei na casa de misericórdia em Maciá.

Frequentei a escola aos 11 anos era um bom aluno, na minha época usava a Palmatória, hoje não é mais assim. Naquela época estudávamos as matérias de Português, Matemática e Manuscrito. Estudei até a quarta ano Primário hoje quarta série do Ens. Fundamental.

12 . 08 . 14



* a igreja destruíram para fazer um padaria as
 * process mudarem era tudo com árvores, flores
 * muitos namorados ficaram namorando.
 * Através de muito carinho de nosso
 * município de São José da Lapa depois dos missho
 * Conferência de Saúde eu o Senhor (coloca bronca)
 * mim tornei um símbolo do Trabalho da Saúde
 * em nossa cidade.
 * No dia 9 de agosto de 2001 ficou marcado na
 * vida e na história de São José da Lapa eu o
 * velho (coloca bronca) fui homenageado pelo go-
 * vernador o agente comunitário mais velho em
 * de a cidade do Brasil
 * E depois mim tornei um poeta de São
 * José da Lapa já fiz muitas poesia da nossa cidade
 * e fiz um livro vou deixar o nome do meu
 * livro para escolher melhor (O mundo é o grande
 * mestre)

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

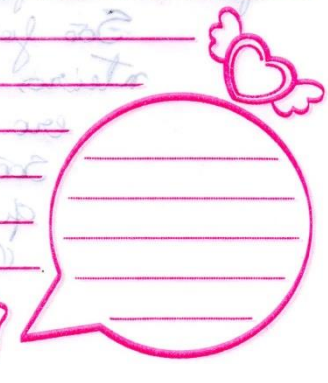
Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.

Handwritten text on a lined background, partially obscured by decorative elements.



12 . 08 . 14



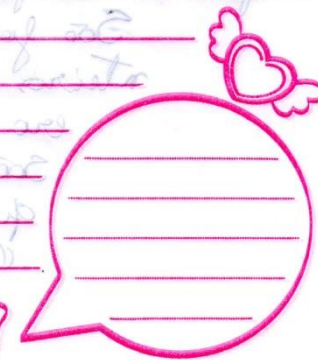
As casas destruíram para fazer um padaria as
proças mudarem era tudo com árvores, flores
muitos namorados ficaram namorando.

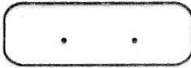
Através de muito carinho de nosso
município de São José da Lapa depois dos mishe
Conferência de Saúde eu o Senhor (coloca bronca)
mim tornei um símbolo do Trabalho da Saúde
em nossa cidade.

No dia 9 de agosto de 2001 ficou marcado na
vida e na história de São José da Lapa eu o
velho (coloca bronca) fui homenageado pelo go-
vernador o agente comunitário mais velho em
de atividade do Brasil

E depois mim tornei um poeta de São
José da Lapa já fiz muitas poesia da nossa cidade
e fiz um livro vou deixar o nome do meu
livro para escolher melhor (O mundo é o grande
meu)

Neide Jayme





felhos e com a minha mulher formei uma família.

— fim esse e o meu historico, Waldemar matias Pereira.

fermento Benedito do grupo do Selva e amado

data

S T Q Q S S D

Minhas Memórias como filme de cinema

Como num filme de cinema vou contar um pouco da minha vida. Para isso, vamos viajar em um carro chamado memória. James Lee: Meu nome é Waldemar Matias Pereira, nasci no povoado Tatu das Inhumas, vou fazer 80 anos em um beco de Jamiro e tenho 7 irmãs.

A minha mãe faleceu quando eu tinha 4 anos de idade, depois meu pai cursou uma modastra que era um pouco de educação; depois meu pai também faleceu e fui jogado na rua como lixo o mundo não ensinou a ser homem.

Já mori em muitas cidades como: Rio de Jamiro, Santa Lotarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo dentre outras, depois eu voltei a minha cidade natal onde trabalhei ao lado de Guerra (TG) e depois trabalhei na casa de misericórdia em Maciá.

Frequentei a escola aos 11 anos era um bom aluno, na minha época usava a Palmatória, hoje não é mais assim. Naquela época estudávamos as matérias de Português, Matemática e Manuscrito. Estudei até a quarta ano Primário hoje quarta série do Ens. Fundamental.

Hoje sou Paula, tenho 568 livros pra estudar 3110 poesias, 57 cordões, 1 livro publicado o título é "O Mundo é grande mesmo" e várias histórias do município. Hoje você do lugar era conhecida como "Bimléia das fronteiras", nos dias atuais não se vê mais isto, afinal não se vê famílias fazendo Requinte perto do Rio Corubi, as coisas mudaram e ora fica a título "Bimléia das fronteiras" isso já não é mais voluntário.

Naquela época era muito diferente de hoje em... Para se divertir existia o Clube gente moça e menino, no dia sete de setembro não podia faltar, nem sequer um aluno sem desfilor.

Para namorar primeiro nos Paróquias na casa da moça se ela desse sinal aí eu pensava aquela garota mim quer, depois de quatro dias eu perguntava quer namora comigo.

Antigamente era muito difícil ver uma moça de 14;15 anos namorando hoje nem menina com 14 anos aparecendo grávida ora está a educação de hoje.

Para ensinar disse a mensagens pra vocês falem de hoje é "Deus acima de tudo".

Aluno: Dayan Lima dos Santos

ANEXO C - OUTROS POEMAS DO POETA LAJENSE

Por isto eu sou eleitor 1473

seu moço por favor
me der um pouco de atenção,
é um direito que temos,
de exigir meu patrão,
o senhor não estar fazendo favor,
é sua obrigação.

Moço aqui tem folclore,
Tem poeta e tem cantor,
Romancista e jornalista
Advogado e pesquisador
Tem juiz e barareu
Prefeito e vereador.


Precisamos de um museu,
Para arquivar o passado,
Uma casa para cultura,
Para termos tudo guardado,
Para nossos filhos e netos,
Conhecerem nosso passado.

Nosso Município já foi,
Uma terra de riquezas,
Hoje vive na mizéria,
No véu negro da pobreza,
Será que vai ser por toda vida,
E continuar-mos na incertesa.

Moço é um direito ,
Que eu tenho de cobrar,
Por isto sou eleitor,
E sou obrigado votar,
Não quero seu dinheiro,
Quero ver você trabalhar.

Não quero roupa nem sapatos,
Rádio nem Televisão,
Quero que o senhor trabalhe,
Para o bem da população,
É isto que nós queremos,
Chega de corrupssões.

24 de Junho de 2006


Waldemar Matias pereira
Poeta lajense.

Perfume de Cada Lar 62

Cada mãe é uma flor,
Que perfuma cada lar,
É um espírito de candura,
Que vive a acariciar,
O fruto do seu Amor ,
A cada dia que passar.

O carinho da mamãe
Não podemos comparar,
Este carinho é eterno,
Jámais se apagará,
É uma rosa que facina,
Clareando todo lar.

Nas entranhas da mamãe,
O meu corpo se criou,
Foram nove meses de sofrimentos,
Que a mamãesinha passou,
Carregando em seu ventre,
O fruto do seu amor.

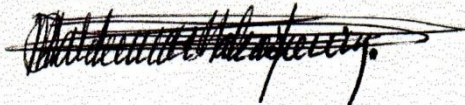
As mães do universo,
Quero homenagear,
Pela passagem do seu dia,
Que a paz possa levar,
Muito carinho e amor,
A rainha de cada lar.

Adoro a mamãe ,
Por ela tenho paixão,
Eu amo a mamãesinha,
Com muita dedicação,
Por isto entrego eá ela ,
Alma vida e coração.

Cada mãe é uma rosa,
Cada mãe é uma flor,
Cda flor é um carinho,
Cada carinho um amor,
Cada amor é um fruto,
Cada fruto é uma vida,
Da vida que Deus criou.

9 de Maio de 1980

Walldemar Matias Pereira



O passado e o Presente 1587

Voce sabe o que é Cultura,
Então procure entender,
Cultura e educação,
Ensina uma população a crescer
Desenvolvendo a mente,
Fazendo uma geração crescer.

Fala dos nossos costumes,
Da vida anterior,
De poesias e contos,
Que os antepassados contou,
Ou história do nosso folclore,
De algo que se passou.

Cultura é um exemplo,
De nossa sociedade,
Que faz rever o passado,
De uma antiga idade,
De um povo ou de uma nação,
Isto é cultura na verdade.

Procure seus filhos e netos,
E conte sua vivencia,
Por exemplo a educação,
É um Don da inteligência,
O que você aprendeu ontem,
Hoje pode ser ciência.

Isto se chama cultura,
O passado pode ser presente,
O ontem para o hoje,
O futuro depende do passado,
Pois conta muitas coisas para a gente,
É o velho olhando para traz,
E o novo olhando para frente

8 de Novembro de 2006


Waldemar Matias Pereira.

Era Terço Todo Dia 1808

Vivo a vida sonhando,
Com os velhos tempos passados,
De algumas coisas remotas,
Que no cérebro tenho guardado,
Tantas coisa faz lembrar,
Aqueles tempos atrasados.

Não existia geladeira,
Guarda roupa nem fogão,
Cama nem ferro elétrico,
Rádio nem Televisão,
Sofá e nem cadeira,
Pobre sentava no chão.

Carro não existia,
O transporte era cavalo,
O pobre vinha pra feira,
Com os pés cheios de calo,
As mulheres vestiam fustão,
Daqueles paninhos ralos.

Os homens vestiam amescla,
Póiva com farinha ou azulão,
Arranca touco ou aricubáca,
Criança usava timão,
Também não se vendia nada,
Fatura era de montão.

A luz era camdieiro,
Ou mingóla de algodão,
As panelas eram de barro,
Não tinha alumínio não,
Os pratos eram de estanho,
Pra gente comer feijão.

Quando cheguei calçar um sapato,
Eu já era rapagão,

ANEXO D - PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador Responsável: Rosiene Omena Bispo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37965314.6.0000.5013

Submetido em: 09/12/2014

Instituição Proponente: Universidade Federal de Alagoas

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal:	Financiamento Próprio
--------------------------------	-----------------------





MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

PROJETO DE PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

Projeto de Pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Informações Preliminares

Responsável Principal

CPF: 02153698405	Nome: Rosiene Omena Bispo
Telefone: (82) 9102-5241	E-mail: rosyomena31@hotmail.com

Instituição Proponente

CNPJ: 24.464.109/0001-48	Nome da Instituição: Universidade Federal de Alagoas
--------------------------	--

É um estudo internacional? Não

Área de Estudo

Grandes Áreas do Conhecimento (CNPq)

- Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes

Título Público da Pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Contato Público

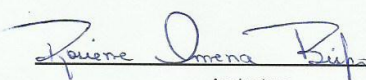
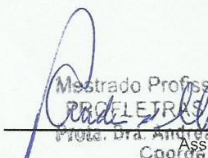
CPF	Nome	Telefone	E-mail
02153698405	Rosiene Omena Bispo	(82) 9102-5241	rosyomena31@hotmail.com

Contato Rosiene Omena Bispo



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL		2. Número de Participantes da Pesquisa: 50	
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Rosiene Omena Bispo			
6. CPF: 021.536.984-05		7. Endereço (Rua, n.º): Rua Tiradentes, n 15 Tijuca SAO JOSE DA LAJE ALAGOAS 57860000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: (82) 9102-5241	10. Outro Telefone:
		11. Email: rosyomena31@hotmail.com	
12. Cargo:			
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>10 / 10 / 2014</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
13. Nome: Universidade Federal de Alagoas		14. CNPJ: 24.464.109/0001-48	15. Unidade/Órgão:
16. Telefone: (82) 3214-1041		17. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Andréia da Silva Pereira</u>		CPF: <u>172353558-32</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenadora do PROFLETRAS</u>			
Data: <u>10 / 10 / 2014</u>		 Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS - FASE FINAL Profa. Dra. Andréia da Silva Pereira Coordenadora Assinatura SAJE 1836464	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			



TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente.

Você pode escolher se deseja ou não participar. Discutimos essa pesquisa com os seus pais e/ou responsáveis e eles sabem que nós também estamos pedindo a sua concordância.

Seus pais ou responsáveis legais concordam que você participe desta pesquisa, mas não tem nenhum problema se você não quiser participar ou se quiser desistir durante a avaliação e/ou o tratamento dos dados a serem coletados. Usaremos fotografia, áudio, entrevista e portfólio para coleta de dados.

Essa avaliação e/ou tratamento visa apenas refletir sobre a nossa época, nas mudanças ocasionadas pelo advento da tecnologia, as transformações sociais e econômicas, as formas como interagimos e como vemos e projetamos tudo a nossa volta, na relação que o sujeito tem com o corpo e como isso pode influenciar na formação de sua identidade é considerado (a) seguro (a). Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;

Que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto ao responsável pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre profissionais estudiosos do assunto.

Caso você se sinta desconfortável ou incomodado você pode nos procurar pelo telefone (82) 9102-5241 da pesquisadora Rosiene Omena Bispo. Mas há coisas boas que podem acontecer como histórias de vidas diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e ou vivem e outros tantos aspectos que precisam ser consideradas no currículo escolar para que este contribua na construção identitária do sujeito tomado seu aprendizado significativo.

Para participar da referida pesquisa, não há nenhum valor econômico, a receber, nem a pagar. E, se houver qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa poder ser indenizado(a), podendo ser encaminhado a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido conforme orienta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Não daremos a estranhos as informações que você nos der. Se quiser, você tem o direito de saber os resultados da sua avaliação e/ou tratamento. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.


Você gostaria de participar da pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXERÊNCIA COM ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL? Caso concorde com o que leu e foi explicado, preencha os dados abaixo:

Eu _____

entendi que posso dizer "sim" e participar dessa pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir que ninguém vai ficar bravo, decepcionado ou triste comigo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste documento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do menor:


Assinatura do pesquisador(a):

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e / ou por seus representantes legais manifeste sua anuência à participação na pesquisa.” (resolução, nº 466/12-IV, Conselho Nacional de Saúde).

.....neste ato representado por mim,mãe/ pai e ou representante legal está sendo convidado a participar de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: Promover a reflexão sobre a identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que os educandos aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente.

- O Projeto se destina a propor atividades que envolvam a múltipla linguagem como proposta do multiletramento para verificar sua possível contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos nos processo por meio da efetivação de um plano de trabalho e está sendo realizado porque é no contexto de sala de aula que encontramos não apenas um, mas, vários alunos envolvidos em múltiplas práticas sociais, com expectativas que atribuem sentidos díspares ao lazer, a cultura, ao conhecimento.
- Com histórias de vidas diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e ou vivem e outros tantos aspectos que precisam ser consideradas no currículo escolar para que este contribua na construção identitária do sujeito tornado seu aprendizado significativo.
- A sua participação no referido estudo será no sentido de realizar atividades que envolvam as múltiplas linguagens como proposta do multiletramento para verificar sua possível contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos nos processo por meio da efetivação de um plano de trabalho.
- Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como: melhorar as condições de vida social, possibilitar que ele leia e ou produza textos multimodais incorporando histórias sociais e culturais, contextos atuais e ações dos produtores de signos sobre o contexto comunicativo.



- Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, os incômodos que poderei sentir com a minha participação são os seguintes: alguma particularidade da vida do meu representado seja exposta; Que os possíveis riscos à sua saúde física e mental são: riscos mínimos, pode ficar inibido e/ou pode perder o equilíbrio psicológico.
- Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo.
- Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo.
- Que não haverá nenhuma despesa para mim
- Que eu receberei uma via assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
- Que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é Rosiene Omena Bispo, vinculada a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e com ela poderei manter contato pelos telefones:
(82) 3285-1322
(82) 9102-5204
- É assegurada a assistência do meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.

De igual maneira, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo, este será



reparado, conforme determina a lei, podendo ser encaminhado para a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA.

Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a) _____	
Identidade: _____	Órgão Expedidor: _____
Data de Nascimento: ____ / ____ / ____	Naturalidade: _____
Endereço: _____	Nº: _____ Compl: _____
CEP: _____ - ____	Cidade: _____ Estado: ____ Telefone: (____) _____
Responsável Legal (se aplicável): _____	
Identidade: _____	Órgão Expedidor: _____
Data de Nascimento: ____ / ____ / ____	Naturalidade: _____
Endereço: _____	Nº: _____ Compl: _____
_____ Telefone _____	
CEP: _____ - ____	Cidade: _____ Estado: ____ Telefone: (____) _____

Endereço d(os,as) responsável(is) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):
Instituição: Rosiene Omena Bispo (pesquisadora responsável)
Endereço: Rua Tiradentes nº 15
Bloco: /Nº: /Complemento:
Bairro: Tijuca /CEP : 57860-000/Cidade: São José da Laje/ AL
Telefones p/contato: (82) 91025204



ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
Prédio da Reitoria, 1º Andar , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
Telefone: 3214-1041

Maceió, de de 2014.

Assinatura Dactiloscópica	
Voluntário	Representante Legal

Voluntário

Representante Legal

Rosiane Idiana Buike

Pesquisador Responsável

AUTORIZAÇÃO

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
 PROFESSOR BENÍCIO BARBOSA
 Resolução Nº 38/2011 - CEEJAL e Portaria
 Nº 028/2012 no D. O. E em 28/01/2012

Eu, Leeci Santália de Oliveira abaixo assinado, responsável pela Escola Municipal Professor Benício Barbosa, autorizo a realização do Projeto de Pesquisa intitulado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, a ser conduzido pela pesquisadora abaixo relacionada. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela envolvidos, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Maceió, de de 20.....

Leeci Santália de Oliveira

Assinatura e carimbo do responsável institucional

Leeci Santália de Oliveira
 Diretora
 Portaria 007/2012

PESQUISADORA
 Roslene Omena Bispo

MULTILETRAMENTOS, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

Essa pesquisa se desenvolve numa escola pública municipal, localizada no município de São José da Laje, região da Mata Alagoana. O objetivo geral é promover a reflexão sobre a identidade como uma abordagem de ensino baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que os educandos aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente. Os objetivos específicos são: a) reconstruir a história local e resgatar a identidade do aluno, do bairro, povoado e/ou sítio; b) investigar de que maneira a escola atende as necessidade de uso efetivo da linguagem dos seus educandos na comunidade que eles se inserem; c) verificar como as identidades dos alunos são construídas e reveladas por meio de atividades multimodais. Os procedimentos metodológicos serão subsidiados por narrativas de vida e na abordagem etnográfica, conectados a perspectiva dialógica-discursiva para estudo da linguagem movida pela inspiração bakhtiniana. Entre os instrumentos de coletas de dados estão: entrevistas gravadas em áudio com pessoas da comunidade, fotografias dos participantes e do lugar aonde vivem e seu entorno: escola, bairro, povoado e/ou sítio. As fontes primárias: os diários de bordo dos participantes, o diário de bordo do pesquisador: conversas informais com os pais de alunos, seus familiares e vizinhos. Esta investigação, vinculada ao projeto em andamento intitulado: Multiletramento, História e Identidade: uma experiência com alunos do ensino fundamental tem como meta tornar real, através do ensino da língua o melhoramento da ação comunicativa, explorando uma aprendizagem social.

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa se propõe a investigar como o trabalho com os multiletramentos pode auxiliar na construção da identidade dos alunos do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, localizada no centro da cidade de São José da Laje – na região da Mata Alagoana que recebe alunos oriundos de diferentes bairros, povoados e sítios vizinhos na modalidade Ensino Fundamental II e EJA – Educação de Jovens e adultos do segundo segmento, funcionando nos turnos: matutino, vespertino e noturno. Os alunos da referida instituição cursam o 8º ano e ainda apresentam dificuldades no tocante ao uso da língua materna. Na comunicação oral apresentam uso restrito e apenas coloquial; na comunicação escrita apresentam dificuldades que vão desde a grafia das palavras a ordenação coerente das ideias para se fazer compreender. Quando instigados a falarem sobre suas projeções para o futuro, apenas alguns já traçaram metas, a maioria não tem perspectiva nenhuma.

Todos esses alunos e seus modos de ser e perceber o mundo se misturam no contexto de sala de aula. É na sala de aula que encontramos não apenas um, mas vários alunos envolvidos em múltiplas práticas sociais, com expectativas que atribuem sentidos díspares ao lazer, a cultura, ao conhecimento. Com histórias de vida diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e/ou vivem e outros tantos aspectos que estão entrelaçados e precisam ser considerados no currículo escolar do aluno para que este contribua na construção identitária do sujeito tornando seu aprendizado mais significativo. E no que se refere à aprendizagem significativa teoria e prática devem ser trabalhadas conjuntamente com a finalidade de alcançar um equilíbrio que traga benefício à sociedade.

Partido desse pressuposto e tomando como referência a linguagem – alicerce que esteia toda a vida social – esse projeto de pesquisa por meio de um plano de ensino onde são sugeridas atividades que envolvem múltiplas linguagens como propostas do multiletramento para verificar sua possível contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos.

REVISÃO DA LITERATURA

A linguagem é hoje o alicerce que esteia toda a vida social, pois precisamos dela nos mais variados âmbitos e nem sempre a linguagem verbal dá conta para expressarmos todas as nossas intenções, nem tão pouco a linguagem não verbal, sendo necessário que façamos uso de uma e de outra e em determinados contextos, uma linguagem mista para fazer significar nossas intenções linguísticas. SIGNORINI, (1998, p. 336) destaca que “a construção da identidade está baseada na heterogeneidade e na polifonia da linguagem, isto é, na integração de elementos contraditórios”.

Para Bakhtin (1988), a linguagem é uma atividade social, semiótica, axiológica, tem caráter dialético-dialógico, é produto da interação humana. Tais constatações nos remetem à origem histórica da escrita em seus diferentes suportes e na transmutação dos gêneros de discurso. Estes são no conceito bakhtiniano, “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p.262), elaborados por cada campo de utilização da língua.

A proposta aqui apresentada busca contribuir através de um plano de ensino que valoriza e reconhece a abertura de novos campos de investigação na área da Linguística Aplicada que aponta não apenas a concepção de letramentos, mas de multiletramentos considerando que a concepção de letramento precisa ser repensada pela escola. Na visão de

Dionísio, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa “capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem” (DIONÍSIO, 2006, p. 131). Para isso defende um letramento plural que concilie o letramento imagético (signo visual) e o letramento da escrita (signo verbal), corrobora Karworki, Gaydeczka, Brito (2011, p. 139).

No âmbito das pesquisas várias contribuições têm sido dadas em relação aos novos letramentos, contudo, quase sempre estão voltados para fins pedagógicos do ensino de língua. Esse projeto busca fugir daquilo que convencionalmente é feito na escola nas aulas de Língua Portuguesa incorporando também o uso da imagem. Dizem: “Na sociedade contemporânea, a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática de letramento da imagem, do signo visual”. Um plano de ensino na disciplina de Língua Portuguesa, cuja temática é Multiletramentos, história e identidade: uma experiência com o ensino fundamental busca antes de tudo fugir de uma abordagem convencional de texto para considerar uma proposta que vem se delineando na contemporaneidade. Vieira (2007, p. 28) diz que:

“Na verdade, o que de fato o ensino em geral carece é um modo inteligente de articular o Ensino de Língua Portuguesa com o texto [...] e que os professores devem trabalhar com uma variedade significativa de gêneros e de tipos textuais, incluindo também o texto multissemiótico”.

De acordo com Rojo (2006, p. 585), "um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática". A autora ressalta, ainda, que para alcançar tal objetivo a educação linguística deve contar com diferentes tipos de letramentos: multiletramentos, letramentos multissemióticos e os letramentos críticos e protagonistas.

A alternativa de trabalho com multiletramentos considera principalmente que: “Em um design de currículo pluralista, culturas e identidades dos aprendizes devem fazer parte da construção do conhecimento” ROJO (2013, p. 137).

OBJETIVOS

Geral:

Promover a reflexão sobre a identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que os educandos aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente.

Específicos:

1. Reconstruir a história local e resgatar a identidade do aluno, do bairro, povoado e ou sítio;
2. Investigar de que maneira a escola atende as necessidade de uso efetivo da linguagem dos seus educandos na comunidade que eles se inserem;
3. Verificar como as identidades dos alunos são construídas e / reveladas por meio de atividades multimodais.

METODOLOGIA**1. Pressupostos teóricos metodológicos**

Pesquisar é ir à busca de conhecimento, contribuir para o avanço científico e o desenvolvimento social. A pesquisa científica se processa através de um método investigativo que produz relevantes resultados para os sujeitos que a realiza e para a sociedade na qual se desenvolve.

Quanto à natureza pode ser quantitativa ou qualitativa. Stablein (2001) salienta que a distinção entre uma e outra está na separação entre representações numéricas e não numéricas. Não tenciono me deter nessa questão, a mim basta considerar o que nos diz André (2005, p. 25), [...] “a necessidade agora é ir além, ultrapassar essa dicotomia qualitativo-quantitativo e tentar encontrar respostas para as inúmeras questões com que nos defrontamos diariamente” [...].

Porém, sendo a natureza dessa pesquisa qualitativa, e esta, por conseguinte apresentando vários tipos, destaco dentre eles a pesquisa etnográfica como escolha e qual sua conexão com educação.

Segundo, ANDRÉ, (2005, p. 27) “Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Desenvolvida pelos antropólogos pra pesquisar a cultura e a sociedade quando esses resolveram investigar em campo a cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados).

No campo educacional, a pesquisa etnográfica tem traços distintivos da etnografia desenvolvida no campo da antropologia. Enquanto antropólogos se dedicando às questões supracitadas, a educação tem foco principal no processo educativo, além do que, os pesquisadores não precisam seguir a risco os mesmos critérios adotados pela antropologia,

principalmente no tocante ao tempo de pesquisa em campo. E, sobre isso o autor supracitado enfatiza que o que se tem feito em Educação é uma adaptação da etnografia.

Fazer uso desse método imputa ao pesquisador o papel principal na coleta e análise dos dados. Os problemas a serem pesquisados emergem do contexto educacional, do cotidiano ativo, pulsante de sala de aula, da real necessidade dos sujeitos na busca por garantir condições mais propícias à aprendizagem dando relevância ao objeto da pesquisa. E, nesse processo o ambiente escolar e a educação são pensados e concebidos como processo social, histórico e cultural.

O interesse pela pesquisa etnográfica no campo educacional tem seu ápice por volta dos anos 80. Até então, as pesquisas voltavam-se para registrar a interatividade comportamental entre professor e aluno e vice e versa. Muitos problemas, porém foram apontados na coleta de dados por meio desse sistema.

Assim, para resolver essas questões que permeiam o ambiente educacional foi proposta uma metodologia aos moldes da antropologia, ou seja, uma pesquisa que envolvesse registro de campo, fotografias, gravações, com o intuito de [...] descrever a situação, compreendê-la, revelar seus múltiplos significados deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizadas. (ANDRÉ, 2005, p. 38)

Essa coleta de dados elencada por André permite documentar e desvelar as nuances do cotidiano de sala de aula, razões que justificam o uso da etnografia no âmbito escolar.

2. Coleta de dados

2.1 Descrição do local

Essa pesquisa transitará entre espaços distintos, a saber: a sala aula de aula de Língua Portuguesa de uma escola pública municipal localizada no centro da cidade de São José da laje e com base no enfoque etnográfico, irá aos bairros e sítios onde os participantes vivem para revelar realidade de uma sala de aula de 8º ano do Ensino Fundamental.

2.2 Datas

O projeto está previsto para acontecer entre julho de 2014 e maio de 2015 conforme cronograma.

2.3 Instrumentos de coleta de dados

- a) Fotos tipo *selfie* dos participantes;
- b) Diário de bordo dos participantes;
- c) Fotos das casas dos participantes, seus cantinhos favoritos, o entorno das suas casas, bairro, os familiares, os pontos de encontros, áreas de lazer.
- d) Diário de bordo do professor pesquisador: conversas informais com os pais, familiares e vizinhos dos participantes;
- e) Entrevistas gravadas em áudio com pessoas da comunidade.

2.4 Análise e Interpretação dos dados

Levando em conta as características da pesquisa qualitativa do tipo etnográfica citada por ANDRÉ (2005) onde o pesquisador interage com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado, onde os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, completando-os com informações coletadas de fontes diversas a fim de melhor compreendê-las, os dados coletados nessa pesquisa serão verificados por meio da análise dialógico-discursiva dos dados linguísticos considerando também as outras semióticas que constituirão o material.

2.5 Riscos:

Os riscos que a pesquisa apresenta à saúde física e mental dos participantes é ínfimo, a saber: eles podem ficar inibidos e/ou podem perder a estabilização psicológica.

3. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DIMENSIONADO PARA 1 (UM) ANO

Atividades	Meses												
	2014							2015					
	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
Estudo de conceitos da fundamentação teórica eleita para esse projeto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Participação ativa no projeto Multiletramento, história e identidade: uma experiência com alunos do ensino fundamental.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Diário de bordo do professor pesquisador: conversas informais com os pais, familiares e vizinhos dos participantes;								X					

Diário de bordo do aluno								X				
Fotos tipo selfie dos participantes;								X				
Fotos das casas dos participantes, seus cantinhos favoritos, o entorno das suas casas, bairro, os familiares, os pontos de encontros, áreas de lazer.								X				

ORÇAMENTO

Gastos com combustível/ transporte até os sítios, bairros: R\$ 800,00.

Gastos com alimentação: R\$ 300,00.

Gastos com impressão de documentos: R\$ 400,00.

REFERENCIAS

ABDALA, Lorena. **Eu, eu mesma e minha selfie**: moda e identidade na rede. Disponível em: http://www.ceart.udesc.br/anaisenpmoda/anais/2.07_lorena_abdala_eu_selfie.pdf. Acesso em 03/08/2014.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995/ 2008.

_____. **Pesquisa em Educação: Buscando o Rigor e Qualidade**. Cadernos de pesquisa n.113, junho/2001. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf>. Acesso em: 15 de julho 2014.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4ª ed. S.P.: Hucitec, 1988.

CALDEIRA, Anna Maria S. **A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 95, p. 5-12, nov. 1995.

DIONISIO, Ângela P. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) *Gêneros textuais reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma Linguística Crítica: Linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **“O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical?”**? Tradução de Almiro Pisetta. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. Parábola, 2003.

ROJO, R. H. R. **Alfabetização e letramento: sedimentação de práticas e (des)articulação de objetos de ensino**. *Perspectiva (UFSC)*, v. 24, p. 569-596, 2006.

_____. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. (org.). **Escola Conectada:** os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo [orgs.]. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SIGNORINI, Inês. **Figuras e modelos contemporâneos de subjetividade.** In: Língua(gem) e identidade. SIGNORINI, Inês (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

Termo de Assentimento assinado pelos alunos e Consentimento assinado pelos pais e/ou responsáveis



TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente.

Você pode escolher se deseja ou não participar. Discutimos essa pesquisa com os seus pais e/ou responsáveis e eles sabem que nós também estamos pedindo a sua concordância.

Seus pais ou responsáveis legais concordam que você participe desta pesquisa, mas não tem nenhum problema se você não quiser participar ou se quiser desistir durante a avaliação e/ou o tratamento dos dados a serem coletados. Usaremos fotografia, áudio, entrevista e portfólio para coleta de dados.

Essa avaliação e/ou tratamento visa apenas refletir sobre a nossa época, nas mudanças ocasionadas pelo advento da tecnologia, as transformações sociais e econômicas, as formas como interagimos e como vemos e projetamos tudo a nossa volta, na relação que o sujeito tem com o corpo e como isso pode influenciar na formação de sua identidade é considerado (a) seguro (a). Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;

Que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto ao responsável pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre profissionais estudiosos do assunto.

Caso você se sinta desconfortável ou incomodado você pode nos procurar pelo telefone (82) 9102-5241 da pesquisadora Rosiene Omena Bispo. Mas há coisas boas que podem acontecer como histórias de vidas diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e ou vivem e outros tantos aspectos que precisam ser consideradas no currículo escolar para que este contribua na construção identitária do sujeito tornado seu aprendizado significativo.

Para participar da referida pesquisa, não há nenhum valor econômico, a receber, nem a pagar. E, se houver qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa poder ser indenizado (a), podendo ser encaminhado a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido conforme orienta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Não daremos a estranhos as informações que você nos der. Se quiser você tem o direito de saber os resultados da sua avaliação e/ou tratamento. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Você gostaria de participar da pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL?

Caso concorde com o que leu e foi explicado, preencha os dados abaixo:

Eu _____ entendi que posso dizer “sim” e participar dessa pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar bravo, decepcionado ou triste comigo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste documento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2014

Gracielly Snacio do Nascimento

Assinatura do menor

Rosiene Omena Bispo

Assinatura do pesquisador(a)



TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente.

Você pode escolher se deseja ou não participar. Discutimos essa pesquisa com os seus pais e/ou responsáveis e eles sabem que nós também estamos pedindo a sua concordância.

Seus pais ou responsáveis legais concordam que você participe desta pesquisa, mas não tem nenhum problema se você não quiser participar ou se quiser desistir durante a avaliação e/ou o tratamento dos dados a serem coletados. Usaremos fotografia, áudio, entrevista e portfólio para coleta de dados.

Essa avaliação e/ou tratamento visa apenas refletir sobre a nossa época, nas mudanças ocasionadas pelo advento da tecnologia, as transformações sociais e econômicas, as formas como interagimos e como vemos e projetamos tudo a nossa volta, na relação que o sujeito tem com o corpo e como isso pode influenciar na formação de sua identidade é considerado (a) seguro (a). Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;

Que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto ao responsável pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre profissionais estudiosos do assunto.

Caso você se sinta desconfortável ou incomodado você pode nos procurar pelo telefone (82) 9102-5241 da pesquisadora Rosiene Omena Bispo. Mas há coisas boas que podem acontecer como histórias de vidas diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e ou vivem e outros tantos aspectos que precisam ser consideradas no currículo escolar para que este contribua na construção identitária do sujeito tornado seu aprendizado significativo.

Para participar da referida pesquisa, não há nenhum valor econômico, a receber, nem a pagar. E, se houver qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa poder ser indenizado (a), podendo ser encaminhado a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido conforme orienta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Não daremos a estranhos as informações que você nos der. Se quiser você tem o direito de saber os resultados da sua avaliação e/ou tratamento. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Você gostaria de participar da pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL?

Caso concorde com o que leu e foi explicado, preencha os dados abaixo:

Eu _____ entendi que posso dizer “sim” e participar dessa pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar bravo, decepcionado ou triste comigo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste documento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2014

Cromillean Vieira da Silva

Assinatura do menor

Rosiene Omena Bispo

Assinatura do pesquisador(a)



TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente.

Você pode escolher se deseja ou não participar. Discutimos essa pesquisa com os seus pais e/ou responsáveis e eles sabem que nós também estamos pedindo a sua concordância.

Seus pais ou responsáveis legais concordam que você participe desta pesquisa, mas não tem nenhum problema se você não quiser participar ou se quiser desistir durante a avaliação e/ou o tratamento dos dados a serem coletados. Usaremos fotografia, áudio, entrevista e portfólio para coleta de dados.

Essa avaliação e/ou tratamento visa apenas refletir sobre a nossa época, nas mudanças ocasionadas pelo advento da tecnologia, as transformações sociais e econômicas, as formas como interagimos e como vemos e projetamos tudo a nossa volta, na relação que o sujeito tem com o corpo e como isso pode influenciar na formação de sua identidade é considerado (a) seguro (a). Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;

Que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto ao responsável pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre profissionais estudiosos do assunto.

Caso você se sinta desconfortável ou incomodado você pode nos procurar pelo telefone (82) 9102-5241 da pesquisadora Rosiene Omena Bispo. Mas há coisas boas que podem acontecer como histórias de vidas diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e ou vivem e outros tantos aspectos que precisam ser consideradas no currículo escolar para que este contribua na construção identitária do sujeito tornado seu aprendizado significativo.

Para participar da referida pesquisa, não há nenhum valor econômico, a receber, nem a pagar. E, se houver qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa poder ser indenizado (a), podendo ser encaminhado a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido conforme orienta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Não daremos a estranhos as informações que você nos der. Se quiser você tem o direito de saber os resultados da sua avaliação e/ou tratamento. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Você gostaria de participar da pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL?

Caso concorde com o que leu e foi explicado, preencha os dados abaixo:

Eu _____ entendi que posso dizer “sim” e participar dessa pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar bravo, decepcionado ou triste comigo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste documento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____ de _____ de 2014

Roselyne Lima da Silva

Assinatura do menor

Rosiene Omena Bispo

Assinatura do pesquisador(a)



TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente.

Você pode escolher se deseja ou não participar. Discutimos essa pesquisa com os seus pais e/ou responsáveis e eles sabem que nós também estamos pedindo a sua concordância.

Seus pais ou responsáveis legais concordam que você participe desta pesquisa, mas não tem nenhum problema se você não quiser participar ou se quiser desistir durante a avaliação e/ou o tratamento dos dados a serem coletados. Usaremos fotografia, áudio, entrevista e portfólio para coleta de dados.

Essa avaliação e/ou tratamento visa apenas refletir sobre a nossa época, nas mudanças ocasionadas pelo advento da tecnologia, as transformações sociais e econômicas, as formas como interagimos e como vemos e projetamos tudo a nossa volta, na relação que o sujeito tem com o corpo e como isso pode influenciar na formação de sua identidade é considerado (a) seguro (a). Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;

Que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto ao responsável pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre profissionais estudiosos do assunto.

Caso você se sinta desconfortável ou incomodado você pode nos procurar pelo telefone (82) 9102-5241 da pesquisadora Rosiene Omena Bispo. Mas há coisas boas que podem acontecer como histórias de vidas diferentes a serem reveladas, marcadas pela composição do núcleo familiar, pelo lugar onde nasceram e ou vivem e outros tantos aspectos que precisam ser consideradas no currículo escolar para que este contribua na construção identitária do sujeito tornado seu aprendizado significativo.

Para participar da referida pesquisa, não há nenhum valor econômico, a receber, nem a pagar. E, se houver qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa poder ser indenizado (a), podendo ser encaminhado a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido conforme orienta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Não daremos a estranhos as informações que você nos der. Se quiser você tem o direito de saber os resultados da sua avaliação e/ou tratamento. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Você gostaria de participar da pesquisa: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL?

Caso concorde com o que leu e foi explicado, preencha os dados abaixo:

Eu _____ entendi que posso dizer "sim" e participar dessa pesquisa, mas que, a qualquer momento, posso dizer "não" e desistir que ninguém vai ficar bravo, decepcionado ou triste comigo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste documento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de _____ de 2014

Rosiane Raquel Vasconcelos Bispo

Assinatura do menor

Rosiane Bispo

Assinatura do pesquisador(a)

determina a lei (ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Art. 247,) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, podendo ser encaminhado para a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação do meu representado no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA.**

Endereço da responsável pela pesquisa (OBRIGATORIO):
 Instituição: Rosiene Omena Bispo (pesquisadora responsável)
 Endereço: Rua Tiradentes nº 15
 Bloco: Nº: /Complemento:
 Bairro: Tijuca /CEP : 57860-000/Cidade: São José da Laje/ AL
 Telefones p/contato: (82) 910252041

Endereço d(o, a) participante-voluntário (a) Iranio Rocha da Silva
 Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 10 / 05 / 2003 Naturalidade: União dos Palmares
 Endereço: Sítio Boa Vista Nº: _____ Compl.: _____
 CEP: _____ - Cidade: União dos Palmares Estado: AL Telefone: () _____

Responsável Legal João Basílio da Silva (se aplicável)
 Identidade: 853.227 Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 01 / 12 / 1966 Naturalidade: São José da Laje
 Endereço: Sítio Boa Vista Nº: _____ Compl.: _____ Telefone: _____
 CEP: _____ - Cidade: União dos Palmares Estado: AL Telefone: () _____

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Telefone: (82) 3214-1041 Fax: (82) 3214-1700 email: comiteeticaufal@gmail.com

Maceió, de de 2014.

Iranio Rocha da Silva
 Voluntário

João Basílio da Silva
 Representante Legal

[Assinatura]
 Pesquisador Responsável

Assinatura Dactiloscópica

Voluntário	Representante Legal

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e / ou por seus representantes legais manifeste sua anuência à participação na pesquisa." (resolução, nº 466/12-IV, Conselho Nacional de Saúde).

Geane Bernardo da Silva..... neste ato representado por mim,
Silvia Bernardo da Silva..... (mãe/ pai e ou representante legal) está sendo convidado a participar como

voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que os educandos aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente. E, recebi da responsável por sua execução, as seguintes informações que nos fez compreender sem dificuldade e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- O Projeto se destina a propor atividades que envolvam a múltipla linguagem – além da escrita manual (papel, lápis, caneta giz e lousa) e impresso (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, imagem, edição e diagramação;
- Que a importância desse estudo é a de ampliar o repertório cultural na direção de outros letramentos partindo das culturas de referência do alunado (local cultural e de linguagem por eles conhecidas);
- A participação no referido estudo será no sentido de realizar atividades que envolvam as múltiplas linguagens como proposta do multiletramento para verificar sua possível contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos no processo por meio da efetivação de um plano de trabalho;
- Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como: melhorar as condições de vida social, possibilitar que ele leia e ou produza textos multimodais incorporando histórias sociais e culturais, contextos atuais e ações dos produtores de signos sobre o contexto comunicativo;
- Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;
- Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo;
- E que alguma imagem que possa a vir a ser usada com fins acadêmicos receberá tratamento (efeito gráfico, tarja) descaracterizando-a de forma a não permitir a identificação do sujeito fotografado, direta ou indiretamente;
- Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo;
- Que não haverá nenhuma despesa para mim;
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é Rosiene Omena Bispo, vinculada a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e com ela poderei manter contato pelos telefones:
 - (82) 3285-1322
 - (82) 9102-5204
- É assegurada a assistência do meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de.....
- Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de... Na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.
- De igual maneira, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo, este será reparado, conforme

determina a lei (ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Art. 247,) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, podendo ser encaminhado para a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação do meu representado no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA.**

Endereço da responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):
 Instituição: Rosiene Omena Bispo (pesquisadora responsável)
 Endereço: Rua Tiradentes nº 15
 Bloco: /Nº: /Complemento:
 Bairro: Tijuca /CEP : 57860-000/Cidade: São José da Laje/ AL
 Telefones p/contato: (82) 910252041

Endereço d(o, a) participante-voluntário (a) _____
 Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 04/12/2000 Naturalidade: União dos Palmares.
 Endereço: Arminda Lyra Nº: 25 Compl.: "
 CEP: 11 - Cidade: São José da Laje Estado: AL Telefone: 091135164.

Responsável Legal Simone Bernardo da Silva (se aplicável)
 Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 05/03/1988 Naturalidade: São José da Laje
 Endereço: Muricelle Nº: " Compl.: " Telefone 991215567
 CEP: " - Cidade: São José da Laje Estado: AL Telefone: () "

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Telefone: (82) 3214-1041 Fax: (82) 3214-1700 email: comiteeticaufal@gmail.com

Maceió,..... de de 2014.

Glauce Bernarido da Silva Assinatura Dactiloscópica
 Voluntário

Simone Bernardo da Silva
 Representante Legal

[Assinatura]
 Pesquisador Responsável

Voluntário	Representante Legal

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e / ou por seus representantes legais manifeste sua anuência à participação na pesquisa." (resolução, nº 466/12-IV, Conselho Nacional de Saúde).

Juliana Raquel Vasconcelos Bins neste ato representado por mim,
Teremilda Correia Bins (mãe/ pai e ou representante legal) está sendo convidado a participar como

voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que os educandos aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente. E, recebi da responsável por sua execução, as seguintes informações que nos fez compreender sem dificuldade e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- O Projeto se destina a propor atividades que envolvam a múltipla linguagem – além da escrita manual (papel, lápis, caneta giz e lousa) e impresso (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, imagem, edição e diagramação;
- Que a importância desse estudo é a de ampliar o repertório cultural na direção de outros letramentos partindo das culturas de referência do alunado (local cultural e de linguagem por eles conhecidas);
- A participação no referido estudo será no sentido de realizar atividades que envolvam as múltiplas linguagens como proposta do multiletramento para verificar sua possível contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos nos processo por meio da efetivação de um plano de trabalho;
- Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como: melhorar as condições de vida social, possibilitar que ele leia e ou produza textos multimodais incorporando histórias sociais e culturais, contextos atuais e ações dos produtores de signos sobre o contexto comunicativo;
- Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;
- Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo;
- E que alguma imagem que possa a vir a ser usada com fins acadêmicos receberá tratamento (efeito gráfico, tarja) descaracterizando-a de forma a não permitir a identificação do sujeito fotografado, direta ou indiretamente;
- Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo;
- Que não haverá nenhuma despesa para mim;
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é Rosiene Omena Bispo, vinculada a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e com ela poderei manter contato pelos telefones:
 - (82) 3285-1322
 - (82) 9102-5204
- É assegurada a assistência do meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de.....
- Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de... Na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.
- De igual maneira, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo, este será reparado, conforme

determina a lei (ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Art. 247,) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, podendo ser encaminhado para a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação do meu representado no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA.**

Endereço da responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):
 Instituição: Rosiene Omena Bispo (pesquisadora responsável)
 Endereço: Rua Tiradentes nº 15
 Bloco: /Nº: /Complemento:
 Bairro: Tijuca /CEP : 57860-000/Cidade: São José da Laje/ AL
 Telefones p/contato: (82) 910252041

Endereço d(o, a) participante-voluntário (a) comf. Armando byra
 Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 32 / 03 / 02 Naturalidade: União dos Palmares
 Endereço: comf. Armando byra Nº: 32 Compl.: _____
 CEP: 57860 - 000 Cidade: S. José da Laje Estado: AL Telefone: (0) 92-99345-9527

Responsável Legal Rosivaldo Correia Lima (se aplicável)
 Identidade: 595.004 Órgão Expedidor: AL
 Data de Nascimento: 09 / 06 / 59 Naturalidade: S. José da Laje AL
 Endereço: comf. Armando byra Nº: 32 Compl.: _____ Telefone _____
 CEP: 57860 - 000 Cidade: S. José da Laje Estado: AL Telefone: 62 991267065

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Telefone: (82) 3214-1041 Fax: (82) 3214-1700 email: comiteeticaufal@gmail.com

Maceió, de de 2014.

Solene Raquel Vasconcelos Lima
 Voluntário

Rosivaldo Correia Lima
 Representante Legal

[Assinatura]
 Pesquisador Responsável

Assinatura Dactiloscópica

Voluntário	Representante Legal

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e / ou por seus representantes legais manifeste sua anuência à participação na pesquisa." (resolução, nº 466/12-IV, Conselho Nacional de Saúde).

Carionilson Vieira da Silva neste ato representado por mim,
Tedo Vieira da Silva (mãe/ pai e ou representante legal) está sendo convidado a participar como

voluntário (a) de um estudo denominado: **MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL** cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que os educandos aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente. E, recebi da responsável por sua execução, as seguintes informações que nos fez compreender sem dificuldade e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- O Projeto se destina a propor atividades que envolvam a múltipla linguagem – além da escrita manual (papel, lápis, caneta giz e lousa) e impresso (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, imagem, edição e diagramação;
- Que a importância desse estudo é a de ampliar o repertório cultural na direção de outros letramentos partindo das culturas de referência do alunado (local cultural e de linguagem por eles conhecidas);
- A participação no referido estudo será no sentido de realizar atividades que envolvam as múltiplas linguagens como proposta do multiletramento para verificar sua possível contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos nos processo por meio da efetivação de um plano de trabalho;
- Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como: melhorar as condições de vida social, possibilitar que ele leia e ou produza textos multimodais incorporando histórias sociais e culturais, contextos atuais e ações dos produtores de signos sobre o contexto comunicativo;
- Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;
- Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo;
- E que alguma imagem que possa a vir a ser usada com fins acadêmicos receberá tratamento (efeito gráfico, tarja) descaracterizando-a de forma a não permitir a identificação do sujeito fotografado, direta ou indiretamente;
- Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo;
- Que não haverá nenhuma despesa para mim;
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é Rosiene Omena Bispo, vinculada a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e com ela poderei manter contato pelos telefones:
 - (82) 3285-1322
 - (82) 9102-5204
- É assegurada a assistência do meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de.....
- Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de... Na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.
- De igual maneira, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo, este será reparado, conforme

determina a lei (ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Art. 247,) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, podendo ser encaminhado para a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação do meu representado no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA.**

Endereço da responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):
 Instituição: Rosiene Omena Bispo (pesquisadora responsável)
 Endereço: Rua Tiradentes nº 15
 Bloco: /Nº: /Complemento:
 Bairro: Tijuca /CEP: 57860-000/Cidade: São José da Laje/ AL
 Telefones p/contato: (82) 910252041

Endereço d(o, a) participante-voluntário (a) SÍTIO BOA VISTA
 Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 22/11/2000 Naturalidade: União dos Palmares
 Endereço: Sítio Boa Vista Nº: _____ Compl.: _____
 CEP: _____ - Cidade: UNIÃO DOS P Estado: AL Telefone: () _____

Responsável Legal PEDRO VIEIRA DA SILVA (se aplicável)
 Identidade: 1.220.920 Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 08/10/1966 Naturalidade: SÃO JOSÉ DA LAJE
 Endereço: Sítio Boa Vista Nº: _____ Compl.: _____ Telefone: _____
 CEP: _____ - Cidade: U Estado: AL Telefone: () _____

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Telefone: (82) 3214-1041 Fax: (82) 3214-1700 email: comiteeticaufal@gmail.com

Maceió, de de 2014.

Emmilson Vieira da Silva
 Voluntário

Assinatura Dactiloscópica

Pedro Vieira da Silva
 Representante Legal

[Assinatura]
 Pesquisador Responsável

Voluntário	Representante Legal

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

"O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e / ou por seus representantes legais manifeste sua anuência à participação na pesquisa." (resolução, nº 466/12-IV, Conselho Nacional de Saúde).

Rosiene Omena Bispo
 Rosiene Omena Bispo..... neste ato representado por mim,
 Rosiene Omena Bispo..... (mãe/ pai e ou representante legal) está sendo convidado a participar como voluntário (a) de um estudo denominado: MULTILETRAMENTO, HISTÓRIA E IDENTIDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL cujos objetivos e justificativas são: promover a reflexão sobre identidade como uma abordagem de ensino de Língua Portuguesa baseada nas múltiplas linguagens e no multicultural a fim de que os educandos aprendam a atribuir significados e hajam de modo autônomo socialmente. E, recebi da responsável por sua execução, as seguintes informações que nos fez compreender sem dificuldade e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- O Projeto se destina a propor atividades que envolvam a múltipla linguagem – além da escrita manual (papel, lápis, caneta giz e lousa) e impresso (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, imagem, edição e diagramação;
- Que a importância desse estudo é a de ampliar o repertório cultural na direção de outros letramentos partindo das culturas de referência do alunado (local cultural e de linguagem por eles conhecidas);
- A participação no referido estudo será no sentido de realizar atividades que envolvam as múltiplas linguagens como proposta do multiletramento para verificar sua possível contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos no processo por meio da efetivação de um plano de trabalho;
- Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como: melhorar as condições de vida social, possibilitar que ele leia e ou produza textos multimodais incorporando histórias sociais e culturais, contextos atuais e ações dos produtores de signos sobre o contexto comunicativo;
- Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Mas, alguns os incômodos que poderá sentir com a participação são as seguintes: que alguma particularidade de sua vida seja revelada e sua imagem exposta;
- Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo;
- E que alguma imagem que possa a vir a ser usada com fins acadêmicos receberá tratamento (efeito gráfico, tarja) descaracterizando-a de forma a não permitir a identificação do sujeito fotografado, direta ou indiretamente;
- Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo;
- Que não haverá nenhuma despesa para mim;
- Que eu receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Que a pesquisadora envolvida com o referido projeto é Rosiene Omena Bispo, vinculada a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e com ela poderei manter contato pelos telefones:
 - (82) 3285-1322
 - (82) 9102-5204
- É assegurada a assistência do meu representado durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da participação de.....
- Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de... Na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação.
- De igual maneira, caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo, este será reparado, conforme

determina a lei (ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Art. 247.) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências, podendo ser encaminhado para a UFAL – Faculdade de Letras, qualquer reivindicação nesse sentido.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação do meu representado no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, das responsabilidades, dos riscos e dos benefícios, **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHA SIDO FORÇADA OU OBRIGADA.**

Endereço da responsável pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):
 Instituição: Rosiene Ornela Bispo (pesquisadora responsável)
 Endereço: Rua Tiradentes nº 15
 Bloco: /Nº: /Complemento:
 Bairro: Tijuca /CEP: 57860-000/Cidade: São José da Laje/ AL
 Telefones p/contato: (82) 910252041

Endereço d(o, a) participante-voluntário (a) Marcelle dos Santos Silva
 Identidade: _____ Órgão Expedidor: _____
 Data de Nascimento: 02/04/2002 Naturalidade: V. das Palmeiras
 Endereço: Sítio Boa Vista Nº: _____ Compl.: _____
 CEP: 57800-000 Cidade: V. das Palmeiras Estado: _____ Telefone: (0) 9608 0488

Responsável Legal Leucinei de dos Santos Silva (se aplicável)
 Identidade: 1858395 Órgão Expedidor: 05/12/2008
 Data de Nascimento: 09/11/80 Naturalidade: S. J. da Laje
 Endereço: Sítio Boa Vista Nº: _____ Compl.: _____ Telefone: 9608-0488
 CEP: 57800-000 Cidade: V. das Palmeiras Estado: AL Telefone: () _____

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:
 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas
 Prédio da Reitoria, 1º Andar, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária
 Telefone: (82) 3214-1041 Fax: (82) 3214-1700 email: comiteeticaufal@gmail.com

Maceió, de de 2014.

Marcelle dos Santos Silva
 Voluntário

Leucinei de dos Santos Silva
 Representante Legal

[Assinatura]
 Pesquisador Responsável

Assinatura Dactiloscópica

Voluntário	Representante Legal